

PRE
SÍDIO
CEN
TRAL

GABRIEL
MICHELS



Copyright © 2019 by Gabriel Michels

2019

Todos os direitos desta edição reservados à
DIMAIOR BOOKS

GABRIEL MICHELS

PRESÍDIO CENTRAL

ÍNDICE

INTRODUÇÃO, 7 • O FIM DO COMEÇO, 8 • O COMEÇO DO FIM, 10 • DO MORRO DA TV AO MENINO DEUS, 16 • O PRIMEIRO ASSALTO, 24 • ABUSADO, 30 • PRÓXIMA PARADA: RODOVIÁRIA, 36 • NA BONJA, O GURI DA BICI, 40 • BALA PARA TODO LADO, 48 • DE RADINHO A SOLDADO, 56 • ZICA DE CADEIA, 62 • SACRILÉGIO?, 66 • ALMA APENADA, 72 • A BOCA DO PADRE, 78 • DESMANCHE DO SEQUESTRO, 83 • FOGO AMIGO, 88 • MISSÃO INGRATA, 94 • REVANCHE DO DESTINO, 99 • ÁGUA E CHAMAS, 102 • AS CELAS ENFEITADAS, 106 • PALITO E O GATORADE, 112 • O PRIMEIRO SINAL, 118 • CAMUFLAGEM NÃO É BRINCADEIRA, 122 • SÓ LAMENTO, 126 • O PALHAÇO SEM PENA, 133 • ÚLTIMA CARTADA, 136 • O SEGUNDO ASSALTO, 145 • O FIM DO COMEÇO, 151

INTRODUÇÃO

A raiva e o medo da violência, cada vez mais fora de controle em Porto Alegre, fazem com que muitos vibrem sempre que é noticiada a morte de um criminoso. Prender não chega a ser um alívio, afinal, muitas vezes a lei logo solta. Caso não solte, o preso estará apenas cursando um MBA na universidade do crime, também conhecida como Presídio Central.

Eu não sei se o inferno existe. Independente das crenças de cada um, tem coisas que só vamos ter certeza, ou não, depois que deixarmos esta vida. Porém, diferentes religiões, mitologias e filosofias o descrevem como um lugar de grande sofrimento e danação. Dentre os locais que eu posso afirmar que não são obras de ficção da mente humana, a maior casa de detenção do país é o que mais se aproxima dessa descrição.

Também não sei se existem pessoas ruins por natureza, mas acredito que em alguns casos as circunstâncias são implacáveis. É quando a sorte não sorri nem de canto de boca e o destino é sombrio. Hoje penso assim porque o acaso me fez dedicar tempo para ouvir o que conto neste livro.

Geralmente se escreve sobre alguém que saiu do nada e realizou grandes conquistas ou simplesmente teve sucesso na vida. Já a história do Di não inspira nem motiva, mas deixa qualquer um mais consciente de uma realidade nefasta. Além disso, analisar seu passado pode ajudar a esclarecer o nosso turbulento e perigoso presente.

O FIM DO COMEÇO

— Alô, Sr. Gabriel?

— Sim, é ele.

— Aqui é capitão Vieira do 11º BPM. Estou ligando pra informar que o seu veículo foi encontrado hoje pela manhã, no bairro Rio Branco.

— Ah, que bom. E quando eu posso pegar?

— Então, vai demorar um pouco pra ele ser liberado.

Era a segunda vez que meu carro havia sido roubado em menos de um ano, por isso eu já estava familiarizado com toda a burocracia. Nem fiquei lamentando novamente o fato de o ladrão levar alguns segundos para pegar o que não é dele e eu ter que preparar um dossiê para conseguir retirar o que é meu.

— Já sei, tenho que esperar a tal da perícia técnica ser feita. É isso?

— Na verdade vai ter que ser feita uma perícia maior.

— Por quê? O que houve com o carro?

— O problema não é o que houve com o veículo, e sim com o que estava dentro dele.

— O que tinha dentro dele?

— Um homem morto.

Fiquei mudo e desliguei o telefone. A ficha começou a cair. Não era apenas um cadáver que por acaso foi parar no banco do meu carro. Esse era um telefonema que eu nunca queria ter recebido. Porém, essa história começa com outra ligação.

O COMEÇO DO FIM

— Alô, com quem eu falo por gentileza?

— Gabriel.

— É o seguinte, fica calmo e se tu fizer o que eu mandar ela não vai se machucar.

Por um ou dois segundos, confesso, senti minhas pernas perderem a força, um arrepio na espinha e um breve frio na barriga. Sensações que costumam acompanhar a chegada de más notícias, mas que caíram com a minha ficha.

— Ela quem?

— Quem tu acha, Gabriel?

— Minha filha?

Eu não tenho filha. Joguei verde para colher maduro, mas muita gente cai nessa. Talvez se eu fosse mais desatento e tivesse falado o nome de alguém da minha família, eu teria caído também.

— Ela mesma, agora tu vai...

— Deixa eu falar com ela.

— Tá, mas só uma letra.

Nesse momento uma voz aguda, fingindo estar chorando muito, fala soluçando:

— Pai, socorro, me ajuda, eles estão me machucando.

Já tive a opinião de que para cair em um golpe assim a pessoa tem que ser muito ingênua. Mas imagina alguém que realmente tenha uma filha e que recebe uma ligação dessas no meio da tarde em um dia que está psicologicamente mais vulnerável. Dizem que a maioria das vítimas entra em uma espécie de estado de choque, ao ponto de ter certeza absoluta de que a voz se trata de quem eles dizem ser.

— Se tu desligar ou falar com alguém ela morre. O bagulho é o seguinte, não dá bandeira e vai até um caixa eletrônico.

— Não posso.

— Como não pode? Tá maluco, rapá? Tu quer que tua filha morra?

— Eu não posso porque eu tô comendo a tua irmã. Te fudeu, eu não tenho filha.

Quando ele responde, já parece ser outra pessoa. Não tem mais aquela pressa na fala para me pressionar:

— Puta que pariu, mas tu também te fudeu porque eu não tenho irmã.

Eu pensei que a reação dele seria a de ficar brabo ao ser desmascarado, mas, para a minha surpresa, ele achou engraçado e riu ao telefone. Levou na esportiva seu insucesso:

— Pensei que tinha te fígado, maluco.

— Vai continuar pescando?

— É o que me resta.

— Tu tá preso né?

— Podicrê.

O Presídio Central de Porto Alegre mantém acima de 4 mil encarcerados, o que corresponde a mais que o dobro da sua lotação. É considerada a pior penitenciária do Brasil. O esgoto escorre entre as frestas das paredes e trinta presos chegam a

ocupar celas onde caberiam cinco, amontoando-se em espaços sujos e precários. É onde ele estava.

— O que andou aprontando?

— Sou da Bonja, mano. Menos mal que eu tô aqui e não no cemitério.

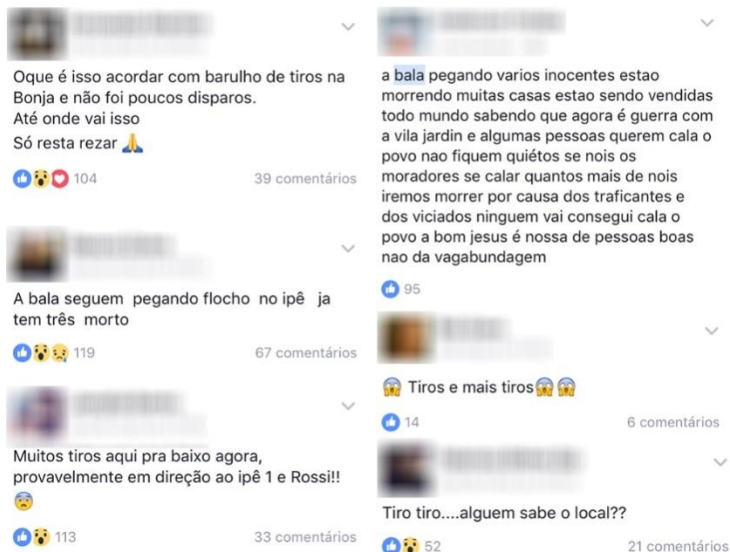
“Bonja” é o apelido do bairro Bom Jesus, um dos mais pobres e perigosos da capital gaúcha. Ao contrário de outras vilas, não fica na periferia, e sim próximo a bairros nobres e avenidas movimentadas da cidade. Tiroteios diários, assassinatos, casas queimadas, toque de recolher e medo em toda esquina é a rotina dessa zona imersa em uma guerra provocada pelo tráfico de drogas. A luta por poder faz com que qualquer um dos mais de 28 mil habitantes da Bonja possa virar alvo a qualquer momento. Criminosos são presos, ficam 2 anos no Central, e quando voltam às ruas querem recuperar seu espaço.

O nome “Bom Jesus” não deixa de ser irônico para um local abandonado por qualquer tipo de poder, seja público ou divino. Na maior parte de suas ruas, para qualquer lado que se decida ir, o que se vê são residências caindo aos pedaços, crianças, mulheres e homens encostados em muros, muitos trabalhando para o tráfico, cães de rua por toda parte e cemitérios de carros. O perigo do bairro não está apenas nos seus becos mais obscuros, pois também em alguns dos muitos casebres estão escondidos os reais donos da região: os traficantes.

Em uma das tensas ruas de chão batido do bairro, no dia 17 de março de 2016, a polícia encontrou um desses bunkers do tráfico. O local possuía muretas duplas de proteção e foram identificados buracos nas paredes, feitos para facilitar os disparos efetuados de dentro para fora. Os moradores da casa transformada em esconderijo haviam sido expulsos por bandidos da facção conhecida como Bala na Cara.

Há quem possa tentar rotular essa descrição do bairro Bom Jesus como preconceituosa, mas até mesmo muitos dos seus moradores atestam sua periculosidade. Além de divulgar áudios

dos tiroteios, que mais parecem ter sido gravados durante foguetórios em uma noite de réveillon, quem vive na Bonja e não tem vínculo com o crime costuma postar relatos de tensão e medo nas redes sociais.



Moradores narram em suas postagens a rotina perigosa do bairro.
Imagem: Reprodução/Facebook

Também nas redes sociais a comunidade se comunica através de grupos que servem como uma espécie de serviço de utilidade pública, onde há uma troca de informações a respeito dos locais que mais devem ser evitados. Postam sobre possíveis confrontos, ruas pelas quais ninguém deve circular e até mesmo repassando comunicados e ordens da facção que domina o bairro.

diferentes tipos de empresas. De uns tempos para cá, passei a escrever histórias sem a influência comercial que impõe a minha profissão. Porém, já fazia algum tempo que eu estava em busca de algo real para contar, mas com tantas informações que são compartilhadas hoje em dia, é muito difícil identificar uma vivência autêntica e interessante de ser narrada.

— Por que não me conta a tua jornada então?

— Tá me zoando? Tu é polícia ou o quê?

Esse seria o relato de alguém que não queria se vangloriar, muito menos aparecer. Se era realmente envolvente eu ainda não sabia, mas minha intuição dizia que sim. Era uma história genuína e eu queria saber mais sobre ela.

— Não sou da polícia.

— É pastor de igreja então? Quer me converter? Não fode, rapá. Já matei um padre se tu quer saber.

Nesse momento minha curiosidade cresceu ainda mais. Ele ter afirmado que já tinha matado um padre me soou como mais um sinal de que eu deveria investir tempo para escutar sua história. Porém, antes eu precisava convencê-lo a continuar falando comigo:

— Não sou de igreja nem religioso, mas eu gosto de escrever histórias. Quem sabe eu não possa escrever a tua?

— Não sou que nem os marrento que acha que o crime é o creme. Minha história não é bonita, é cabulosa.

— Desde quando uma história precisa ser bonita pra ser contada?

— Mano, já deu de gastar meus créditos contigo.

— Pensa no assunto, anota meu número aí e pode me ligar a cobrar na próxima vez.

Ele desligou e eu não fiquei com muita esperança de que me ligaria novamente.

DO MORRO DA TV AO MENINO DEUS

Eu já tinha até desistido da ideia de escrever sobre a vida de alguém que estava preso, mas, uma semana depois, meu telefone tocou e a chamada era a cobrar:

— Qual é, maluco? Vai escrever de mim no jornal? Na internet?

— Não sei ao certo ainda, mas eu estava pensando em um livro.

— Caralho, tu tá tri louco mesmo. O que tu quer saber então, doidão?

— Por que não começa me falando teu nome?

— Pode me chamar de Di.

— Di de Diego ou de Diogo?

— Não, maluco. Di de Di Maior, que já foi Di Menor e agora é só Di.

— E tu nasceu na Bonja mesmo?

— Não, no Santa Tereza.

Então começou a me contar da sua infância. Disse que sua mãe engravidou dele aos 14 anos de idade e que nunca conheceu seu pai. Depois ela teve outros três filhos com um homem muito mais velho. Moravam todos em um mesmo barraco no Morro Santa Tereza, mas o padrasto nunca gostou dele.

— Quando eu tinha uns 5 anos ele deu a letra pra mim procurar meu pai, porque não ia mais me bancar.

— O que tu fez?

— Fui atrás da minha vó, a que eu sabia da existência, mas a velha tava com um pé na cova por causa do cigarro.

— Tu ficou morando com ela?

— Não, maluco. Ela tava no hospital já. E a velha não tinha mais um puto sequer guardado. Deu a merreca que tinha pra igreja. Aí desci o morro e comecei a dormir na rua.

É difícil acreditar que uma mãe possa ficar apenas assistindo enquanto outra pessoa expulsa seu filho de casa, mas depois ele me disse que ela só se importava em conseguir uma próxima pedra de crack, assim como seu companheiro. Ficou mais fácil de entender o que acontecia naquele pequeno barraco.

— Se fosse pra escolher entre eu ou a pedra, minha mãe ficava com o cachimbo na mão sem pensar duas vez.

Está certo afirmar que essa é uma droga que mata rápido. As pessoas tendem a pensar que é por overdose, mas não é o que acontece na maioria dos casos. Claro que ela destrói a saúde do usuário, porém, mais de 90% das mortes relacionadas ao crack são causadas pela violência em torno do vício. Ou o viciado mata para roubar uma pedra ou é morto por dívida com traficante, o que foi o caso da mãe e do padrasto do Di.

— Como tu ficou sabendo que eles morreram?

— Tinha vez que eu subia o morro e ficava espiando o barraco. Aí quando eu via que aquele mané não tava eu batia na porta pra pedir um rango pra minha mãe.

— Ela te dava?

— Não. E ainda tomava minha grana que eu conseguia pedindo no sinal.

Envolvido com o relato, senti uma instantânea raiva da mulher que eu acabara de saber da existência. Porém, logo em seguida, confesso que o fim que ela teve me trouxe uma espécie de alívio, ou até mesmo prazer. Mesmo sendo a mãe dele, me senti vingado pelo Di quando criança.

— Um dia eu tava olhando de longe, pra ver se meu padrasto saía. Aí vi dois maluco entrar no barraco e ouvi uns tiros. Quando saíram eu fui espiar e vi que eles tinham passado a minha coroa e aquele bosta.

Isso é bem comum no Morro Santa Tereza, também conhecido como Morro da TV. Mesmo sendo o local onde estão as sedes e torres das principais emissoras de televisão e rádio do estado, é mais um ponto da cidade em que o comércio e consumo de drogas está por toda parte. Não é preciso entrar muito nas ruas mais sinistras para ver viciados atirados pelas calçadas ou perambulando como se fossem zumbis. Visando a próxima pedra, em sua maioria cometem pequenos roubos e furtos para trocar o que conseguem por crack.

Assim como em todas as regiões mais pobres de Porto Alegre, além do tráfico também há a guerra que ele gera. No dia 22 de abril de 2016, a morte de um jovem chamou a atenção na Rua Dormênio. Quando o corpo foi encontrado pela polícia, ele vestia um colete repleto de granadas artesanais que ficavam presas ao tórax. Um grupo de traficantes teria dado 10 pedras de crack para a vítima invadir um beco, onde estavam integrantes da facção que domina o morro, e detonar os artefatos. Em um ato de quem já não pensa em mais nada além de conseguir um novo momento de euforia tóxica, o viciado topou se explodir em troca da droga. Porém, ele consumiu tudo de uma só vez e chegou tão chapado para a missão suicida que se aproximou do alvo gritando repetidamente que todos iriam morrer. Isso alertou os traficantes do beco que o abateram a tiros antes que ele conseguisse acionar as granadas. É o tipo de morte que não surpreende mais os moradores locais. Eles estão acostumados com os barulhos de explosões e disparos de metralhadora e fuzil que ecoam por todo o Morro da TV durante as madrugadas.

Em maio de 2016, foi encontrado um cemitério clandestino na Vila Buraco Quente, que é a área mais perigosa do Morro Santa Tereza. O local era utilizado para a desova dos incontáveis corpos de viciados e traficantes mortos pelo bando que domina a região. Porém, as balas não vitimam apenas quem tem envolvimento com o comércio de drogas. Na mesma rua em que o jovem homem-bomba sem ideologias morreu, três meses antes, um menino de 4 anos já havia sido atingido por uma bala perdida após um intenso tiroteio.

Crianças atingidas por balas perdidas não são uma exclusividade do Morro Santa Tereza. Também em maio de 2016, um menino de 10 anos acabou levando um tiro no peito enquanto jogava futebol. Ele ficou em meio ao fogo cruzado provocado por um acerto de contas entre traficantes. Durante o longo tempo em que aguardava o corpo do filho ser liberado pelo sobrecarregado Departamento Médico Legal (DML), o pai do menino contou que ele já não saía muito de casa por causa da violência local, mas que não abria mão de ao menos jogar bola por alguns minutos em uma praça que ficava a poucos passos da sua casa. Ele morava no bairro Farrapos, a algumas quadras da rua onde uma mulher foi presa por utilizar um bebê de 8 meses para traficar. Ela escondia pedras de crack nas roupas e na fralda da criança, além de utilizá-la para evitar abordagens policiais.

Mesmo fora dos bairros dominados por traficantes, qualquer um pode ser encontrado por uma bala perdida em Porto Alegre. No primeiro dia de 2017, recebi um vídeo de um amigo mostrando um buraco no para-brisa do seu carro. Então ele abre a porta do veículo e encontra um projétil no banco do motorista. Ele havia estacionado exatamente em frente ao meu local de trabalho, onde eu costumo estacionar quase que diariamente. O primeiro dia do ano é um feriado universal. Talvez essa tenha sido a minha sorte.

Não existe região segura na cidade, mas ainda é possível mapear as mais hostis. A zona do Santa Tereza acabou se tornando tão perigosa que as pessoas evitam frequentá-la até mesmo durante o dia. Isso faz com que os viciados desçam o

morro até o bairro Menino Deus, onde atormentam os moradores, trabalhadores e estudantes da região. Em março de 2016, um adolescente de 17 anos foi esfaqueado a caminho da aula. O agressor, que atuava como flanelinha, foi preso dias depois enquanto dormia na calçada a uma quadra da escola da vítima, quase no mesmo local do crime. Ele alegou que só queria pegar o que estava dentro da mochila para trocar por pedras de crack.

É esse tipo de impulso impensado e insaciável para consumir a droga que ficou na lembrança do Di, sempre que ele pensava em sua mãe:

— Não tenho na minha memória como era a minha mãe.

— Mas não lembra nem do rosto dela?

— Não. Na minha lembrança sempre tem um isqueiro piscando perto da boca dela e um monte de faísca que tapam a cara.

— Pelo jeito ela fumava muita pedra.

— É só o que sei que ela fazia.

— Não lembra da altura dela? Cor de cabelo? Nada?

— Só lembro que tinha os dedos pretos.

Os fumantes dessa droga têm os dedos sujos e cada vez mais queimados. Entorpecidos, nem percebem quando o fogo toca a pele. Os supercílios também diminuem com a ação das chamas. Isso fora os demais efeitos devastadores à estética e a todo o organismo do usuário. É por isso que eu costumo olhar os dedos dos pedintes antes de decidir se dou ou não esmola. Se vejo que estão queimados, prefiro não contribuir com o vício, pois muito provavelmente o dinheiro que eu daria seria usado para comprar uma pedra de crack em menos de meia hora.

Eu vivi a maior parte da minha infância no Menino Deus, que nos anos oitenta e noventa era conhecido por ser um bairro tranquilo e muito arborizado. Nos últimos tempos só é lembrado pelos crimes diários e revoltas de moradores. Irritados com a falta

de segurança, eles fazem justiça com as próprias mãos, imobilizando e até mesmo espancando assaltantes e ladrões. As ruas continuam arborizadas, mas os acontecimentos sinistros já se banalizaram e sequer viram notícia, como o caso de uma mulher que ocultou o corpo da filha de dois meses em um matagal na rua Dona Augusta, em outubro de 2016. Ela afirmou que a menina havia amanhecido roxa e, por isso, enrolou-a em um cobertor e a deixou no mato. A polícia foi acionada pelo pai da criança, que já não vivia com as duas e, em uma tentativa de visitar a filha, foi informado pela ex-mulher o que havia acontecido. Ele era um foragido e também foi detido no local.

Para o Di, o destino de seus meios-irmãos ficou desconhecido. Já tinham sido recolhidos pelo Conselho Tutelar quando os pais morreram. Ele nunca mais os viu. Talvez, se não tivesse sido expulso pelo padrasto, ele também teria sido levado com eles e a história poderia ter sido outra.

— Como uma criança de cinco anos vive na rua?

— Como qualquer mendigo, mano, só que na versão menor.

Dos cinco aos sete anos ele mendigava nas sinalleiras da cidade e dormia embaixo de um viaduto na Av. Borges. Depois passou a trabalhar de flanelinha na Rua Barbedo, no Menino Deus. Até que certo dia um homem deixou a chave de seu carro com ele, para ser lavado por dentro e por fora. Seu olho brilhava quando alguém lhe pedia a lavagem completa, mas, segundo o Di, não era sempre que isso acontecia:

— Era cinco pila só a lataria e a geral dava dez pila. Quando rolava a completa, tava feita a minha semana.

Estava lavando o capô quando um ladrão chegou por trás e encostou uma arma em sua cabeça. Nem precisava, afinal, tratava-se de um menino. O problema do roubo do carro é que o dono havia deixado a chave com o Di. Ele poderia fugir do local ou contar a verdade. Decidiu pelo certo e quando o proprietário chegou disse a ele exatamente o que havia acontecido. A partir daí

o correto seria chamar a polícia, fazer o boletim de ocorrência e contribuir com as estatísticas, mas a decisão foi outra:

— O dono da caranga fazia essas parada de desenhar prédio.

— Engenharia? Arquitetura?

— Isso, essas parada mesmo. Aí ele chamou dois gorila que trampavam na obra com ele ali perto e eles disseram que eu era comparsa do vagabundo.

Levaram o Di para dentro da obra, lhe deram uma surra e disseram para ele nunca mais voltar naquela rua. Não foram apenas uns tapas ou um leve puxão de orelha:

— Eles quebraram meu tornozelo aquele dia. Até hoje eu ando meio rengo.

— Não foi a um hospital?

— Que nada, ninguém me disse que eu podia ir a um hospital. Fiquei mó tempão gemendo de dor. Nunca mais guardei carro na vida. E sabe o que é pior, escritor? Tenho por mim que o filho da puta que levou o carro também trampava naquela obra.

— Puta que pariu, Di.

— Aí, vou ter que desligar que os homi tão na área.

— O Di, só mais uma pergunta entes de desligar. Quando criança tu nunca pensou em estudar?

— Também ninguém nunca me disse que eu podia.

Putz... O que me veio à cabeça foi aquela expressão típica do Rio Grande do Sul, que é “me caiu os butiá do bolso”. Usamos quando estamos impressionados, assustados ou estupefatos. Isso porque o butiá é uma fruta pequena, um pouco maior que uma bolinha de gude, dando a ideia de que, quando se para de supetão, ele facilmente cai do bolso.

Di, depois de ser espancado por três adultos e sem ter em quem confiar, conseguiu cambalear até embaixo de uma ponte

onde se escondeu para chorar na companhia de um cobertor sujo. Após semanas de dor, utilizando tábuas como muletas, o osso deve ter calcificado fora do lugar, fazendo com que ele ande mancando até hoje. Esse “ninguém nunca me disse que eu podia”, sobre ir à escola ou ao hospital, me fez cair os butiá do bolso.

O PRIMEIRO ASSALTO

Passaram dias sem que ele ligasse. Comecei a pensar até que o celular dele teria sido confiscado. Ele também poderia ter esquecido meu número. Se um dia ele simplesmente não ligasse mais, não haveria nada que eu pudesse fazer. Não tinha seu número, pois sempre me ligou de um não identificado, nem ao menos seu nome verdadeiro. Eu simplesmente teria um livro inacabado em um arquivo de Word.

Eis que o telefone toca e eu estou dirigindo. Encostei o carro para poder falar. Era proibido parar naquela altura da avenida, mas eu não queria perder aquela ligação:

— Qual é, escritor?

— Pensei que tinha perdido meu número ou que tivessem confiscado teu celular.

— Teu número tá anotado na minha mente. O celular se pegam eu só levo uns cola-brinco dos homi, mas depois pego outro nos mocó.

“Mocó” é o nome dado ao local onde os presos escondem celulares, drogas e armas. São buracos que eles fazem nas paredes das celas, colocam o que querem dentro, e tapam novamente com sabão ou pasta de dente. Depois pintam tudo com a mesma cor da parede para camuflar o esconderijo. Isso faz com que os interiores das celas fiquem cada vez mais danificados.

— E se os homi já tiverem achado o mocó eu dou meu jeito de conseguir outro.

São encontrados pela Brigada Militar em torno de sete aparelhos de celular por dia no Presídio Central. Eles são arremessados por cima dos muros e carregados por pombos-correios, que muitas vezes não aguentam o peso e caem ainda do lado de fora. Também são colocados no interior de bolas de futebol que são chutadas do lado de fora para que os presos peguem do lado de dentro da cadeia. Nas entrelinhas, o Di chegou a citar essa prática:

— Como que tu dá teu jeito?

— Eu sou goleiro, cumpadi.

— Gosta de jogar futebol, Di?

— Não, mas eu sou goleiro.

— Na linha tu não joga?

— Tu esqueceu que eu sou manco, caralho?

— Por isso tu só pega no gol?

— Mano, tem veiz que tu é devagar nas ideia. Eu não tô falando de futebol.

Demorei um pouco para entender do que ele estava falando. As bolas voam tão recheadas e pesadas que realmente tem que ser um bom goleiro para evitar que elas caiam no chão do pátio, o que pode danificar por completo os aparelhos.

Não é apenas para transportar drogas e aparelhos de celular que uma bola entra no presídio. Um dos únicos momentos em que integrantes de diferentes facções se cruzam dentro do Central é durante o campeonato de futebol anual, que acontece em um pequeno campo de cimento. Sob a mira das armas dos guardas, alguns mostram muita habilidade, apesar da quadra precária e da falta de calçados apropriados para o esporte. Possivelmente ex-jogadores de futebol que não tiveram sucesso na carreira e, sem estudo ou uma profissão em vista, acabaram

entrando para o mundo do crime. Também há aqueles que mal sabem dar um passe, mas participam para ocupar a mente e passar o tempo que parece ser interminável dentro do cárcere. Geralmente, o time dos que trabalham na cozinha é o grande favorito para levantar a taça, já que é formado pelos presos que melhor se alimentam e têm mais energia para encarar as várias partidas.

— Não tenho intimidade com a gorduchinha, mas nós precisa dela. Temo que dibrá os porco pra conseguir trampar aqui dentro.

— Agora que eu entendi, Di. Pensei que tu curtia uma pelada.

— Mano, não fala essa palavra.

— Que palavra?

— “Pelada”. Tô enjaulado aqui e tu vem com esses papo? Não atíça a minha tirissa, pai. Daria um dedo do meu pé bom em troca de um rabo de saia.

Em dezembro de 2014, foi instalado um escâner corporal, no qual os visitantes nem precisam tirar a roupa para ingressar na penitenciária. Antes disso, muitas das mulheres dos detentos conseguiam entrar com drogas e objetos introduzidos nas partes íntimas, embrulhados em preservativos.

— Como que esse celular entrou aí?

— Esse aqui entrou onde eu não entro faz um tempão. Dentro de uma mina.

O fato de eu rir toda vez que um de nós tentava ser engraçado deve ter ajudado para que ele se abrisse mais, sem desconfiança. Contou-me inclusive como seria o golpe no qual eu não caí. Na execução perfeita, eu iria até um caixa eletrônico, retiraria tudo o que tivesse em conta e entregaria para um comparsa dele aqui fora. Se por algum motivo eu não pudesse ir a um terminal do meu banco, ele me orientaria a comprar altos valores em créditos para celular com meu cartão de crédito.

— Se mordeu a isca não tem erro, aí é só meter pressão pra que tudo role rápido.

O papo vinha bem, ele estava a fim de conversa naquele fim de tarde. Porém, não é nada aconselhável ficar parado dentro do carro, falando ao celular, em Porto Alegre. Quando se é assaltado nessas circunstâncias, acaba que você se sente culpado e não vítima. E foi exatamente como eu me senti. Lembro de ter ficado com as duas mãos no rosto, sentado no meio-fio da calçada, me condenando por ter dado aquele mole. Além do carro, da carteira e do celular, perdi a minha conversa com o Di. Agora, imagine eu tentando entender um cara que está na prisão e chegam dois adolescentes, um deles armado, e me impedem de fazer isso. Se eu ainda tinha algum butiá no bolso, eles desceram rolando pela Av. Lucas de Oliveira enquanto eu caminhava procurando um orelhão que funcionasse para chamar ajuda.

O assalto acontece muito rápido, mas o pior vem depois. Para encarar a irritante burocracia, que se apresenta nas faces desmotivadas dos atendentes de balcão, é preciso ter uma paciência budista. Quem dera eles fossem tão ágeis quanto aqueles delinquentes juvenis. Antes, uma tentativa ingênua de rastrear o celular, que já deveria ter sido vendido por R\$ 20 a uma assistência técnica que compra para reutilizar as peças. Na hora de fazer o B.O., não escapei de ouvir aquele “você teve sorte” de praxe vindo do policial de plantão, querendo dizer que eles poderiam ter atirado na minha cabeça. O local onde eu tentei entrar na fila para pedir uma nova Carteira de Identidade, ironicamente chamado de Tudo Fácil, estava fechado. Havia sido depredado por seus próprios funcionários durante uma greve. É por essas e outras que refazer cartões e documentos no Brasil equivale a uma ressaca de vinho de garrafão.

O carro foi encontrado no bairro Bom Jesus, mas o que eu queria mesmo era receber o valor da seguradora. Vai saber o que esses caras fizeram com ele, dirigindo e cometendo crimes pela cidade. Já com o meu número de celular recuperado e um aparelho novo em mãos, passaram-se duas semanas até que o Di me ligasse novamente. Foi bom ter demorado esse tempo, porque

eu estava bastante irritado nos dias seguintes ao assalto e provavelmente ele conhecesse aquela dupla. Se eu misturasse as coisas, poderia descontar minha raiva nele e perder o contato definitivamente.

— Qual é, escritor. Ouvi a gritaria. Te meteram?

— Sim, e provável que tu conheça quem fez, porque meu carro tava na Bonja.

— Porra, te zoaram?

— Não, só levaram minhas coisas, mas não tocaram em mim.

— Tu é dus meu, vou descobrir quem foi e mandar te devolver as parada.

— Não esquentá com isso, tá tudo em casa já.

— Nem quer saber quem foi, mano?

— Esquece isso. Me conta mais da tua infância.

Sempre que nossa conversa fugia da trajetória de vida do Di, eu desconversava e retomava o foco. Era importante manter um certo limite sobre o que a gente falava. Não queria que ele pensasse que eu poderia fazer algo aqui fora a seu pedido, assim como eu pretendia jamais pedir algum favor a ele. Apenas queria saber sobre sua história de vida, que até então era absolutamente sofrida. Acho que ele percebeu isso, pois deixou a entender que sabia desse meu pensamento:

— Não fica bolado, escritor, não vou te pedir nada. E é bom que tu também não queira auxiliar a minha pessoa.

— Por quê?

— Sempre que alguém quis me ajudar foi pra me foder depois.

Ele não disse isso da boca para fora. Esse pensamento fazia mais sentido do que eu imaginava. Foi só continuar

escutando sobre a sua infância que eu entendi a origem dessa rejeição por receber ajuda.

ABUSADO

Após o episódio do espancamento, durante algumas semanas o Di ficou apenas deitado embaixo do viaduto, erguendo uma das mãos a quem passava. Uma vez que outra alguém lhe dava uma moeda. Com o que conseguia arrecadar, comprava uma barra de chocolate por dia de um vendedor ambulante. Assim ele evitava ter que caminhar até algum local onde poderia comprar alguma comida. O tornozelo ainda doía bastante.

— Também tinha uma senhora que dava restos de comida pra eu e pros outros que dormiam por ali.

Em certo momento ele percebeu que as pessoas não se aproximavam mais para lhe entregar moedas. A triste realidade é que não suportavam o cheiro de um menino que já completava algumas semanas sem tomar banho. A fome o fez levantar para ir mancando e com dor atrás de comida.

— Ainda doía o teu tornozelo?

— Se doía? Pra caralho! Imagina que tem um prego cravado no teu tornozelo. Tu sentiria dor?

— Claro que sentiria.

— Agora imagina um maluco martelando esse prego o tempo todo, batendo mais forte ainda se tu tenta caminhar. É assim que doía a porra do meu tornozelo.

Inspirado no vendedor ambulante de chocolates, comprou algumas balas de goma para revender a pedestres do centro da cidade. Para não afastar os clientes, tomava banho em um espelho d'água no Parque da Redenção.

— Havia muitos meninos de rua na mesma situação que a tua?

— Claro, por tudo que é canto.

— Não fez amizade com algum deles?

— Não, porque todos cheiravam cola e fumavam crack. Eu queria ficar longe das porcaria.

A grande herança deixada por sua avó foi um único conselho que ela lhe deu, entre uma tossida e outra, um pouco antes de morrer:

— A velha disse que minha mãe ia morrer por causa da pedra e que se eu fosse no mesmo caminho ia apanhar dela quando chegasse no céu.

Realmente a mãe dele logo morreu por causa do crack. Ver outras crianças delirando e definhando enquanto cheiravam cola talvez não assustasse tanto se ele não associasse isso a morte. Nada como um conselho de vó.

— Tu respeitava ela pelo jeito.

— Na real eu tinha medo de morrer, não da surra dela. Até porque eu não vou pro céu.

Ele estava certo em ter medo de morrer mesmo quando criança. Os traficantes não têm pena nem olham idade ou sexo antes de eliminar qualquer um que atrapalhe seus negócios. Como no fim de 2016, na região metropolitana, quando o corpo de um menino de 13 anos foi encontrado com um machado cravado na cabeça. Ele era usuário de drogas.

— Neginho que fuma pedra dá soco em ponta de faca.

— Que bom que tu tem essa consciência.

— É, mano, mas não me tira pra bonzinho, porque eu não uso, mas vendo essas merda.

Apesar de já ter passado por poucas e boas, sem amigos ou família, ele ainda era vulnerável como qualquer criança sozinha no mundo seria. Havia um homem já idoso que lhe comprava dois pacotes de bala toda a vez que o via. Sempre perguntava como ele estava, onde dormia e se mostrava preocupado com o menino que vivia na rua.

Certo dia, ele disse morar por perto e que poderia lhe preparar algo para comer em sua casa. Sempre com fome, o Di não titubeou. Era um senhor de voz calma e cabelos brancos, usava óculos escuros e sempre uma mesma boina xadrez. Preparou uma massa com salsicha que foi aniquilada em tempo recorde.

— O velho mandava bem no rango. Aquela massa tava boa pra caralho.

Durante o jantar, lhe ofereceu chuveiro e uma cama, caso quisesse passar a noite. O Di recusou naquela e em outras noites, pois já estava acostumado a dormir na rua. Nem lembrava direito o que era uma cama. Contou que para beber ganhava sempre um suco de uva, mas que não gostava muito porque o gosto era meio amargo. Na verdade, o que o homem servia em abundância em seu copo era vinho.

Fiquei desconfortável e muito irritado enquanto escutava essa parte do relato. Eu já imaginava qual teria sido o final daquela parte da história da sua infância.

— Tu confiava nele?

— Sim. Infelizmente eu não identifiquei a maldade no tiozinho. Foi a primeira pessoa que eu confiei na vida.

O inverno chegou e naquela noite fazia um frio de rachar em Porto Alegre. O Di já havia tomado muito vinho. De alguma forma aquele suco de uva esquisito lhe esquentava o corpo. O senhor, que dizia se chamar Valdir, ofereceu um cobertor e disse a

ele que deitasse um pouco. Um tanto zozzo e gostando da ideia de fugir da chuva gelada que começava a cair, o Di andou até a cama onde apagou em segundos. Acordou com as mãos amarradas na cama e o homem terminando de amarrar também os seus pés. Em uma história de ficção é neste momento que ele dá um chute na cara do vilão, consegue se soltar e foge ileso. Porém, infelizmente o desfecho foi outro e ele não conseguiu escapar.

— Te disse que quem quis me ajudar foi pra me foder depois.

Eu não sabia que ele estava tentando ser literal na primeira vez que me disse isso. Depois de amarrar o Di com cordas de varal, o homem saiu do quarto e voltou completamente nu. Ao ver os punhos e calcanhares do menino sangrando, por tentar desesperadamente se soltar, ele subiu na cama e o chutou várias vezes na região das costelas. A televisão estava com o volume no máximo para abafar os gritos, que no início eram de socorro e logo passaram a ser de dor, enquanto o homem o violentava e gravava ao mesmo tempo com uma antiga câmera filmadora.

O estupro se repetiu por três dias seguidos, os quais ele passou amarrado e sem roupa, tremendo de frio e medo ao mesmo tempo. O homem o soltou sob o aviso de que, se ele contasse a alguém o que havia acontecido, seu vídeo seria divulgado em todas as televisões da cidade. Por ser criança ele acreditou na ameaça, mas não ligou muito. Afinal, ele não tinha família ou amigos de quem poderia se envergonhar. Contar o que aconteceu para alguém também não parecia uma ideia útil no seu ponto de vista:

— Aí tu contou pra alguém?

— Tô contando agora.

— Sim, mas na época não falou pra ninguém?

— Contar pra quem, mano? Pra quem e pra quê?

Confesso que depois de ouvir essa parte da história comecei a me perguntar se ela era verdadeira. Não é possível que quando criança ele já havia sido espancado e estuprao, além de expulso de casa sob o olhar passivo da própria mãe. Mas por que ele inventaria isso? Acho que eu queria me convencer de que aquilo não havia acontecido. Também me questioneei se deveria escrever essa parte do relato, mas não contar seria omitir um dos motivos pelo qual sua personalidade foi contaminada pela maldade humana.

— Por causa de que eu ia inventar uma porra dessa? Tu acha que eu gosto de falar pros outros que um velho me fez?

— Não, Di. Só fiquei chocado e revoltado.

— É, mas foi esse tipo de merda que rolou quando eu era piá.

Poucos dias depois, eu sento em uma cafeteria e, enquanto aguardo meu café preto com pão de queijo, olho para a mesa ao lado onde estão alguns jornais espalhados. O que sobrepunha os demais estampava a manchete: “Menina diz ter sido abusada por taxista”. O relato dela, que contou como o motorista desviou a rota para estuprá-la em uma rua deserta, é tão chocante quanto os dados que a matéria trazia. O Departamento Estadual da Criança e do Adolescente registra um caso por dia de violência sexual contra menores de idade em Porto Alegre. Isso só os casos registrados. Somando-se a esses os abusos em que a vítima não conta, seja por medo ou por não entender o que aconteceu, certamente o número é muito maior. Provavelmente, uma criança deve estar sendo violentada neste exato momento em algum ponto da capital gaúcha.

Acho que quando paramos de nos alienar sobre determinadas situações, passamos a perceber que elas são muito mais frequentes do que imaginamos. Isso porque, poucos dias depois, mais uma notícia estampou por algumas horas a página principal de um dos sites que costumo acessar para acompanhar as notícias locais. Um idoso foi preso porque abusava da própria filha de 12 anos. Ela contou à mãe que sofria abusos do pai desde

os cinco. Até aí, infelizmente, nenhuma novidade dentro dessa triste realidade. O detalhe que deixa esse caso ainda mais macabro é que o homem trabalhava como Papai Noel há mais de 30 anos em Porto Alegre. Em shopping centers e lojas espalhadas pela cidade, sempre que chegava o mês de dezembro, milhares de crianças sentavam no seu colo para contar o que gostariam de ganhar de presente.

Outro caso foi revelado no fim de 2016. Uma investigação sobre o esfaqueamento de um homem acabou descobrindo, ao acaso, a exploração sexual de duas meninas, de 9 e 14 anos, no bairro Jardim Carvalho. A mãe permitia o abuso, filmava e depois extorquia os abusadores. Um vídeo do padrasto passando creme pelo corpo de uma delas foi encontrado em um celular que a polícia estava analisando. Além disso, uma imagem que mostra um idoso estuprando a mais nova, que era deficiente mental, também estava no aparelho. A polícia foi em busca das menores e encontrou uma delas abandonada em uma casa, em meio a cachorros e animais mortos.

As duas meninas foram resgatadas, mas não foram salvas. O que perderam não há como devolver a elas. Já o trauma será levado por toda a vida, gerando desconfianças, transtornos e muitos outros sentimentos destrutivos. No caso do Di, o mais forte deles foi a vingança.

PRÓXIMA PARADA: RODOVIÁRIA

Após o abuso, o Di voltou a ficar acuado e preferiu mudar de paradeiro. Não queria correr o risco de cruzar com o velho novamente:

— Hoje é meu sonho cruzar com aquele velho filho da puta, mas naquele tempo eu tinha medo ainda.

— Por que tu gostaria de cruzar com ele?

— Pra que tu acha, mano?

— Mataria ele?

— Lógico, maluco! Mas antes ia cortar o pau dele fora, ia fatiar picadinho e ia fazer ele comer com massa. Massa com a salsicha daquele covarde de merda.

Ele saiu de onde costumava vender balas de goma, mas não foi muito longe, já que ainda não conseguia caminhar direito. Além do tornozelo, provavelmente ele também estava com uma costela quebrada, devido aos chutes que recebeu na cama do velho:

— Se tinha mais algum osso quebrado eu não sei dizer pra tu. Só sei que ficou mó tempão doendo toda vez que eu puxava mais forte o ar pra respirar. Se batia perna eu ficava todo fudido.

Após alguns dias sem rumo, mas também sem condições de percorrer grandes distâncias, começou a frequentar e dormir na rodoviária e proximidades.

— É onde eu consegui ficar sem ninguém me expulsar. Ou tu acha que eu podia entrar em shopping?

— Tu era expulso quando entrava em algum shopping?

— Nem conseguia entrar. O segurança já me barrava na entrada. Quando fazia muito calor eu ficava perto da porta. Toda vez que ela abria vinha um ar gelado. Era uma maravilha. Mas eu sabia que o shopping não era pra gente que nem eu.

— E na rodoviária tu podia ficar?

— Sim. Como já tinha um monte de moleque mendigando lá eu vi que ali eu podia ficar.

Na rodoviária havia muitos meninos trabalhando de engraxate, mas ele no máximo pedia uma esmola para quem passava, sem dar papo a ninguém. Por tudo o que já havia passado, só conseguia sentir uma mistura de medo e ódio das pessoas. Passava todo seu tempo sentado em frente a um pote vazio de margarina, onde raramente pingavam algumas moedas. Via muita gente passando e criminosos em ação, desde batedores de carteira até golpistas.

— Lá tinha mais nego roubando do que viajando.

Em 2015, a cada 47 minutos uma pessoa registrou ocorrência por assalto ou furto no centro da cidade, onde fica a rodoviária. Isso, mais uma vez, só os casos registrados. Entre os ataques diários mais recentes, um dos que foram registrados pelas câmeras de segurança chamou a atenção da imprensa. As imagens mostraram dois adolescentes e um adulto roubando um cadeirante, que caiu no chão e tentou segurar um dos meliantes pelos pés. Acabou sendo arrastado por metros.

Durante o tempo em que o Di passou lá, os números não eram tão alarmantes, mas já era bem perigoso para os mais desatentos. Contou lembrar-se de um homem que se aproximava

de viajantes, principalmente idosos. Ajudava, conversava e ganhava a confiança de quem lhe dava alguma atenção. Então oferecia uma bala, onde havia injetado sonífero, ou um refrigerante batizado. Não demorava muito até que suas vítimas pegassem no sono, debruçadas em uma mesa de bar. Quando acordavam, já haviam perdido todos seus pertences, incluindo carteira e malas. Para mim foi novidade saber que o golpe conhecido como “Boa Noite Cinderela” transcende festas e boates.

— Sério, Di? Ele apagava muita gente?

— Sim. O maluco botava um pra dormir de manhã e outro de tarde.

— E ninguém fazia nada?

— Nada, mano. Ele dividia a grana com o dono do bar que dava cobertura pra ele.

— Como ele dava cobertura?

— Ficava de olho pra garantir que não tinha nenhum polícia por perto e indicava pro outro com a cabeça quem ele achava que tinha a carteira mais recheada.

Ele também via outras crianças da sua idade comemorando a cada furto que conseguiam realizar. Erguiam as carteiras como se fossem troféus. Havia uma espécie de acordo com os seguranças da rodoviária, que não conseguiam evitar os batedores de carteira mirins. Isso porque mesmo quando eram detidos e retirados do local, não demorava muito para que voltassem. Então o combinado era que eles pegassem apenas o dinheiro e deixassem as carteiras em um local específico, onde os seguranças já sabiam que iriam encontrá-las. Isso amenizava o prejuízo das vítimas que, em sua maioria, nem davam queixa na polícia.

Como já havia dito, ele não se enturmava nem fazia amizades. Porém, houve um dia em que um desses meninos chegou mais perto, se apresentou como Palito, e perguntou se o

Di estava com fome. Ele apenas assinalou com a cabeça, afirmando que sim. Não poderia ser diferente:

— Acho que já tinha umas duas semanas que eu só comia o que achava em lata de lixo.

O menino tirou da cueca R\$ 20, que acabara de furtrar, e deixou em seu pote vazio de margarina. Isso se repetiu algumas vezes, com diferentes valores, mas o Di sequer agradecia.

— Eu não queria fazer amizade, mas também não podia recusar aquela grana que tava me quebrando um galho.

Até que um dia o tal do Palito tentou roubar um viajante que percebeu a carteira saindo do bolso e o segurou pelo braço. Após dar um soco e uma rasteira no pequeno ladrão, sentou-se em cima dele para que não fugisse. O homem, que era gordo e devia pesar mais de 100 kg, gritava chamando pela polícia ao mesmo tempo que batia com uma maleta nas outras crianças que tentavam se aproximar para roubar suas coisas. Ao ver a cena, o Di tomou distância para pegar impulso e correr em direção aos dois. Surpreendentemente, conseguiu empurrar o enorme homem, livrando o menino que já estava quase sem ar.

— Foi o instinto que partiu da minha pessoa. Tive que ajudar aquele moleque que me deu uns troco.

Os dois saíram correndo e não foram alcançados pelos seguranças, que aos berros ordenavam que os trombadinhas nunca mais voltassem à rodoviária.

— Pelo menos tu já tava conseguindo correr.

— Acho que foi a tal da adrenalina que fez eu voar baixo.

O Palito mandou o Di segui-lo e foi o que ele fez.

NA BONJA, O GURI DA BICI

Sem que pudessem voltar à rodoviária, ao menos por um tempo, Palito convidou o Di para ir à Vila Bom Jesus, onde ele tinha um lugar para dormir.

— Foi assim que tu foi parar na Bonja?

— Podicrê.

Chegaram a um barraco, onde ele apresentou seu irmão mais velho ao Di. Ele se chamava William e não gostou da ideia de dar abrigo ao novo amigo do irmão. Porém, após ouvir como o Di ajudou o Palito a fugir do homem que o havia imobilizado, decidiu que ele poderia ficar.

Os dois irmãos haviam herdado o barraco dos pais. Eram pequenos quando o pai, que era alcoólatra, assassinou a própria esposa e mãe de ambos a facadas na frente dos filhos. O Palito era muito novo e não se lembrava do ataque, mas o William guardava uma bala de revólver com o nome do pai, que fugiu após o crime.

— O William falava do pai com sangue no olho. Tipo eu quando falo do velho que me fez, tá ligado? Chegava a sonhar com a vingança dele. Acordava no meio da noite e qualquer barulho ele já pegava o cano e ficava na espreita. Tinha por certo que o bebum do pai deles voltaria um dia no barraco.

Depois de contar ao Di o que aconteceu, ele segurou o projétil com dois dedos e disse: “Essa vai entrar no miolo daquele filho da puta que matou nossa mãezinha”.

— Eu não sei ler as letras, tá ligado? Mas ele me mostrou a bala e disse que tava escrito o nome do coroa deles. Tinha mesmo uns rabisco que ele fez com a ponta de uma faca.

Foi o Di continuar seu relato para eu logo perceber que o William não foi uma boa influência:

— Era um barraco fudido, caindo aos pedaços, mas pelo menos nós tinha onde guardar as mercadoria que pegava nas nossa correria.

— Como assim? Tu também começou a roubar?

— Sim, eu tava sempre com eles, aí acabei participando das correria deles.

— Batendo carteira?

— Não, o William nos botou numa outra parada.

Acabaram formando uma pequena gangue que roubava residências. No início, a quadrilha de larápios da qual o Di acabou fazendo parte contava com três integrantes, mas logo se tornaram quatro com o ingresso de um amigo do William. Agiam durante a madrugada. Escolhiam prédios sem porteiro e com um sistema eletrônico específico para abrir o portão principal. São aqueles que têm um botão perto da saída para que os moradores não precisem utilizar as chaves para sair. Apertando o botão, a porta é automaticamente liberada. Eles forçavam a grade para que o Di ou o Palito conseguissem entrar. Eram espaços bem estreitos, mas eles eram muito magros.

— Eu era magro, mas o Palito era mais ainda, tipo pele e osso.

Já dentro, eles apertavam o botão para que os outros pudessem entrar. Ficavam poucos minutos, mas levavam tudo o que conseguiam. Desde lâmpadas até bicicletas que os moradores guardavam nas garagens. Saíam, na maioria das vezes, sem serem percebidos. Quando alguém com insônia os ouvia e gritava “pega ladrão”, ou tocava algum alarme, corriam para fora e depois ia um para cada lado, se encontrando somente no barraco.

— Nunca pegaram vocês no flagra?

— Teve uma vez que nós tava na garagem de um prédio, tentando arrombar um cadeado que prendia várias bike. Aí chegou um carro com um casal. Eu e o Palito queria rapa fora, mas o William e o cupincha dele tavam com a maldade.

O casal chegou de madrugada, provavelmente vindo de uma festa, pois o Di disse que eles pareciam estar eufóricos e embriagados. Antes mesmo que pudessem desembarcar, foram surpreendidos pelos dois mais velhos do grupo. Eles entraram no carro e ordenaram que o Di e o Palito entrassem também.

— Não tinha por certo o que eles queriam fazê com aqueles dois, mas coisa boa eu já tinha em mente que não era.

Andaram por horas pela cidade com o homem dirigindo e suplicando para que fossem deixados em paz, enquanto a mulher chorava desesperadamente. Quando entraram em um terreno abandonado, o William e o amigo levaram a mulher para frente do carro, onde ficaram iluminados pelos faróis. Mandaram o Palito ficar com uma arma apontada para a cabeça do homem, que estava no banco do motorista assistindo a tudo o que a dupla estava começando a fazer. Também deram uma arma para o Di ficar na entrada do terreno, para avisar caso alguém se aproximasse.

— Só aí que eu me liguei o que ia rolá, tá ligado?

Ao perceber que eles estuprariam a mulher, o Di mirou em um poste que ficava do outro lado da rua, deu dois tiros e gritou: “Corre, mano! É a polícia!”.

— Já tinham me feito a força uma vez. Não desejo isso pra ninguém.

Os dois deixaram a mulher jogada no chão, pularam o muro de trás do terreno e fugiram em disparada. O Palito, que não tinha altura suficiente para superar o mesmo muro, correu em direção ao Di e percebeu que não havia policial algum.

— O Palitinho naquele tempo era meu parça de verdade. Depois disse pro irmão que também tinha visto uma viatura. Se ele me entrega era certo que o William ia me passar.

Depois disso os quatro continuaram invadindo prédios e condomínios. No início eles vendiam o que furtavam, mas logo o William e seu amigo começaram a trocar tudo por drogas. Foi o fim da parceria, pois não sobrava nada.

— Eu já não tava mais nas pilha de andar com aqueles maluco mesmo. Se fosse hoje em dia eu teria passado os dois na hora que visse que eles iam estropá aquela mina.

Quase toda a mercadoria roubada evaporou para sustentar o vício da dupla. O Di conseguiu ficar apenas com uma bicicleta, um tênis e acabou ficando também com o barraco, pois o Palito voltou para a rodoviária e seu irmão, que já era maior de idade, havia sido preso por assalto a mão armada.

— Eu ficava andando de magrela pela Bonja e dormia no barraco. Gostava de pedalar porque ninguém me via mancando.

— Além da bicicleta e do tênis, tu não ficou com mais nada?

— Não. E o pisante não durou muito.

— Estragou logo?

— Nada, mano. Me meteram.

O barraco foi invadido algumas vezes quando o Di não estava lá. Quando viam que não havia nada para furtar, defecavam no chão e iam embora.

— Deixou o tênis no barraco e roubaram?

— Não, o pisante virou pedra. Um cracudo me roubou porque dei mole. Um hidrante estourou na rua e tirei o pisante pra tomar banho nele. Quando vi o cracudo já tava com eles nos pé.

— Então ele roubou pra usar.

— Duvido, mano. Vi ele dois dias depois, louco da pedra e andando descalço já.

Pelo menos o furto do tênis fez ele ficar mais atento para que não perdesse também sua bicicleta. Pegou o cadeado que usava para fechar a porta do barraco, que já não tinha mais nada dentro que pudesse ser roubado, e arranjou uma corrente. Assim ele podia prendê-la em um poste de concreto sempre que não estava pedalando.

— Como tu conseguia dinheiro pra comer?

— Tinha uma tia de uma lanchonete que desenrolava um rango no meio da tarde.

Era uma senhora que servia apenas à la minuta. Como acontece com muitos moradores da Bom Jesus, assim como de outras zonas conflagradas, ela não conseguia se fixar em seus empregos por morar onde morava. Trabalhando como empregada doméstica, foi demitida ou recusada em casas porque as famílias tinham medo de suas possíveis más companhias. O preconceito a fez trabalhar por conta própria. Construiu um puxadinho e abriu sua lanchonete. Quando não havia mais clientes para almoçar, ela dava sobras de comida para o Di. Em troca, ele começou a fazer entregas para ela.

— Tinha vez que eu entregava uma marmita pra alguém, às vez só um refri, mas na maioria dos dias não tinha encomenda pra eu levar e ela me dava um prato de comida mesmo assim.

Ficou conhecido como o “Guri da Bici” e logo outros moradores começaram a solicitar seus serviços em troca de alguns trocados. Levava desde cartas aos Correios até galinhas vivas que um parente mandava para outro. O problema é que, sendo na Vila Bom Jesus, não demorou muito para surgir uma mercadoria que recolocou o Di na rota do crime:

— Ele me deu um pacote pra eu entregar em um carango vermelho que ia parar na outra esquina.

— Tu sabia o que tinha no pacote?

— Não, mas o cara do carro me deu outro pacote que tava cheio de grana.

— Como tu sabe que tinha dinheiro?

— Porque quando voltei o maluco abriu e me pagou com uma parte. Era uma nota preta. Eu teria que tramar um mês inteiro pros outros pra ganhar o que ganhei naquele dia. Aí é claro que coleí nele.

— Tu tinha que idade nesse período, Di?

— Uns 13, 14.

— Que ano tu nasceu?

— E eu vou saber.

— Mas como tu sabe a tua idade?

— Sabendo, mano.

— Que dia é teu aniversário?

— Sei lá, maluco.

O novo cliente, no caso, era um traficante. As entregas iam aumentando, a confiança nos serviços do Di ia crescendo e não demorou muito para que ele ganhasse um radiotransmissor dos traficantes. Assim, a comunicação ficava mais fácil. Um objeto simples, que para uma criança pode ser confundido com um brinquedo, mas que representava um caminho sem volta. No início ele poderia até suspeitar que não fosse algo legal, mas não tinha a real noção de onde estava se metendo. Estava completamente solto no mundo, sem a menor chance de receber um conselho ou um sermão de alguém que lhe quisesse bem.

Naquele momento, ganhar aquele meio de comunicação a pilha fez bem a sua autoestima. Autoestima que, mesmo depois de adulto, eu percebia ser muito baixa durante certos trechos do nosso diálogo:

— Aquele radinho me fez sentir que eu tinha um trampo, tá ligado? Tipo um emprego fixo como as pessoas de verdade têm.

— Tu também é uma pessoa de verdade, Di.

— Sim, mano. Tu me entendeu. Tipo quem tem estudo, trabalho e essas parada.

O mundo do crime não tem muitos critérios para selecionar o perfil de novos integrantes. Muitas mães chegam apavoradas no Conselho Tutelar, clamando por ajuda. Sem tempo integral para criar os filhos e vivendo em comunidades que não apresentam alternativas para ocupar o tempo das crianças, elas veem os criminosos tomarem esse espaço. A partir daí, começa uma queda de braço com os traficantes. Algumas ganham, mas muitas perdem essa disputa.

Para me aprofundar no assunto sombrio que trago nesse livro, além de pesquisar estatísticas da violência em Porto Alegre e ficar mais atento ao noticiário policial, visitei lugares que não fazem parte da minha realidade. A vivência que mais me marcou foi assistir a um encontro de familiares de vítimas da violência, onde a mãe de um adolescente de 16 anos, morto na guerra entre facções, demonstrou sentir-se culpada pela perda do filho:

— Se a gente não orienta os nossos filhos, os traficantes vêm e tomam conta deles. — foi o depoimento da mulher que agora faz o perigoso trabalho voluntário de tentar tirar crianças das mãos dos grupos criminosos.

No caso do Di o recrutamento foi bem mais fácil, pois sequer houve qualquer forma de intervenção. Não havia uma viva alma que pudesse o alertar ou corrigir seu rumo. Então, de repente, ele se deparou com aqueles homens que ostentavam armas e roupas de marca em meio à pobreza local. Além de tudo, lhe deram atenção, dinheiro e a promessa de que um dia ele seria como eles. Ele teve apenas o crime como referência.

— Porra, mano, eu admirava aqueles maluco pra caralho. Me davam grana e tinham o respeito de toda Bonja. Eu queria ser que nem eles.

— E hoje tu já é que nem eles?

Nesse momento eu ouvi uma gritaria ao fundo e ele desligou sem avisar. Pode ser que tenha ocorrido uma briga entre presos ou algo assim. Comecei a matutar se o que eu estava fazendo poderia me causar algum problema. E se os brigadianos achassem o celular e vissem meu número lá com várias chamadas de longa duração? Ou se rastreassem as ligações para o meu número vindo de dentro do Presídio Central? Paciência. Isso tudo tinha começado com uma tentativa de golpe que deveria ter sido evitada por quem administra o presídio.

Quando eu questionava o Di se as nossas conversas não estavam grampeadas, ele respondia: “Tu tá vendo muito filme. Nem esquenta a cabeça com isso”. Parecia não se preocupar com a eficiência da nossa polícia. Acabei fazendo o mesmo, até porque eu só estava escutando uma história.

BALA PARA TODO LADO

— Alô?

— Qual é, maluco?

— Fala, Di. Desligou do nada na última vez.

— Rolou uma treta. Apagaram um dos nossos aí fora. Deceparam o melão do maluco.

Eu havia lido essa notícia. A cabeça de um homem foi encontrada em uma caixa de papelão na Bom Jesus. O resto do corpo acharam na Avenida Protásio Alves, enrolado em um edredom onde estava pichada a inscrição “Bala nos Bala”. Após a decapitação, os assassinos ainda utilizaram o celular da própria vítima para uma divulgação macabra. As fotos do crime foram registradas e postadas em uma rede social, no perfil do homem que acabara de morrer como se ele mesmo as tivesse publicado, com o status “viajando para o inferno”.

Enquanto alguns comentavam as imagens lamentando sua morte e se despedindo do amigo, outros prometiam vingança, assim como o Di:

— Vai ter volta, escritor. Pode anotar aí.

Mais uma morte provocada pela guerra do tráfico. Um confronto aberto que não para de fazer vítimas. Durante esse mesmo mês em que foi encontrado o corpo sem cabeça na Av. Protásio Alves, foi registrada uma execução por dia, resultado da briga entre facções rivais.

— O decapitado era teu amigo?

— Não.

— Então por que tu quer te vingar?

— Porque ele era dos nossos e nós não deixa assim. É os Bala e tá no chão.

Nesse momento tive a certeza de que eu estava falando com um integrante do mais conhecido e violento grupo criminoso do estado, mas, talvez por não estarmos cara a cara, não senti medo nem pensei em desistir de contar sua história.

— Pode ficar tranquilo, mano. Eu não tenho raiva de ti como tenho dos outros que nem tu.

— Outros que nem eu?

— Sim, que tiveram as oportunidade na vida que eu não tive.

— Quais oportunidades?

— Tu teve família e estudo, não teve?

— Tive.

— Então, mano, é disso que tô falando.

Eu já sabia que o Di não havia tido família e a dificuldade que tinha em falar os plurais não me deixava esquecer que ele também não teve estudo.

— E tu acha que eu tenho culpa de ter tido oportunidades e tu não?

— Acho que não.

— Então o mesmo vale para outras pessoas como eu.

— É culpa de quem então, mano?

— Aí já não sei te dar uma resposta rápida, Di.

Essa foi a primeira vez que eu dei um conselho para o Di. Dependendo da reação dele, eu saberia se estava falando com uma pessoa fechada ou mais aberta a receber sugestões de mudança de comportamento:

— A grande maioria de gente como tu tem raiva de gente como eu que eu tô ligado.

— Se te tratarem mal e com discriminação é outra história, mas o simples fato de as pessoas terem tido mais chances na vida do que tu não é motivo pra essa raiva que tu sente delas.

— Saquei. Na real é a primeira vez que tô trocando uma ideia com quem não é da bandidagem, da Bonja ou da polícia. Pode ser que eu mude minha forma de pensamento a partir de agora.

— Por quê?

— Porque tu é gente fina, escritor. Eu te considero.

— Valeu, Di. Tu também parece ser um cara gente fina. As circunstâncias te colocaram no crime, assim como elas me fizeram ser um “escritor”, como tu me chamas.

— Podicrê.

Também por momentos como esse, quando eu identificava nele algum sinal de que seus pensamentos em relação ao mundo ainda poderiam mudar, não recuei ao descobrir que minha conversa era com alguém que fazia parte de uma perigosa quadrilha. Além disso, confesso que eu não o temia porque ainda acreditava que a nossa relação jamais cruzaria os limites de uma ligação telefônica.

Nascida na Bom Jesus, a facção dos Bala na Cara é a que mais cresce nas cadeias e nas ruas da Região Metropolitana. É tão organizada que tem centros de treinamento. Em 2012, a polícia invadiu um sítio onde a quadrilha mantinha um campo de paintball, rigorosamente protegido e vigiado, que na verdade servia para treinar seus soldados.

Incomodados com esse constante crescimento que dá cada vez mais território à facção da Bonja, os demais grupos criminosos se uniram para tentar enfrentá-la, no que chamam de frente Anti-Bala. De uma forma resumida, é esse o panorama do confronto. O resultado é um banho de sangue que não jorra apenas de quem está envolvido com o crime.

Com a intenção de amedrontar e mostrar poder de fogo, uma facção invade o território rival atirando para tudo o que é lado, sem um alvo determinado. No dia 20 de fevereiro de 2016, homens munidos de fuzis passaram em dois carros e efetuaram centenas de disparos na Bom Jesus. Além de muitos feridos, um pintor e um dono de mercado, sem qualquer ligação com o tráfico, foram atingidos e morreram.

 ► Bom Jesus
20 de fevereiro · 🌐

Ouvi dizer que mataram o dono do mercado avila agora ali na Ernestina

 ► Bom Jesus
20 de fevereiro · 🌐


Alguem sabe me dizer o estado do seu carlos(dono do avila)??? — 😞 sentindo-se preocupada.

 ► Bom Jesus
20 de fevereiro · 🌐

Mds que qui ta acontecendo a bala não para #bonjapedepaz — em ♀ Complexo Bom Jesus

 ► Bom Jesus
20 de fevereiro · Porto Alegre · 🌐

fui sair de casa e escuto fogos.. q nada a bala ta comendo aqui na vila

 ► Bom Jesus
21 de fevereiro · 🌐

Queremos Paz na bonja estão atirando so em pessoas inocentes trabalhadores não da pra ficar nem na frente de suas casas

 ► Bom Jesus
20 de fevereiro · 🌐

Que entre esses tiros ninguém esteja ferido!!

Moradores, amedrontados, relatam invasões em tempo real.

Imagem: Reprodução/Facebook

O número de vítimas poderia ter sido muito maior, pois munição de fuzil atravessa parede e muitas casas foram danificadas. A sorte é que quem mora por ali tem o instinto natural de se jogar no chão ao ouvir qualquer estampido, seja vindo de uma arma ou de um escapamento de um Chevette velho.

A retaliação veio três dias depois, quando atiradores invadiram a Vila Cruzeiro e efetuaram mais de mil disparos. As vítimas fatais também não tinham antecedentes criminais. Depois disso a polícia capturou alguns criminosos e apreendeu armamentos, mas no máximo conseguiu alguns dias de trégua.

Os tiroteios continuaram, sendo que muitos ocorreram nas proximidades de escolas, amedrontando professores e alunos. Em uma delas, algumas crianças foram flagradas brincando com dezenas de cartuchos que encontraram espalhados pelo pátio. Moradores ficaram presos em suas casas e ilhados na linha de fogo, já que os ônibus deixaram de circular pelas ruas mais conflagradas. As empresas de transporte alegaram não haver segurança, mas, mesmo que tentassem, não poderiam entrar em certos locais que foram cercados por barricadas, armadas para barrar a invasão dos rivais. Alguns desavisados, que desconhecem ou ignoram o perigo dessas zonas de conflito, acabam pagando caro pelo descuido. Foi o que aconteceu com duas amigas que estavam na Cidade Baixa e decidiram cortar caminho pela Vila Cruzeiro para voltar para casa, na zona sul. O veículo foi atingido por vários disparos, atingindo a cabeça de uma delas.

Eu mesmo já fui parar, por culpa do GPS, em uma viela da Bom Jesus onde homens armados e mal-encarados olhavam para dentro do meu carro. Minha sorte é que era dia e meus vidros não possuíam película. Caso os bandidos não consigam enxergar quem está dentro do veículo desconhecido que passa pela vila, são grandes as chances de eles cravejarem o intruso de balas. Uma dica que pode salvar a vida de quem for parar em uma zona como essa no meio da noite é desligar os faróis e acender a luz interna durante todo o percurso. Assim, o farol não ofusca a visão dos traficantes e a luz interna é um sinal de que os ocupantes do carro querem mostrar que não representam perigo, facilitando a visão de quem está fazendo a “guarda” do local.

Mesmo quando presos, os traficantes não param de trabalhar. Eles apenas mudam de função e seguem servindo suas facções de dentro do presídio, articulando, recrutando, coordenando, criando alianças e até mesmo trabalhando no

crescimento de suas reputações frente aos rivais. Não por acaso vazam vídeos e áudios de detentos cantando algum funk cuja letra geralmente revela ameaças ou vangloria tomadas de poder, como a conquista de um ponto de tráfico. Em uma das minhas conversas com o Di eu ouvi alguém fazendo rimas ao fundo. Perguntei o que era e ele chamou seu amigo, que se apresentou como “Lamento”, para cantar um trecho ao celular. Tinha uma voz tão estridente que tive que afastar o telefone do ouvido quando ele começou a rimar. O funk era assim:

*Quando era pequeno eu vivia de esmola
Cheirava uma cascola e não tinha nem pistola
Hoje eu cresci e na vida eu venci
No reinado do pó meu parceiro é o Di
Sou Mc Lamento tocando meu instrumento
Rá tá tátátá é o som do meu AK
A bala é na cara e esse é nosso plano
Rá tá tátátá é pra dizimar os Mano
Já era, só Lamento*

Além de citar o que seria um dos objetivos dos Bala na Cara, que é acabar com a facção dos Manos, na rima ele fez referência à arma AK-47, que surgiu na União Soviética em 1947 e é o fuzil mais fabricado de todos os tempos, muito comum nas mãos de soldados do tráfico. Além de sua grande precisão e longo alcance, é fácil de ser adquirida. Também se tornou popular entre traficantes por ser uma arma prática e leve. Pesa, em média, 4,5 quilos, podendo ser utilizada por jovens adolescentes recém ingressados nos bandos. Outro ponto forte que contribui para a sua alta reputação é a resistência dessa arma, que já é lendária. Eu li em algum lugar que, durante a Guerra do Vietnã, militares norte-

americanos encontraram um vietcongue morto e enterrado com seu AK-47. O coronel da tropa retirou a arma da lama e disse: “Vou mostrar a vocês como uma verdadeira arma de infantaria funciona”. Então disparou 30 tiros como se o fuzil estivesse novo em vez de enterrado por meses.

Mesmo sem esse tipo de armamento pesado que possuem nas ruas, no Presídio Central os grupos se organizaram e criaram um poder paralelo. A divisão das galerias é feita para que as facções não se misturem, evitando confrontos que resultariam em carnificinas. Nelas o domínio dos bandos é tanto que os presos comuns não podem ir à cantina oficial da prisão. Somente os "cantineiros" têm permissão para frequentá-la. São detentos selecionados pelos líderes para realizarem todas as compras da galeria. Depois, os produtos ficam nas chamadas subcantinas, onde são vendidos a preços bem maiores. Esse controle do comércio é mais um dos facilitadores para os recrutadores dos bandos. O preso com menos condições financeiras passa a ser sustentado por eles. E isso geralmente se reverte em dívida a ser paga nas ruas.

Não são apenas as facções de dentro do presídio que têm esquemas para ganhar em cima das refeições dos presos. Em 4 de maio de 2016 o Ministério Público do Rio Grande do Sul deflagrou a Operação Mercenários. Prisões foram feitas em duas empresas contratadas pela administração pública, que adquiriam alimentos impróprios para o consumo humano por valores muito baixos e repassavam às casas prisionais. Foram apreendidas toneladas de produtos com validade vencida, sem data de fabricação ou de validade, com baratas, larvas e até mesmo cacos de vidro.

— Conheceu o Lamento na Bonja, Di?

— Não. Ele caiu pelo 155 e deu o pé quente de parar na nossa galeria. Aí firmou com nós. Isso na primeira passagem dele.

— Não é a primeira vez que ele é preso?

— Não. Eu conheci ele agora na segunda passagem.

— Qual o artigo dele agora?

— Logicamente que na segunda vez o Lamentinho caiu no 33. Tá cumprindo por tráfico.

O artigo 155 refere-se a furto. Pequenos ladrões de fios de cobre, como era o caso do Lamento na primeira vez em que foi preso, se misturam aos mais perigosos na academia do crime. A maioria dos detentos não tem o ensino fundamental e a baixa autoestima faz com que não se sintam parte da sociedade. Mesmo que a intenção de alguns poucos seja apenas cumprir a pena e se distanciar do crime, são presas fáceis para os aliciadores, dos quais não podem fugir quando compartilham das mesmas celas. A maior parte da população carcerária também sofre de algum tipo de transtorno mental. A dependência química é o principal deles, mas também há esquizofrenia, bipolaridade e depressão. Os presos não são diagnosticados e muito menos tratados. Para os traficantes, que estão sempre em busca de novos subordinados, essas mentes transtornadas são vulneráveis e muito úteis.

Quando construído, o Presídio Central tinha a missão de diminuir a criminalidade no estado. Hoje, cumpre uma função inversa ao objetivo de sua criação. Mesmo quem comete um pequeno delito, acaba tendo seu nível de periculosidade elevado pela convivência com companheiros de pavilhão. Saem mais violentos e com mais ligações criminosas. Muitos entram para uma facção não por medo ou dinheiro, mas pelo simples fato de finalmente alguém ter lhes oferecido a oportunidade de poder fazer parte de algo. Um sentimento parecido com o que o Di teve quando criança.

DE RADINHO A SOLDADO

Após um bom tempo andando de bicicleta de um lado para o outro, informando os traficantes sempre que alguém desconhecido se aproximava da boca e entregando e recebendo pacotes, o Di foi ganhando moral. O que não faltam no tráfico são oportunidades de promoção. Nenhum negócio oferece um plano de carreira que se concretiza tão rápido. Afinal, toda hora é preciso repor alguém no lugar de quem foi preso ou morto.

— De radinho logo virei vapor. Aí já rolava uns pila resposta.

Vapor é quem vende a droga diretamente aos usuários. É um cargo cobiçado pelos mais jovens. Mesmo sendo mais arriscado que atuar como radinho ou fogueteiro, é bem mais lucrativo, pois passam a receber por comissão. Geralmente não portam armas e são os mais vulneráveis à ação da polícia. É muito difícil passar por essa função sem “levar uma ruim” dos brigadianos em algum momento. Com o Di não foi diferente:

— A polícia nunca te pegou quando tu era vapor?

— Os porco? Várias veiz, mas só pra me achacar.

Em um final de noite em que ele já havia realizado várias vendas para viciados da cidade, uma dupla de policiais se aproximou para abordá-lo. Como ele já sabia que a viatura estava se aproximando, escondeu o dinheiro e a droga em uma lixeira. Os dois o jogaram no chão e começaram a agredi-lo.

— Queriam a grana, mas se eu desse depois ia ter que trampar uma cara pra repor.

Como era o dinheiro arrecadado durante um dia inteiro, o Di sabia que ia ter que abrir mão de vários dias de comissão para reembolsar o gerente da boca. Por isso, ele aguentou firme o espancamento.

— Quem dera eles tivessem só me batido.

Irritados com a resistência do Di, partiram para a tortura moral. Enquanto um dos policiais pisava em seu peito, o outro urinava em seu rosto. A agressão só parou porque a urina espirrou no coturno do que o segurava com o pé, dando início a uma discussão entre os agentes da lei.

— Eles saíram batendo boca e eu fiquei todo mijado no chão, mas não entreguei a grana praqueles porco pau no cu.

Ele não parecia se importar tanto com o fato de ter recebido um constante jato de urina na cara, que o impediu de respirar devido à boa mira do policial. O que para a maioria das pessoas seria um trauma e motivo de vergonha, nas palavras do Di soava como uma vitória, afinal ele não entregou o dinheiro à dupla.

— Não deixei eles me ganhar. Aquele dia eu posso afirmar pra tu que eu fui foda pra caralho.

O ocorrido se espalhou rápido pela Bonja. Quando se encontrou com o gerente da boca para entregar o dinheiro, como fazia diariamente, todos já sabiam o que tinha acontecido. Enquanto os outros meninos que também serviam ao tráfico riam da sua cara, ao mesmo tempo que tapavam o nariz com uma das mãos por causa do fedor de urina que o havia impregnado, o dono da boca deu um tiro pra cima e ordenou: “Quem der mais um pio vai levar pipoco”. Então se virou para Di e continuou:

— Tu provou ser um vapor resposta, neguinho. Não arregou praqueles filho da puta. É por isso que agora tu é soldado.

– decretou o homem que vestia um cinto de munição de fuzil que atravessava seu peito e dava a volta em todo seu tronco.

Soldados são os responsáveis pela defesa e ataques bélicos. Estão sempre armados e prontos para participar de qualquer confronto. Têm salário fixo e trabalham em esquema de plantões.

— Esse moleque deu exemplo pra geral hoje. Se ceis querem ser como eu amanhã, tem que ser que nem ele hoje. Covarde filho da puta não me serve. – disse o traficante enquanto entregava uma arma para o Di.

Dando uma risadinha de canto de boca, enquanto olhava para os que riram da sua cara, o Di colocou a arma na cintura, que mal se sustentava no elástico velho do seu calção de futebol.

— Fui o soldado mais novo dos Bala.

Não é à toa que o Di nunca aprendeu a escrever sequer o próprio nome. Porém, mesmo antes de chegar à adolescência, já conseguia identificar, pelos estampidos, disparos de pistola calibre 380 e de revólver calibre 38. Foi uma criança que não sabia somar dois mais dois, mas que conhecia os artigos do Código Penal.

Além da promoção, ele ficou com todo o dinheiro que arrecadou no dia. Foi uma forma de o traficante mostrar para os demais que a lealdade a ele era bem recompensada.

— Por essas e outras que tenho um túmulo na paleta.

— Como assim, Di?

— Tatuagem nas costas. Ganhei ela aqui dentro.

Os detentos se tatuam para mostrar os crimes que cometeram e seu nível de periculosidade. Acaba sendo uma forma de comunicação silenciosa entre eles. Uma teia de aranha nas mãos, antebraços, cotovelos ou pernas significa a lembrança de um comparsa que morreu. Quem tem um mago no braço entende de planejamento e pode ser considerado um especialista em sequestro e resgate de presos. Duendes e gnomos identificam os

dependentes químicos. A reprodução do personagem Ligeirinho ou do Papa-Léguas indica a função de envolvidos no tráfico que usam motocicleta para a distribuição de drogas. Já a figura do diabo revela aquele que mata por gosto. Uma caveira atravessada por um punhal mostra que o criminoso já matou um policial. É um símbolo que gostam de exibir com orgulho, como forma de intimidação e para adquirir respeito no meio da bandidagem. No caso do Di, o túmulo significa sua “boca fechada” em lealdade ao bando. É a marca de quem guarda segredos e não entrega seus companheiros de crime, qualidade valorizada dentro e fora da prisão.

— Não sou cagueta, escritor. Não abro o bico pra comprometer os dus meus.

Há casos em que as marcas não são voluntárias. Ter dois pontos pretos tatuados em uma das mãos denuncia o crime de estupro.

— Se aparece nego na minha frente com dois ponto na mão eu nem penso duas veiz, esculacho o covarde filho da puta e depois sento o aço nele.

— Quem tatua os dois pontos?

— Tem nego que prefere não matar, mas quer ver morto. Aí tatua a mão do maluco e, quando ele cruza com alguém como eu, já era.

Também existem tatuagens específicas de cada facção criminosa. A inscrição "Inimigo é de graça", por exemplo, foi identificada como uma marca da quadrilha comandada por traficantes originários do Loteamento Timbaúva, que fica na zona nordeste de Porto Alegre, no bairro Mario Quintana. Foi essa frase que a polícia encontrou na mão de um menino de 13 anos que já havia cometido diversos assassinatos a mando de traficantes da região. O desaforo não estava apenas nas palavras escritas com os garranchos feitos por um amigo de mesma idade. Ao ser detido, ele debochou dos policiais:

— Não adianta me pegar, não tô nem aí. Já vou voltar pra rua e vou assaltar, matar e traficar de novo. — teria dito ele em uma das vezes que foi encontrado armado pelos policiais.

Já o pai de um jovem de 18 anos, que estava com o menino e foi preso, comemorou o fato de a Brigada Militar ter tirado seu filho das ruas:

— Prender ele é um favor que vocês me fazem. — desabafou o homem que contou trabalhar como porteiro do outro lado da cidade e, por ter que passar o dia inteiro fora de casa, perdeu o controle do filho.



Tatuagem na mão de adolescente envolvido com quadrilha de traficantes.
Foto: Divulgação/Polícia Civil

No Central, as tatuagens são realizadas sem um mínimo de cuidado com a higiene e a saúde. Cada desenho feito no corpo traz consigo o risco de contaminação de doenças como aids e hepatite. Os tatuadores das galerias criam suas “máquinas” de forma artesanal, com a utilização de pregos, pedaços de arame, madeira e tudo o que possa furar e marcar a pele. Para dar cor às figuras, utilizam tintas de canetas esferográficas ou cinzas misturadas com água para extrair a cor preta. O resultado é tosco,

com traços grossos e desbotados, mas os criminosos pouco se importam:

— Meu túmulo não é nada bonito. Foi o meu cumpadi Lamento que fez.

— Ele desenha bem?

— Bem mal. Ficou uma bosta. E no dia ele ainda tava de trago e tinha fumado uma pedra.

— E tu deixou ele te tatuar mesmo assim?

— Ele disse que precisava tá fora da casinha pra fazer. Falou que é assim que os artistas costumam fazer pra conseguir a tal da inspiração, na base do teto. Ele disse que a criatividade deles vem do tóxico.

Se a reinserção do presidiário na sociedade já enfrenta muitas barreiras, as tatuagens de cadeia somam mais um problema para os que buscam uma vaga no mercado de trabalho. Aqueles que têm os braços marcados e os traços à mostra não escapam do preconceito dos empregadores, que dificilmente dão um voto de confiança a quem tem o crime registrado no próprio corpo. Já no tráfico não faltam oportunidades, onde os desenhos na pele são como chancelas de experiência no mundo do crime.

ZICA DE CADEIA

Mesmo quando meu papo com o Di começava mais leve, sem a pretensão de abordar seus problemas dentro da cadeia ou sua atuação no tráfico de drogas, não demorava muito para a conversa cair novamente na realidade em que ele estava inserido:

— Tu não tem tatuagem, escritor?

— Eu não.

— Saquei. É do tipo almofadinha.

— Agora todo mundo que não tem tatuagem é almofadinha? Tu tem quantas?

— Só essa de tûmulo mesmo. Eu queria fazer outra aqui pra passar o tempo, mas não posso agora. Tô com zica de cadeia. Minha pele tá toda fudida.

— Zica de cadeia? O que é isso?

— Sarna, tá ligado?

— Sarna? Não sabia que isso dava em gente.

— Quem disse que nós é gente, mano? Vem passar uns dias aqui pra ver se nós é gente.

— Mas tu não tem médico aí?

— Que mané médico que nada. Aqui todo mundo tem isso. A gente se coça mais que cusco sem dono.

Insalubre, sem higiene e com pouca ventilação para os aglomerados de detentos, não existe local mais propício para a proliferação de doenças infectocontagiosas que o Presídio Central, onde os surtos de escabiose, popularmente conhecida como sarna humana, são frequentes. Trata-se de um ácaro que se alimenta da proteína que compõe a camada externa da pele. As lesões crescem e ficam cada vez mais feias, pois a vontade de coçá-las é incontrolável.

— A minha ainda tá no começo, mas tem neguinho aqui que tá em carne viva já.

Para acabar com uma infestação em um ambiente assim, seria necessário o tratamento simultâneo de todos os presos e seus familiares, com a aplicação de inseticidas especiais no corpo todo. Além disso, suas roupas, tanto de cama como as de uso pessoal, precisariam ser esterilizadas. Infelizmente, por óbvio, nada disso é feito. A higiene passa muito longe das galerias.

— Porra, Di, sarna deve ser um saco mesmo.

— Tá de boa. Melhor coceira do que tosse.

Entre outubro de 2014 e junho de 2015, a ONU avaliou os internos do Presídio Central e detectou 157 casos de tuberculose. Concluiu-se então que o risco de pegar essa doença na unidade é 82 vezes superior às chances de contaminação fora da cadeia. Não teria como ser diferente, já que os apenados vivem amontoados e sem um acompanhamento médico minimamente satisfatório.

— Porra, a situação tá feia aí dentro. Me conta alguma coisa boa só pra variar.

— Que tu quer que eu fale, mano?

— Qualquer coisa. Não tô no clima de conversar só sobre esse tipo de assunto pesado hoje.

— Pergunta o que tu quer saber então.

— Deixa eu pensar... Tu gosta de cachorro?

— Por que tu quer falar de cachorro, maluco?

— Sei lá. Foi o que me veio à cabeça depois desse papo de sarna.

— Tu tem cachorro, escritor?

— Tenho. Adotei uma vira-lata. Ela era filhote quando foi encontrada em um matão. Jogaram ela lá em um dia de temporal.

— Lá na Bonja tem um em cada esquina pra tu adotar.

— Valeu, mas acho que vou ficar só com a minha por enquanto.

— Eu curto cachorro. São melhor que gente.

— Tu já teve um?

— Não. Tinha dois que me seguiam na rua quando eu era moleque, mas um dia eu dormi e quando acordei não vi mais eles.

— Pra onde eles foram?

— Não sei, acho que foi os maluco da prefeitura que pegaram pra dar um fim neles. Se pudessem eles fariam o mesmo comigo pra limpar a rua e melhorar a paisagem, tá ligado?

Com tantas organizações de proteção animal, acredito que hoje em dia não seja mais assim, mas é sabido que muitos cães de rua, após recolhidos pela prefeitura, eram sacrificados mesmo antes de serem colocados para adoção.

— Curto gato também. Aqui tem alguns. Pra quem não recebe visita, tipo eu, é uma boa companhia. O mais meu parça é o Gatilho.

— Tu gosta de tudo o que é bicho então?

— Não, mano. Não gosto de rato. E aqui tem mais que mosca.

— E tu tem medo? É um bicho tão pequeno.

— A tua vira-lata é grande?

— É de porte médio.

— Mano, aqui passa cada rato que certamente é bem maior que a tua cusca. Tem uns que são manso, que a bandidagem ensina e usa de mula pra carregar tóxico, mas tem outros que se tu toca sem querer eles te enfiam o dente. E dói pra caralho a mordida deles.

Realmente era muito difícil puxar algum assunto com o Di que não fosse pesado. Cada ligação me deixava mais tenso e com uma certa culpa por vivermos de forma tão desigual na mesma cidade. Se no presente ele não encontrava nada de bom em sua vida sobre o que conversar, no seu passado menos.

SACRILÉGIO?

Assim que subiu na hierarquia do tráfico, o Di passou a cuidar da segurança de uma parte da Bom Jesus. Por ser o mais novo entre os soldados, ainda não era convocado para missões perigosas demais, que ficavam a cargo dos mais experientes. No início, sua função era fazer a vigília da boca, mas também acabava por atender às reclamações de moradores que procuravam os traficantes para mediar conflitos e fazer valer as leis locais.

— Toda hora tinha morador pedindo pra nós dar prensa em vizinho ou viciado ladrão.

Em áreas da cidade dominadas por traficantes, os criminosos acabam impondo leis e regras de conduta a todos. Quem rouba dentro da comunidade é punido com um tiro na mão ou no pé. Se reincidir, morre. A pena de morte também é aplicada para vários outros casos. Envolver-se com a namorada de algum dos integrantes do bando é um deles.

Os traficantes também precisam dos moradores para proteger o que ganham com o comércio de drogas. O Di me contou a história de uma mulher que guardava, a mando da quadrilha, R\$ 100 mil em sua casa.

— Ela se dispôs a esconder o dinheiro?

— Não era uma escolha dela. A gente que obriguemo ela a guardar aquela grana.

Desempregada, ela teria enviado uma mensagem ao celular de um dos chefes da facção, que estava preso no Central, pedindo permissão para pegar por empréstimo R\$ 1 mil da quantia que estava na casa. Porém, o celular já havia sido confiscado e quem leu a mensagem foi a polícia, que rastreou a mulher e pegou todo o dinheiro.

— Imagino que mataram a pobre da mulher depois disso.

— Não, mano. Os polícia ficaram com a tia e quando soltaram ela sumiu do mapa. Ela tava ligada que pisou na bola e o movimento não ia deixar por essas.

Depois disso, muitas casas da Bom Jesus foram invadidas por policiais corruptos em busca das grandes quantidades de dinheiro geradas pelo tráfico. Eles teriam até um local onde levavam as pessoas da comunidade para tentar, na base da tortura, arrancar informações que pudessem fazê-los encontrar o que procuravam. Era uma lanchonete que eles escolheram por contar com uma grande chapa de fritura, com a qual queimavam os moradores de cima a baixo.

— A gente semo bandido, mas tem uns polícia que vão lá na Bonja que são muito mais bandido que nós.

Mesmo que em alguns casos o morador tenha que sumir do mapa por alguma atitude que desagrade os traficantes, o poder paralelo desses bairros geralmente é bem visto e acobertado pela comunidade. Segundo o Di, as pessoas que vivem na Bom Jesus, em sua maioria, têm mais confiança do que medo em relação aos integrantes do seu bando:

— A gente tá ligado que quem mora na Bonja reclama de nós se escuta barulho de tiro, mas quando tão com treta eles vêm correndo pra baixo da nossa asa.

— Tu não acredita que exista policial honesto?

— Até tem um que outro, mas aí vem os ruim e tocam os bom pra escanteio. Ao menos onde tem a grana de droga é assim que acontece o procedimento.

— Eles costumam extorquir vocês?

— Sempre, mano. Nós bota um carvão mensal e também tem os casos especiais.

— Carvão?

— Sim, é como eles chama o “faz-me rir”.

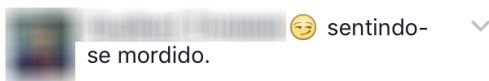
— E o que são os casos especiais?

— Quando tem qualquer morte na região eles aparecem na boca pedindo uns 50 mil pra não botar o homicídio em nós.

— Que tipo de morte?

— Tem vez que é só briga de ciúmes. Corno que encontra a mulher com outro na cama e mete facada. Aí eles já aparecem na boca com uma mochila vazia. Nem investigam antes pra saber qual foi da treta. Aí tu já sabe o que nós faz com o corno que deu a facada.

O morador acaba enxergando nos traficantes a autoridade local. Até porque, nessas comunidades abandonadas pelo poder público, os policiais são vistos como os romanos viam os bárbaros. O que se justifica, já que muitos deles quando aparecem é para interrogar de forma truculenta, torturar e receber suborno. Aquela dupla ter imobilizado e urinado na cara do Di para que ele entregasse o dinheiro é um exemplo disso.



To no belo de um sono dai me vem a polícia civil invadindo minha casa 6:40 da manha ta loco quase apanhei deles ainda 🤔🤔🤔🤔

   142

29 comentários

Relato de morador da Bom Jesus.
Imagem: Reprodução/Facebook

Os bandos até podem ser bem vistos por grande parte dos moradores das vilas onde atuam. Porém, a verdade é que estes não têm outra saída senão compactuar com os criminosos. No bairro Serraria, outro reduto dos Bala na Cara, a lei do silêncio é rigidamente controlada. Quem sai de casa para o trabalho caminha de cabeça baixa e evita ser visto conversando com pessoas de fora da comunidade. Diferente da Bom Jesus, essa é uma vila mais afastada da região central da cidade e mais próxima à natureza. Porém, qualquer desavisado que tente apreciar o pôr do sol no local, que fica às margens do Guaíba, logo é expulso por jovens armados.

Esse comportamento dos traficantes acaba irritando os moradores de mais idade, que não são poupados quando rotulados como delatores pelos criminosos. A prova disso é o que aconteceu em julho de 2016 com um homem de 54 anos que morava no bairro. Ele foi executado e deixado nu e enforcado com uma corda, no meio da rua. Além de matá-lo, ao deixar o corpo exposto para que todos pudessem ver, os assassinos estavam dando um recado a quem pensa em ousar não seguir suas regras. Ao lado do cadáver havia um cano de descarga de moto, com o qual a vítima foi espancada até a morte.

— Se nós não botar regras na comunidade, quem é que vai botar?

Foi para aplicar as leis da Bonja e “fazer justiça” que o Di matou pela primeira vez. Um dos líderes do bando convocou uma reunião com alguns dos soldados para dar a sentença de um expadre que estava sendo acusado de assediar crianças do bairro.

— Eu tava na reunião só pra cuidar da porta. Não era pra mim pegar o serviço.

O homem já estava afastado da igreja por esse motivo, mas algumas pessoas do bairro ainda o consideravam como padre e ele se aproveitava disso para se aproximar de seus filhos.

— Um grupo de moradores que não era carola como os outros foi na boca e caguetaram ele.

Quando questionados sobre quem o executaria, os soldados se esquivaram. Alegavam que não queriam ir para o inferno. Já o Di, que sequer foi chamado para participar do “veredicto”, não fez cerimônia:

— Levantei a mão e disse: “Deixa pra mim passar esse”.

Os traficantes encararam aquela iniciativa como um atestado de frieza do Di, o que aumentou sua reputação na facção e na comunidade.

— Depois daquele dia neguinho nunca mais me chamou de “Mijado”.

O chamavam assim após o episódio com os policiais, mas, depois que ele se candidatou a matar um ex-padre enquanto os outros se negaram a cometer o que consideravam um sacrilégio, ninguém mais teve coragem de tirar sarro da sua cara. Não sabiam que ele queria fazer aquela execução motivado por um sentimento de vingança, pois quem veio à sua cabeça foi o homem que o havia estuprado.

— Não posso com esse tipo de filho da puta. Como eu queria entrar lá no H, tá ligado? Ia rolar um banho de sangue.

Em um dos andares do pavilhão H do Presídio Central ficam apenas os presos que cumprem pena por crimes sexuais. São separados dos demais, que não aceitam a presença de detentos acusados de estupro.

— Tu não é religioso, Di?

— Até acredito na existência divina de Deus, mas ele não olha por mim. E mesmo se olhasse, eu ia encher aquele padre filho da puta de bala igual.

— Foi isso que tu fez?

— Claro que sim. Que o Diabo o tenha.

Saiu da reunião e caminhou a passos largos e com sangue nos olhos em direção à região do bairro onde seu alvo morava. Aos berros, interrogou alguns moradores para saber qual era a casa do padre. Quando a encontrou, meteu o pé na porta e entrou com arma em punho. Na sala, doces, bonecos e carrinhos de brinquedo estavam espalhados pelo chão. Andou pelos cômodos à procura do pedófilo e viu que em um dos quartos havia uma câmera filmadora em um tripé, apontada para a cama.

— Eu já queria passar ele, mas quando vi a porra daquela câmera foi a vez que mais fiquei com raiva em toda existência da minha pessoa.

Arrombou a porta do banheiro e lá estava o sacerdote corrompido, só de cueca, tentando se esconder atrás da cortina do box. Chorando e tremendo de medo, implorava por piedade.

— Então tu atirou nele?

— Primeiro eu pedi a benção. Aí fiz o sinal da cruz naquele veado com o meu cano.

— Como assim?

— Eu disse “em nome do pai” e atirei em um braço. Depois “em nome do filho” e pipoquei o outro. “Do espírito santo” e dei um tiro em cada perna. O “amém” foi com uma bala na testa daquele merda.

Fiquei sem saber o que falar após esse trecho da história, que ele me contou com a maior naturalidade. Tentei ser natural também:

— Acho que não é assim que se faz o sinal da cruz, Di.

ALMA APENADA

Já passou o tempo em que os criminosos de Porto Alegre tinham mais respeito pelos assuntos considerados sagrados, como os colegas de bando do Di que se recusaram a tirar a vida de um ex-sacerdote. Hoje em dia a religião não amedronta tanto os bandidos. No dia 7 de abril de 2016, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, localizada na zona sul da cidade, foi alvo de um assalto. O padre e cerca de 20 fiéis tiveram seus pertences roubados por dois homens armados que diziam, de forma irônica, estar passando para recolher o dízimo. Se para essa dupla faltava fé ou vergonha na cara eu não sei. Já, para o Di, faltava esperança:

— Por que tu acha que Deus não olha por ti?

— Depois de tudo o que falei pra tu da minha jornada, tu acha que ele olha por mim?

Pensei em dar uma resposta reconfortante, mas a minha sinceridade me impediu:

— Na verdade tá difícil de dizer que sim.

— Sou bandido e vivo no meio da malandragem. Nunca nada de bom aconteceu pra minha pessoa nessa vida. Não é quando passar dessa pra melhor que vou me dar bem.

Eu sou melhor escrevendo do que falando, mas nesse momento consegui encontrar as palavras que haviam me faltado para tentar fazer ele parar de desacreditar tanto em si mesmo:

— Di, não fica te apegando a esse negócio de Deus olhar ou não por ti. Tu é quem controla as tuas atitudes, não ele. Eu sei que as circunstâncias da tua vida foram e vêm sendo as piores possíveis, mas se um dia tu conseguir fugir delas e decidir que tu vai fazer o bem pra ti mesmo, ninguém vai conseguir evitar, nem Deus nem o Diabo.

— O que é eu fazer o bem pra eu mesmo?

— É tu dar uma virada na tua vida.

— E quem disse que eu quero sair dessa?

— Olha onde tu tá, cara. Tu mesmo chama isso aí de chiqueiro.

— É, mas eu vou sair.

— Vai sair e, com sorte, vai voltar se não for morto nesse meio tempo. O mundo é muito mais do que tu conhece. É muito mais que a Bonja e a guerra que tu vive.

— Mas tem nego que tá bem pior do que eu. Hoje eu sou patrão, tá ligado?

— Acontece que o teu conceito de poder tá equivocado. Poder de verdade é ter liberdade sobre si mesmo. É ir aonde tu quiser, fazer o que te der na telha e não precisar dar satisfação aos outros.

— Eu não dou satisfação pra ninguém, mano.

— Tu tá preso, cumprindo pena. Se tem uma coisa que tu tá fazendo agora é dar satisfação, da pior forma possível.

— Pra quem?

— Pra sociedade, pras autoridades ou sei lá pra quem. Quando tu fica na frente de um juiz tu não tem que dar satisfação pra ele?

— E tu acha que juiz escuta o que nós fala? Eles tá lá pra escutar os porco. E o mané do promotor também. Mó teatro. O

que os polícia fala pra eles é o que vai ser. Os porco bola qualquer lorota e pra eles vai ser sempre verdade.

Não é nada fácil dar um pouco de esperança e uma nova visão de mundo a alguém como ele, mas ao menos eu estava tentando. Se estava funcionando? Não é o que parecia:

— Até que tu mandou bem nas palavra, escritor, mas eu acho que minha alma já é de propriedade do Diabo.

— Tu acredita que vai pro inferno?

— Ou pro inferno ou perambulando por aí, que nem um maluco que eu já vi aqui.

— Ué, tu já viu um espírito aí na cadeia?

— Sim, mano. E não vem dizer que era alunici... Alunicina... Porra, como que fala?

— Alucinação.

— Isso! Não vem dizer que foi essa parada porque eu não sou cracudo nem cheirador de pó.

Cenário de diversas barbáries desde o dia em que foi inaugurado pelo governador Leonel Brizola, em 1959, para os mais crédulos e sensitivos o Presídio Central de Porto Alegre é um gigante baú de almas penadas. Eu não duvido que isso seja verdade, já que a experiência sobrenatural que o Di tinha para me contar era elaborada demais para uma cabeça que já estava repleta de preocupações e temores no mundo dos vivos.

— Tá cheio de vivo querendo me pegar. Tu acha que eu vou ter medo de morto?

Ele realmente contou o fato com a calma de quem não parecia temer visitas do outro mundo. Já eu, confesso, senti um frio na espinha. Segundo o Di, a primeira aparição aconteceu quando ele estava com o rosto colado à grade da janela, para respirar um pouco de ar fresco, pois sua cela estava com a privada entupida há mais de um mês e o fedor estava insuportável.

— Nós vive na sujeira mesmo. Tem vez que é melhor mijar num pote e tacar pela janela.

Entre uma e outra respirada mais funda, avistou um homem parado no meio do pátio, que estava descalço, vestindo somente uma calça jeans, e olhava fixamente para o Di. Aquela cena lhe parecia muito estranha, pois suas vestimentas não eram de quem trabalhava para a administração do presídio, mas também não era um horário em que os detentos tinham permissão para frequentar aquele local.

— No início achei que era um cupincha tentando fugir, mas aí ele ficava lá parado me fitando.

Para conseguir olhar pela janela, que ficava mais ao alto, era preciso subir em um balde. Ele deu espaço para um colega de cela e pediu: “Dá uma olhada aqui, meu cumpadi. Quem é aquele tiozinho parado lá?”. O outro detento subiu e disse não estar vendo nada. O Di voltou a se equilibrar no balde e não avistou mais o homem, que aparentava ter mais de 60 anos de idade.

O tipo voltou a aparecer no mesmo lugar por mais alguns dias, deixando o Di muito intrigado.

— Mandei a cambada parar de fumar maconha dentro da cela porque achava que a fumaça tava me dando aquele teto. Tava começando a achar que ficar enjaulado tinha me deixado lesado das ideia.

— E quando ele parou de aparecer?

— Depois que ele bateu um lero comigo.

— Sério que tu falou com um espírito?

— Mano, se tu acha que eu tô de lorota pra cima de tu eu já paro por aqui.

— Não, eu acredito em ti.

Contou que estava dormindo quando sentiu uma presença estranha. Acordou assustado ao ver que havia uma pessoa de pé, em frente ao seu beliche, olhando para ele. Era o

mesmo homem do pátio, que dessa vez não ficou apenas o encarando:

— Onde que eu tô? – perguntou o homem com a voz trêmula e os olhos arregalados.

— Quem é tu? Tu tá preso, maluco! – respondeu o Di enquanto avistava uma enorme cicatriz na altura da garganta do idoso.

— Quantos anos faz que eu tô aqui? – fez mais uma pergunta enquanto olhava ao redor, o que fez o Di perceber que a cicatriz dava toda a volta em seu pescoço.

— E eu vou saber, doidão? Que ano tu caiu? – disse o Di já começando a acreditar que não se tratava de uma pessoa de carne e osso.

— 1961. – respondeu a aparição ao mesmo tempo que passava uma das mãos na própria cicatriz.

— Tá me zoando, tiozinho? – perguntou o Di enquanto puxava lentamente uma faca artesanal de baixo do seu colchão.

— Tu viu quem me passou? – foi a última frase do assustador detento.

Nesse momento um colega de cela perguntou com quem ele estava falando. O Di se virou para responder e quando foi olhar novamente o homem já havia desaparecido.

— Ele sumiu?

— Sim, era a porra de um fantasma.

— Tu nunca mais o viu?

— Eu não olho mais pela janela. Vai que aquele tiozinho vem me assombrar de novo.

— Mas tu disse que não tinha medo.

— Meu medo não é dele. Se a bandidagem me pega falando sozinho de novo vão começar a me tirar pra louco. E aqui nego noiado com espírito corre o risco de virar um também.

Disse ser famosa na cadeia a história de um detento que alegava ver almas penadas perambulando pelas alas do Central. Na galeria em que ele cumpria sua pena, objetos caíam sozinhos durante a noite e camas pegavam fogo do nada. Além disso, por vezes ele teria incorporado espíritos que faziam ameaças aos outros presos, dizendo, com uma voz demoníaca, que todos que ali morressem teriam suas almas presas ao presídio.

— Dizem que até chamaram um padre pra benzer a galeria e exorcizar o maluco, mas ele continuou com aquela piração. Se fosse só a loucurinha ninguém daria bola, porque aqui é cheio de viciado fora da casinha, mas com as parada voando e pegando fogo parece que a negada levou a sério o papo de demônio.

Segundo contam, como a visita do padre não fez efeito, os líderes da galeria se reuniram e chegaram à conclusão de que o preso sensitivo deveria ser morto. A esperança era que com ele também sumissem os fenômenos paranormais. Amarraram-no em uma cama e atearam fogo.

— Fizeram churrasquinho dele. Agora tu acha que eu vou ser doido de sair falando por aí que eu também vejo fantasma?

— É, acho melhor tu guardar esse segredo.

Essa história circula pelo Presídio Central ano após ano. Os que a passam adiante dizem que, enquanto ardia em chamas, o homem gritava com uma voz rouca e metalizada: “Não vai adiantar nada, vocês já estão no inferno!”.

A BOCA DO PADRE

— O que fizeram com o padre?

— O que benzeu a galeria? Não sei, mano, isso foi antes de eu entrar aqui.

— Não esse, o pedófilo.

— Eu passei ele, mano. Tu não ouviu eu te contar pra ti?

— Sim, eu sei, mas o que fizeram com o corpo?

— Virou ração de porco. Se o porco que comeu já cagou, ele é merda de porco. Então se hoje ele é merda de porco, tá melhor de quando era vivo aquele filho da puta.

— Mas ninguém deu falta dele? E a casa? Ficou abandonada?

— Vou te contar, mas deixa eu pedir pro meu cumpadi Lamento passar um café aqui que a resenha é longa.

— Como ele passa café aí?

— Nós usa uma meia pra coar. Meu cumpadi Lamento bota fogo em papel higiênico e esquento a água dentro de uma garrafa de plástico.

— Mas ela não derrete?

— Não, só encolhe. A base dela é mais dura, tá ligado? É só não encostar demais na chama pra não pegar fogo.

— Isso não faz mal, Di?

— Capaz! Te garanto pra ti que é o melhor café da cidade.

Sim, faz mal. Essas garrafas são feitas com um tipo de plástico chamado politereftalato de etileno, o popular PET. Quando aquecido, esse material solta dois compostos químicos, sendo que um é cancerígeno e o outro está relacionado a diversos problemas sérios de saúde. Se uma garrafa de água quando deixada dentro do carro em um dia de sol já solta essas substâncias, imagina uma que é esquentada pelo fogo. Porém, acho que não ia adiantar muito eu tentar explicar isso para ele.

— Por que não usam uma garrafa de vidro?

— Não tem, mano. Quando entra vidro aqui logo vira faca.

— E o pó? Conseguem como?

— O que não falta aqui é pó. Nem do preto nem do branco.

Eu preocupado com os malefícios do café feito na gambiarra de plástico e o Di falando em cocaína e facas feitas com vidro. Realmente dar conselhos de saúde naquelas circunstâncias seria uma total perda de tempo. Achei melhor deixar eles curtirem o cafezinho sem culpa e retomar a história do padre:

— Então, o que aconteceu depois que tu matou o pedófilo?

— Depois que passei ele eu ouvi um barulho vindo de outro quarto. Abri a porta e vi uma tiazinha velha caída no chão, na frente de uma cadeira de rodas.

A senhora idosa, que se atirou no chão assustada com os tiros que vinham do banheiro ao lado, era mãe do ex-padre que acabara de morrer. Já não falava e vivia em uma cadeira de rodas.

— A vizinha só resmungava. Não dava pra sacar nada do que ela tentava falar.

Quando os comparsas do Di chegaram para pegar o corpo e levá-lo ao “açougue”, revistaram a casa em busca de dinheiro e objetos de valor. Porém, apenas encontraram fitas de vídeo e brinquedos por toda a parte, além de uma roupa de freira que estava no armário do quarto da cadeirante. A mulher, que devia perceber tudo o que o filho fazia com as crianças, mas que mal podia se mexer na cadeira de rodas, era uma beata.

— Eu passei ele porque era um estuprador filho da puta, mas eu não podia passar aquela senhora.

— O que vocês fizeram com ela?

— Relaxa, meu cumpadi, já vou chegar lá.

A casa acabou virando um dos pontos de droga mais requisitados da região e ficou conhecida como “a boca do padre”. Além de ser grande, a residência tinha duas entradas para carro. Assim foi possível fazer uma espécie de delivery, onde o movimento era intenso.

— Lá nós tinha muitos fiéis, mas eles não queriam hóstia. Queriam pó, erva e pedra.

— Vendiam bastante por ela ser bem localizada?

— Também, mano. Além disso, geral acreditava que era uma droga abençoada.

— Por ser a antiga casa do padre?

— Não foi só por isso. Algum maluco espalhou que teve a visão de uma santa depois de se chapar com o nosso tóxico. Lógico que ele tava só tendo um teto, mas os outros viciados compraram a ideia e queriam ver as parada divina também.

Moradores frequentemente são expulsos por traficantes de suas casas que são transformadas em pontos de comércio de drogas. Isso é muito comum em zonas pobres de Porto Alegre. Uma vez fui abordado por um homem na Praça da Matriz, no Centro de Porto Alegre, que por sinal é repleta de ladrões que roubam para sustentar o vício. Ele dizia estar morando em seu

carro com sua esposa e sua filha. Com os olhos cheios de água, me entregou duas folhas de caderno e nelas ele tinha escrito como foi expulso de sua residência pelos traficantes do bairro Jardim Carvalho, onde nem as escolas abriam mais devido aos constantes tiroteios. Quando perguntei por que ele não tinha ido à polícia, o homem pegou as folhas da minha mão e disse: “É apenas por não ter dado queixa que nós ainda estamos vivos”.

Recentemente, a quadrilha conhecida como os "V7", a qual abordo mais adiante, teria tomado em torno de 40 casas de moradores da Vila Pantanal, na zona sul de Porto Alegre, para guardar armas e drogas. Em um dos casos, uma família que já vivia há mais de dez anos no local teve a residência invadida por pelo menos 15 homens armados com metralhadoras e pistolas. Tiveram que abandonar a casa apenas com a roupa do corpo.

Era fácil encontrar nas palavras do Di a confirmação desse tipo de prática e das represálias feitas a quem não respeita a lei do silêncio imposta pelas quadrilhas nas comunidades:

— A gente semo bom com a comunidade, mas tem que tá firmado com o movimento. Quem cagueta nós pros homi e faz traíragem, tá fudido.

No caso da boca do padre uniu-se o útil ao agradável. Em vez de expulsarem a velha senhora, encontraram uma utilidade para ela.

— O que fizeram com a senhora da cadeira de rodas?

— Tu já vai saber, deixa eu contar.

As filmadoras, que o homem usava para gravar os abusos que cometia com as crianças, foram transformadas em câmeras de monitoramento. Segundo o Di, elas controlavam a entrada e saída de usuários e a aproximação de ameaças.

— Se aparecia polícia perto da boca, nós fechava tudo e rapava fora pelos fundos.

— E a droga? Ficava lá?

— Sim, mas ficava escondida.

— Onde?

— Mano, pode ser polícia ou bandido, ninguém levanta a saia de uma senhora vestida de freira sentada em uma cadeira de rodas.

DESMANCHE DO SEQUESTRO

— Pô, Di, usaram a freira pra esconder drogas?

— Aham, foi pra isso que serviu a tiazinha enquanto ela tava viva.

— Ela morreu?

— Finalmente foi pra junto do Senhor.

— Já estava muito velha, né?

— Sim, mas ela não morreu de velha. Morreu de tiro.

— Porra, vocês mataram a freira?

— Não foi a gente que matemo ela. Quer dizer, acho que não foi nós. É que ela foi abençoada com uma bala perdida, tá ligado?

Ele contou que a boca do padre era tão famosa e lucrativa que traficantes rivais tentavam a toda hora tomá-la. No início, quando não havia muitos do seu bando no local para protegê-lo de um ataque, a ordem era sair pelos fundos levando o dinheiro e deixando os entorpecentes embaixo da cadeira de rodas, cobertos pela saia da roupa de beata da velha senhora. Depois, o Di e seu bando voltavam em maior número para recuperar o ponto. Foi em uma dessas retomadas de poder que a idosa ficou no meio do fogo cruzado e foi atingida.

— Di, o que rolou com o padre pedófilo não me deu a menor pena, mas a pobre senhora não merecia isso.

— Sabe o que eu acho, mano?

— O quê?

— Que foi Deus que guiou aquela bala até a testa daquela vizinha. Ela teve que viver com aquele covarde de merda que era o filho dela e depois ainda teve que aturar nós escondendo mercadoria no meio das perna dela. Se a vizinha ainda tinha alguma consciência de pensamento acho que ela já tava rezando pra passar dessa pra uma melhor.

— Não se pode tirar esse tipo de conclusão pelos outros. Se ela queria ou não levar um tiro não é tu que vai dizer.

— Tá, mano, mas ela já tava mais pra lá do que pra cá mesmo.

— Cuidado, ela pode vir puxar teus pés durante a noite.

— Já te falei pra ti que não tenho medo de morto.

— É verdade. E pelo jeito não tem muito medo dos vivos também, se não já teria abandonado essa vida.

— Das maldade dos vivo eu tenho consciência da capacidade, mas eu mesmo me protejo, porque rezar não adianta. Aposto que aquela vizinha rezou a vida toda e olha no que deu.

— Tu não te protege coisa nenhuma. Vira e mexe tem história de tiroteio pra me contar. Tu só não morreu ainda por sorte.

— Em sorte sim eu acredito. Eu nunca tive, mas já vi quem teve. Já te contei pra ti a história do fantasma do desmanche?

— Ainda não. Outra alma penada?

— Não, mano. Era uma mina no porta-malas de um carro.

— Morta?

— Não. Tava vivinha.

— E o que a sorte tem a ver com isso?

Havia uma garagem clandestina na Bom Jesus que era utilizada pelos traficantes como desmanche de carros roubados. Eles desmontavam e vendiam as peças para pequenas oficinas da cidade. Certo dia, o Di foi convocado para substituir um integrante da quadrilha que fazia a segurança do local, que não queria mais o cargo porque alegava que o desmanche estava mal-assombrado.

— Por que ele achava isso?

— Ele dizia que ouvia um choro de mulher vindo do meio do ferro-velho, mas na madrugada não ficava ninguém lá dentro além dele.

Na primeira noite que o Di trabalhou como vigia do desmanche já escutou o choro de mulher. Porém, ao contrário do seu colega medroso, ele foi investigar de onde vinha aquele gemido. Após afastar algumas peças e subir em carcaças de carros, chegou a um sedã cujo desmonte ainda não tinha sido iniciado. Estava coberto por uma lona e quando ele a retirou o choro ficou mais alto. Abriu o porta-malas e lá estava uma mulher amordaçada e com os olhos vendados, debilitada e chorando com o pouco de força que ainda tinha para respirar.

— O que tu fez com a coitada?

— Salvei ela, mano. Chamei um parça que sabia dirigir e larguemo ela na porta de um hospital.

— Bom saber que tu fez isso. E teus chefes não te repreenderam?

— Não, mano. Porque não foi nós que botou ela na mala daquele carro.

— Então como ela foi parar lá?

— Isso eu também fiquei me perguntando. Depois de matutar uma caralhada de tempo eu cheguei a uma conclusão de como foi aquele acontecimento.

A conclusão dele realmente fazia sentido. A mulher teria sido sequestrada e colocada no porta-malas do próprio carro. Por ironia do destino, os sequestradores andaram poucas quadras até que foram assaltados pelos integrantes do bando do Di, que apenas queriam roubar o carro e foi o que fizeram. É provável que a vítima tenha levado uma pancada na cabeça e desmaiado por um bom tempo. Isso porque, durante o percurso que fizeram até o desmanche, os criminosos da Bom Jesus não ouviram qualquer batida ou gemido.

Esse não tinha as características de um sequestro relâmpago, crime muito comum em Porto Alegre. É possível que ela fosse de alguma família rica ou trabalhasse em uma instituição financeira, o que é um perfil de vítima muito visado pelos bandidos. Uma prova disso é que no dia 29 de abril de 2016 a polícia evitou o rapto de um funcionário de banco ao prender seis homens no bairro Menino Deus. Eles foram presos com três toucas ninja, lacres (espécie de algema), fita adesiva e dois revólveres calibre 38. O plano deles era deixar a família da vítima com metade do bando enquanto os outros acompanhariam o homem até o banco, onde ele realizaria diversas transações sob a ameaça de ter sua esposa e filhos mortos caso não cooperasse. Felizmente, nesse caso, os criminosos estavam sendo monitorados pelo Departamento Estadual de Investigações Criminais (Deic), que os interceptou e evitou a ação.

A mulher que passou dias no porta-malas do carro deve ter escapado de um plano parecido com esse.

— Como que durante o dia ninguém ouvia o choro da mulher?

— Os maluco do desmanche passam o dia martelando e ouvindo funk, além de ser um bando de chapado.

O Di era um bandido e isso eu não podia negar, mas o fato de ter socorrido a mulher me fez pensar que seu caráter não estava completamente contaminado pela maldade.

— Viu só como ela teve sorte?

— Como sorte se ela foi sequestrada?

— Sim, mas nós robemo o carro e ela se safou dos maluco. Vai saber o que iam fazer com a mina.

Quando achei que eu havia terminado de escrever esta parte da história, uma coincidência aconteceu. Durante uma pausa que fiz para tomar um café e ler mensagens no celular, recebi de um amigo um vídeo de uma tentativa de sequestro que acabara de ocorrer a poucas quadras de onde moro. Três homens com os rostos cobertos por lenços tentaram arrastar uma adolescente para dentro de um carro e só não conseguiram porque ela estava acompanhada de outro jovem, que a agarrou pelos pés e evitou que os criminosos a levassem. No mesmo dia, uma estudante não teve a mesma sorte e foi levada por um grupo de sequestradores. Sei disso porque, no mesmo grupo em que o vídeo foi compartilhado, outro de meus amigos narrou, quase que em tempo real, a ação que aconteceu nas proximidades da faculdade particular onde leciona:

— Bah... Levaram uma estudante agora, aqui na frente da faculdade. Três caras também. — escreveu ele.

— Sério? Tu viu? — perguntou um dos meus amigos mais amedrontados.

— Eu não vi, mas deu pra ouvir os gritos daqui da sala de aula. — respondeu.

— Tu tá dando aula e escrevendo no grupo ao mesmo tempo? — perguntei.

— Acabou a aula... Acabou o clima. — escreveu ele antes de enviar uma imagem da sala vazia.

FOGO AMIGO

Antes de conhecer o Di e sua história eu acreditava que os sequestros eram frequentes apenas em bairros nobres. Porém, ele me fez entender que esse tipo de crime persegue qualquer um que tenha dinheiro. E isso é o que não falta para os chefes do tráfico.

— O que tu vai fazer quando sair daí, Di?

— A primeira coisa que eu vou fazer?

— Não. Quero saber o que tu vai fazer da vida.

— Que tu acha, mano? Não te ligou ainda que eu sou do tráfico?

— Sim, mas tu vai voltar pra boca do padre? Vai continuar sendo soldado?

— Não. Vou ser gerente, tá ligado? Vou ter minha própria boca. Porque eu subi no conceito do patrão.

— Ele também tá preso?

— Podicrê.

— Por que tu subiu no conceito dele?

— Por que eu salvei a Dona Imperatriz.

“Dona Imperatriz” é como o Di e os outros soldados da sua facção chamavam a namorada de um dos chefes do grupo. Para muitas jovens de bairros pobres de Porto Alegre, se

relacionar com traficantes pode parecer uma escolha vantajosa, afinal, eles têm muito dinheiro e mandam e desmandam dentro de suas comunidades. Porém, elas ignoram o provável destino que as espera. A maioria acaba na prisão ou, o que é muito pior, nas mãos dos inimigos do seu amado. No caso da Dona Imperatriz o perigo não estava somente nos integrantes das facções rivais.

— O que aconteceu com ela?

— Ela sofreu um sequestro, mas no fim ela saiu inteira graças à minha pessoa.

O Di já estava no Central quando o seu chefe, também preso, saiu da sua cela irado, quebrando tudo e chutando quem estava pela frente, após receber uma chamada telefônica. Sua namorada tinha sumido e a ligação era dos sequestradores que exigiam R\$ 300 mil para liberá-la.

— Como tu salvou ela se tu já estava preso?

— Acontece que o filho da puta que fez todo o planejamento do esquema também tava enjaulado aqui.

Havia um novo detento que era muito bom com números. Ele tinha facilidade em fazer contas por ter completado o ensino médio. Era um homem bem articulado e acabou se aproximando do chefe da facção, que mostrava certa admiração pelo detento erudito. Já o Di, por falta de empatia ou por invejar a rápida aceitação do novo braço direito de seu patrão, não foi com a cara do novato:

— Nunca engoli aquele engomadinho. Era cheio das balaca, dos palavreado difícil. Fora que era um puxa-saco do caralho.

Além de dar aulas para o chefe, que queria aprender a ler e escrever, o homem passou a fazer a contabilidade da galeria. Isso o fez perceber a enorme quantia que estava em domínio do seu superior.

— O maior erro do patrão foi não ter revirado a vida do maluco antes de deixar ele mexer com a contabilidade do movimento.

— Por que, Di?

— Porque ele ia ver que o novo protegido dele já tinha passagem por sequestro.

O homem deixou seus comparsas, que não estavam presos, de sobreaviso. Como ele estava sempre próximo do chefe do tráfico, escutava as conversas que ele tinha ao telefone, muitas com sua namorada. Em uma delas, antes de desligar, a mulher disse que estava indo a uma estética onde ia se preparar para o dia de visitas. Com o ouvido atento, o dissimulado contador pegou outro celular e deu o sinal verde para que seus companheiros de crime raptassem a descuidada Dona Imperatriz.

— O patrão falava pra ela não sair muito da Bonja, mas sabe como que é mulher bonita, gosta de ficar dando banda pra se aparecê.

Os homens mataram o capanga que fazia a segurança da mulher e a levaram para um cativoiro. Ela ficou amarrada e amordaçada em um quarto de apartamento sob a vigia de criminosos fortemente armados, incluindo uma criança que portava uma submetralhadora.

— Como tu descobriu que o contador tava envolvido?

— Fiquei ligado porque ele tava fazendo uma correria pra liberar rápido o pagamento do resgate. Fora isso o maluco só saía de perto do patrão pra falar no celular. Ou ele falava mocoziado ou trocava mensagem com alguém.

— Aí tu começou a suspeitar dele?

— Sim, o comédia sempre se escondia pra atender ou pra ligar.

O Di ficou de olho quando o homem escondeu seu aparelho de celular em um buraco na parede, atrás da privada de sua cela.

— Meu pressentimento em relação à traição dele tava mais do que certo, escritor.

Quando ele se afastou para ir ao encontro do chefe, que bufava de raiva por terem mexido com a sua amada, o Di pegou o celular e viu que nas mensagens havia a foto da Dona Imperatriz amordaçada. Como não sabia ler, pediu a ajuda de outro detento que lhe leu todas as mensagens. Elas constatavam que o contador era o principal responsável pelo sequestro da mulher.

— O filho da puta era o cabeça da história.

— Depois que tu descobriu tudo, tu matou ele?

— Não, mano. Se eu passasse ele os parça dele iam mata a Imperatriz. Aí o patrão ia me passar depois. Então primeiro eu e o professor peguemo o celular algumas vez até descobrir onde ela tava.

— Quem é o professor?

— É o maluco que me leu as mensagens. Depois te falo melhor dele.

— Tá. E tu não contou pro teu chefe o que tava acontecendo?

— Não podia. Porque sei como funciona com o patrão. Ele não ia se segurar e ia matar o maluco antes de nós salvar ela.

— Como vocês descobriram o endereço do cativo?

— Troquemo mensagem com eles como se nós fosse o contador. Tudo na surdina.

Assim que descobriu o endereço, o Di ligou para um integrante do seu bando que juntou um grupo de soldados do tráfico para resgatar a Dona Imperatriz. Invadiram o apartamento

que servia de cativo e mataram todos os comparsas do contador, incluindo a criança.

— Mandei a tropa mais cabulosa que nós tem pra invadir o cativo. Se meteram com quem não deviam, tá ligado?

— É, eu percebi.

— Aí depois foi só entregar o contador de bandeja pro patrão.

Após saber que a mulher estava a salvo e os sequestradores estavam mortos, ele entrou na cela do seu chefe onde também se encontrava o contador. Era a hora de revelar a traição e o principal responsável pelos piores dias da vida da Dona Imperatriz não tinha para onde fugir. O Di me contou como foi diálogo em que ele entregou o traidor. Foi mais ou menos assim:

— Peguemo a Imperatriz, patrão. Ela já tá em casa sem nenhum arranhão. – disse o Di ao interromper uma conversa do seu chefe com o mandante do sequestro, que cuidava dos últimos detalhes para o pagamento do resgate.

— Tá de caô, Di? E os filho da puta que pegaram ela? – perguntou, surpreso, o líder da facção.

— Eles tá morto, patrão. – respondeu o Di enquanto colocava o celular do traidor em cima da mesa que ele utilizava para fazer a contabilidade do tráfico.

— Todos? – perguntou seu chefe.

— Não. Ainda falta um. – disse o Di ao mesmo tempo que barrava o caminho do contador que já tentava sair de fininho da cela.

O apenado começou a gaguejar ao tentar convencê-los de que tudo não se passava de um engano. Foi então que o Di se retirou da cela e fechou a grade, deixando apenas os dois do lado de dentro. Atirou uma faca para seu chefe e disse: “Ele é todo teu, patrão”.

— Mano, acho que nem consigo te descrever como o patrão passou aquele filho da puta.

— Por quê?

— Porque jorrava tanto sangue do maluco que eu tinha que virar a cara toda hora pra não pegar no meu olho.

— O que fizeram com o corpo?

— Não sobrou quase nada do corpo. E o que sobrou o patrão deu o jeito dele.

— E qual foi o jeito dele?

— O que não falta pra ele é grana e neguinho que quer os baguio dele. Pagou quem tinha que pagar e os maluco do presídio deram um sumiço na carniça.

Depois desse episódio o Di subiu no conceito do seu chefe e, conseqüentemente, na hierarquia do seu bando, assim como seu patrão ganhou ainda mais respeito no meio da bandidagem. Não foi apenas por raiva que ele esquartejou o mandante do sequestro de sua mulher. Quando outro criminoso se mete com a família de um traficante, ele não é simplesmente morto com um tiro ou uma facada, mas também é mutilado para que seu corpo, ou parte dele, sirva de troféu e aviso para qualquer outro que pense em fazer o mesmo.

Foi isso o que aconteceu com quatro jovens encontrados decapitados, em novembro de 2016, na região metropolitana. Eles haviam assaltado a casa da mãe de um perigoso detento, dias antes de morrerem. Seus corpos foram encontrados com mãos e pés presos por lacres plásticos. Um deles estava com um mamilo cortado, revelando que houve tortura antes da execução. Além disso, não foram encontradas marcas de tiros, o que indica que tenham sido mortos pela decapitação.

MISSÃO INGRATA

Naquela altura eu já tinha por certo que o Di estava cumprindo pena por tráfico de drogas, mas eu queria confirmar isso:

— Por que tu tá aí? Te pegaram traficando?

— Não, mano. Eu caí por outro motivo.

Em uma tarde, durante um temporal que já começava a alagar as ruas de Porto Alegre, o Di recebeu a ordem de “apagar” dois viciados que estavam devendo uma boa quantia. Além da dívida, alguns moradores se queixavam que a mesma dupla andava invadindo suas casas e roubando objetos.

É comum que nas regiões dominadas por traficantes os moradores peçam a eles que enquadrem quem assalta dentro da comunidade. No bairro Mário Quintana, essa prática acabou em tragédia para a proprietária de um açougue e seu pai. Os dois foram mortos a tiros em seu próprio comércio, no dia 21 de maio de 2016, pelo mesmo homem que já havia assaltado três vezes o local. Eles estavam conversando no balcão quando ele entrou e matou ambos à queima-roupa. O crime foi uma forma de vingança contra os comerciantes, pois o larápio havia sido expulso do bairro pelos traficantes locais. Eles agiram após terem recebido reclamações dos donos do açougue. Quatro dias depois dos assassinatos, a polícia prendeu preventivamente o suspeito de matar seus delatores. Ele estava no Loteamento Timbaúva, aquele

mesmo local onde adolescentes tatuam nas mãos a frase "Inimigo é de graça".

A dupla que o Di precisava encontrar não seria apenas expulsa da Bom Jesus. Como também estavam endividados, além de cometerem furtos, eles já haviam recebido a sentença de morte.

— Eu só sabia que eram dois, que eram irmãos e que eu tinha que passar eles.

Após interrogar alguns dos moradores que tiveram suas casas invadidas, descobriu que estava indo atrás de Palito e William. O mais velho, depois de passar um tempo na cadeia, foi solto e acabou atraindo o irmão caçula para o vício. Ambos estavam inadimplentes e dever para traficante é como assinar a própria sentença de morte. Di se viu em uma encruzilhada. Palito foi seu primeiro amigo e já tinha o ajudado muito quando criança.

— Não me importava em passar o William. Não era mais do meu conceito desde que tentou fazer aquela mina na covardia.

— E o Palito?

— O Palitinho eu ainda tinha como meu parceria.

Decidiu que precisava encontrá-los antes dos outros soldados do bando que também estavam na caça da dupla. Porém, ao contrário dos demais, o Di sabia bem onde procurar. Foi até o antigo barraco onde já haviam morado juntos e lá estavam os dois completamente entorpecidos, sucumbindo ao crack. Conseguiu acordá-los jogando em seus rostos a água da chuva, que já havia invadido o barraco.

— Tava alagando a porra toda.

— Entrou muita água no barraco?

— Já tava passando do joelho, mano. Teria sido melhor eu ter saído e deixado aqueles dois morrer pelo afogamento.

Tentou explicar que suas vidas estavam por um fio e pediu que sumissem da Bom Jesus. Voltou à boca e pagou do próprio bolso a dívida, dizendo que havia encontrado os irmãos e

que eles lhe deram o dinheiro. Levou uma bronca por ter aliviado os devedores. Mesmo que eles tivessem quitado o valor, a ordem era matá-los.

— Me fiz de louco e descí no conceito do movimento só pra salvar a pele daqueles dois.

O conselho que o Di deu à dupla entrou por um ouvido e saiu pelo outro. É como naqueles filmes de terror em que o zumbi tem uma arma apontada para ele, mas vai em direção a quem está armado mesmo assim e leva um tiro na cabeça. Zumbis do crack não conseguem mais raciocinar. Vão em direção à pedra sem dar importância se suas vidas estão em risco ou não.

— Na real eles já tavam morto por causa da pedra. Alguém só precisava encurtar o caminho.

Eles permaneceram no bairro e não demorou muito para que voltassem a se tornar devedores. A missão então foi dada apenas ao Di, por ter fraquejado na primeira vez.

— Foi foda, mas não teve jeito. Além de tudo eles tavam metendo os moradores da comunidade.

Ele foi até o barraco, mas eles não estavam. Sabia que o William guardava algumas pingas em um buraco escondido por uma laje solta. São aquelas aguardentes que vêm em garrafas de plástico mole, cujo gosto mais parece de vinagre. Pegou uma, sentou em um caixote e começou a beber como se fosse água enquanto os aguardava. Precisava estar anestesiado para fazer o que tinha que fazer.

— Não sou de arregar, mas dessa vez tive que meter pra dentro aquela barriga-mole.

O problema é que eles estavam demorando a chegar e o Di já estava ficando muito bêbado. Quando ouviu um barulho na porta, se apoiou com uma das mãos na parede de madeira bamba, para conseguir ficar de pé, enquanto tentava firmar a pistola com a outra. Os irmãos entraram e ele abriu fogo, atirando para tudo o que é lado.

— Mano, eles eram dois, mas eu tava vendo quatro.

William, que entrou na frente, levou quatro tiros e morreu na hora. Seu irmão, que deve ter sido acertado somente de raspão, fugiu em disparada. O Di tentou correr atrás, mas se sóbrio já andava cambaleando por causa do seu tornozelo, completamente embriagado conseguiu avançar apenas duas quadras antes de desabar e apagar no chão.

— Tu acertou o Palito?

— Não sei. Acho que não. Só lembro que caí atirando.

Alguns moradores da volta que ouviram os tiros ligaram para a polícia. Outros avisaram os traficantes, que chegaram antes no barraco e levaram o corpo do William, mas não avistaram o Di que estava alcoolizado e atirado a duas quadras de distância. Já a patrulha da Brigada Militar que foi checar o chamado pegou outro caminho e o encontrou deitado, no meio da encharcada rua de chão batido, com a arma na mão.

— Minha sorte é que a rapaziada chegou antes dos polícia no barraco e levaram a carcaça do William pro açougue. Caí porque quando me cataram eu já era di maior e tava com um ferro.

O açougueiro do bando é o especialista em corte de carne. É quem tem a função de sumir com os corpos de desafetos mortos. Sabe bem como esquartejar e sumir com os pedaços, que são jogados em rios, queimados ou dados aos porcos.

— O que tu disse pra polícia quando te encontraram?

— Eu tava apagado do trago. Acordei já preso.

O sumiço do William livrou o Di de uma pena muito maior. Ele foi preso apenas por porte ilegal de arma, o que significava que logo estaria solto. A polícia concluiu que ele estava embriagado e dando tiros para cima.

— Nunca mais soube do Palito, Di?

— Sei dele sim, infelizmente.

— Ele morreu?

— Nada. Ele tá aqui.

— Aí no Central?

— Podicrê, só que na galeria dos meus contra da Cruzeiro. Firmou com eles.

— Como tu sabe?

— Como não ia saber? O comédia falou pra geral que vai me passar pra vingar a morte daquele cuzão do irmão dele.

REVANCHE DO DESTINO

Se ele teve que atirar mesmo não querendo no Palito, matando o Willian, o gatilho foi apertado com gosto em outras ocasiões. Foram mortes inseridas em contextos que favoreceram a história do Di, colocando-o como uma espécie de justiceiro. Além do ex-padre pedófilo, contou ter executado um homem dentro da prisão, também motivado pela “revanche do destino”, como ele mesmo nomeou. Por cautela, não me disse quando nem como, mas sim porque o matou.

São os próprios presos que indicam onde querem cumprir pena dentro do Presídio Central. Isso evita que o apenado caia nas mãos de inimigos e seja assassinado já nos primeiros dias de detenção. Um novo detento havia escolhido ficar na galeria dominada pelo grupo do Di. Quando questionado pelos líderes da facção o porquê da escolha, disse querer trabalhar para eles em troca de proteção, pois estaria sendo caçado pelos rivais do bando. O motivo seriam alguns furtos na área dominada pelos traficantes.

— Isso acontece toda hora. Sempre tem neguinho querendo firmar com nós pra não morrer na mão dos contra.

— Então vocês aceitaram ele na facção?

— Na real a gente deixou o tio ficar na galeria. Se ele ia servir pra algo ou não nós ainda não sabia. Mas o tio já tava velho e cansado, por isso a gente nem esquentemo.

Era um homem mais velho e o crime que o mandou para a prisão, a princípio, teria sido a violação de uma medida protetiva

pedida por uma de suas ex-companheiras. Aos poucos foi se aproximando do Di, com quem conversava bastante entre um cochilo e outro.

— Geral chamava ele de “Soneca”. O tio só dormia.

Um dia ele deixou escapar que tinha dois filhos, mas que não os via há muitos anos. Depois, contou que já havia morado na Bom Jesus, mas que na época bebia muito e acabou se afastando da família. Tratava-se do pai de Palito e William, que matou a própria mulher na frente dos dois, mas o Di ainda não sabia disso.

— O Soneca dizia que o trago tinha afastado ele dos filhos. Baita migué! O covarde tava era fugido porque tinha matado a mãe deles.

O homem, que dormia muito durante o dia, passava as noites acordado. Estava aguardando a melhor hora para agir. A madrugada, enquanto os outros dormiam, era o momento mais propício para o que queria fazer.

— Depois que eu fui ter o entendimento do motivo pelo qual o tiozinho cochilava tanto de tarde.

Era uma noite fria e o Di estava dormindo, aquecido por dois cobertores. O homem se aproximou e colocou mais uma coberta sobre ele. O detalhe é que essa estava embebida em querosene, extraído de um fogareiro que os presidiários utilizavam para cozinhar. Por sorte, o Lamento, que dormia no andar de cima do mesmo beliche, acordou com o cheiro forte do fluido e chutou o rosto do incendiário antes que ele pudesse acender o fósforo que tinha em mãos. Os demais presos da cela pularam sobre ele e o imobilizaram. Sob chutes e socos, o homem gritava repetidamente: “Ele matou meu filho!”.

— Ele foi espancado até a morte?

— Não. Primeiro nós tinha que ter por conhecimento de quem ele tava falando. Depois que entendi que o filho do doido era o falecido William. Aí peguei o serviço pra mim.

— Como tu fez, Di?

— Deixa quieto, escritor. O Soneca dormiu e não acordou mais. É assim que foi. Matou a própria mulher e ainda quis me passar. Já foi tarde o filho da puta.

O fato de o William ter guardado por muito tempo uma bala de revólver e nela ter escrito o nome do pai, deixou o Di de consciência leve em relação a mais essa morte. Teria vingado o homem que ele mesmo matou. Ao menos ele queria se convencer disso:

— Tenho por mim que o William teria por preferência a morte do pai do que a minha, mesmo que eu tenha passado ele. Foi mais uma revanche do destino, tá ligado?

ÁGUA E CHAMAS

Em Porto Alegre o verão é sufocante. Há dias em que, além do calor de 40 graus, não é possível sentir uma única brisa nas escaldantes ruas da capital. Estávamos no mês de janeiro e era um desses dias. Todo porto-alegrense sabe que depois de uma tarde tão abafada vem um forte temporal. Foi o que aconteceu. Árvores e postes caíram, fazendo com que muita gente ficasse sem luz e água, principalmente nos bairros mais pobres, onde as empresas geradoras de energia demoram uma eternidade para realizar os reparos necessários que restabelecem o serviço.

Eu fiquei apenas algumas horas sem energia elétrica. Já no Presídio Central a espera foi longa. Cinco dias após o temporal o Di me ligou. Eu bem que estava estranhando ele ter ficado tanto tempo sem entrar em contato. Logo entendi o motivo:

— Eu tava sem bateria no celular, mano. Só hoje voltou a luz aqui nessa bagaça e eu consegui carregar o bichinho.

— Vocês estavam sem luz desde o temporal?

— Sim, maluco. Geral passou mal sem ventilador e água. Esse chiqueiro é um forno.

— Faltou água também?

— Ainda tá faltando na real. Temo sem água desde a chubarada. Sorte que o cantineiro da galeria é dus meu e separou uma água pra mim tomar. Pelo menos não tô morrendo de sede que nem o resto da cambada.

Em muitas das celas desse caldeirão do inferno a privada é um buraco no chão, onde, em média, trinta presos se revezam para aliviar suas necessidades. Sem água, não é fácil de imaginar em que estado já estaria esse depósito de fezes. A reação do Di e dos demais encarcerados não poderia ser outra que não a de provocar uma rebelião:

— Deu dessa putaria. Tamo fervendo essa porra agora. Liga na TV aí que tu vai ver.

Era um sábado e eu estava na piscina, pois nem na sombra dava pra aguentar o calor. Óbvio que fiquei constrangido com as diferentes realidades que estávamos vivendo naquele momento e não tive coragem de falar onde eu realmente estava. Decidi mentir:

— Não tenho como olhar TV agora. Tô em um parque. O que tu queria que eu visse?

— Metemo fogo em tudo. Não vamo dá trégua até a porra dessa água voltar.

Os presos ficaram cinco dias sem luz e a água ainda não tinha voltado, o que gerou uma revolta geral no presídio. Convivendo com um forte fedor e inconformados com a impossibilidade de manterem a própria higiene, atearam fogo em colchões e batiam nas grades das celas aos gritos de “queremos água”.

— Por mim ninguém se metia e podiam morrer todos queimados. — disse minha vizinha ao ler a notícia em seu celular enquanto tomava banho de sol à beira da piscina.

Esse pensamento não era nada fantasioso. Em 2012, 355 detentos morreram queimados e asfixiados durante um incêndio que eles próprios provocaram na Penitenciária Central de Comayagua, que fica na região central de Honduras.

Aqui, para a decepção da minha vizinha, as autoridades não deixaram o incêndio chegar a esse ponto. Do lado de fora o Batalhão de Choque estava pronto para invadir, caso essa fosse a

ordem, enquanto os bombeiros tentavam controlar as chamas que saíam das janelas do Central como se estivessem sendo cuspidas por um incansável dragão.

— Pra apagar fogo eles têm água esses filho da puta. Já pra nós eles não dão uma gota.

— Mas de que adianta colocar fogo nas coisas aí? Vai ficar ainda mais calor.

— Foda-se! É o único jeito. Se tu tiver outra ideia de como nós pode chamar a atenção me diz então. Tem até helicóptero voando aqui por cima e filmando o que nós tá fazendo.

Ele estava certo no seu argumento. A mídia foi em peso para frente do presídio. Autoridades foram pressionadas e naquele mesmo dia a água voltou a correr pelos enferrujados canos e incontáveis vazamentos próximos à fiação exposta das danificadas e imundas paredes do Central.

— Hoje é dia de nós comemorar aqui, escritor. O esgoto voltou a escorrer pelas rachadura das parede. Temu água finalmente.

— E o fogo?

— Já apaguemo.

— Queimou muita coisa aí dentro?

— Pouca coisa. Cama, parede e caiu um teto.

— O teto caiu em alguém?

— Não. Na real ele já tava caindo. Aí nós tivemos que empilhar um monte de livro pra fazer tipo um pilar e segurar ele, tá ligado?

— Aí os livros queimaram e o teto caiu?

— Isso aí. Pobre do professor, que tentou salvar os livro e queimou as mão e os braço.

— É a segunda vez que tu fala desse professor. Tem um professor aí?

— É como nós chama ele. O maluco é encarnado nos livro.

“Professor” é o apelido que os detentos deram a um dos encarcerados que já teria lido todos os livros da galeria, além dos que ficam disponíveis na parte térrea do presídio. É onde está a biblioteca do Central, que depende de doações e conta com um acervo de mais de cinco mil exemplares, entre obras de ficção, romance e ciências exatas.

— O Professor é gente fina. Dá uma mão pra rapaziada.

Livros que abordam a literatura da Constituição e o direito penal são os mais procurados. Foi assim que o apenado adquiriu um pouco de conhecimento jurídico, usado para fazer petições ao juiz e reduzir sua própria pena e a de seus colegas de cela.

— Aí, quem sabe teu livro não vem parar aqui dentro?

— Quem sabe, Di.

— Eu só gosto de um livro.

— Mas tu não sabe ler. Como que tu gosta de um livro?

— É um livro que eu tenho.

— E qual é o título?

— Não sei, maluco.

— Então como tu sabe que gosta dele?

— É que ele é oco.

— Se ele é oco não serve pra nada.

— Claro que serve. Onde tu acha que eu tô guardando esse celular pelo qual nós tá trocando ideia?

AS CELAS ENFEITADAS

Em uma de nossas conversas eu ouvi um som ao fundo e perguntei o que era. O Di me disse que os colegas de cela estavam assistindo ao seu programa de televisão preferido.

— Por que vocês gostam desse programa?

— Pra passar o tempo. E tem vez que esse gordinho comédia fala de nós.

Tratava-se de um desses programas jornalísticos locais que têm como foco a violência urbana, com um apresentador que une o trágico ao cômico para fazer do crime um entretenimento.

— Fala bem ou mal?

— Mal né.

— E vocês não ficam brabos?

— Nada, escritor. Quanto pior fala de nós melhor.

As facções gostam quando ganham mídia. Aparecer nos veículos de comunicação faz crescer a reputação e o ego dos grupos criminosos.

— Nós é cabuloso mesmo.

Acho que ganhar notoriedade não era a intenção do Di quando decidiu topar que eu escrevesse sobre sua história. Caso fosse, ele teria se vangloriado mais em seus relatos e até omitido

algumas situações que para muitos poderiam ser motivos de vergonha.

— Qual a primeira coisa que tu vai fazer quando sair?

— Direto pra cachorrada.

— Como assim?

— Puteiro, mano. Tô numa tirissa desgraçada desde que inventaram a ala dos traveco.

Em 2012 o Presídio Central ganhou uma ala exclusiva para travestis. Ela foi criada porque eles, quando misturados a outros apenados, muitas vezes eram estuprados e linchados. Hoje cumprem suas penas nas celas mais cuidadas e enfeitadas do complexo, longe dos abusos diários que sofriam de seus antigos colegas de pavilhão.

— Geral usava traveco de mocó. Nego obrigava eles a meter droga e outras coisas no rabo pra enviar de um pavilhão pra outro.

— Celular também?

— Claro. E tinha vez que era vários ao mesmo tempo.

Diferente das outras galerias do Central, onde os encarcerados já não se importam mais em conviver com as baratas que fazem parte do cenário de sujeira generalizada em que vivem, nessa galeria não há insetos ou lixo espalhado pelo chão. A limpeza é rigorosamente mantida em dia pelos próprios detentos.

Por causa do artesanato que produzem, são os únicos com permissão para lidar com tesouras e agulhas. O ambiente também conta com as próprias normas. Com direito a cerimônia e festa para celebrar a união, casar para poder namorar é uma delas. Existe a suspeita de casos em que o apenado está com a cabeça a prêmio e seduz um travesti para poder ficar seguro nesse espaço localizado no terceiro andar do pavilhão H. Para o Di, isso não é apenas uma suspeita:

— Tinha um caloteiro aqui na galeria que já tava certo que ia ser passado. Ele sumiu e ninguém mais viu o maluco. Negada que tava atrás dele acha que rolou transferência de cadeia.

— E não foi isso que aconteceu?

— Que nada, mano. Foi o traveco que ele comia que salvou a pele do doido. Acolheu ele na galeria deles e em troca ele teve que casar bem casadinho.

O capricho e a vaidade não apagam o que o cárcere não os deixa esquecer. Todos têm algum motivo pelo qual cumprem pena. Mataram desafetos, trocaram tiros com a polícia, envolveram-se com o tráfico, assaltaram bancos ou cometeram algum outro tipo de delito.

— São bandido que nem nós, só que dão a bunda e assumem. Diferente de uns e outros aqui que eu sei que dão só na moita. — disse o Di em voz alta e rindo como se estivesse acusando um de seus colegas de cela.

O estilo marginalizado da maior parte dos travestis tem uma explicação muito simples: a sociedade não os acolhe. Para a grande maioria, a exclusão já começa na infância. Por apresentar algumas preferências e trejeitos afeminados, a criança passa a ter problemas dentro e fora de casa. Não é aceita pela família, muitas vezes sendo brutalmente agredida, e sofre bullying na escola. Acaba por não conseguir estudar, problema que no futuro se somará a muitos outros.

— Tu fazia sexo com eles quando era tudo misturado?

— Claro que metia. Eles dava uma quebrada de galho legal.

— Mas era à força?

— Capaiz. Eu só fazia no convencimento.

— Só no carinho?

— Claro. Não dá pra brincar com eles. Tu já viu um traveco brabo?

— Não.

— O prefeito da galeria deles tá cumprindo porque pegou o marido com outra mulher de tromba na cama. Matou um e o outro tá na cadeira de rodas pro resto da vida.

Esse mesmo chefe da galeria dos travestis, ao qual o Di se referiu, não tem apenas o crime passional como marca de violência em seu passado. Quando criança, ao assumir a homossexualidade, teve seu corpo queimado da cintura para baixo. O agressor foi o próprio pai, que o pediu para colocar uma panela de água no fogão, pois faria macarrão. Porém, a água fervente não era para cozinhar, e sim para atirar em suas nádegas com a ideia de inutilizá-las para a prática do sexo.

Quando crescem, já longe de familiares e sem qualquer estudo ou qualificação, resta o corpo como alternativa para gerar renda. Uma hora ou outra a prostituição se apresenta como um caminho de sobrevivência, e não como uma escolha. O dinheiro que ganham é investido no processo de transformação, com implantes de silicone, tratamentos hormonais e cirurgias. Nos lugares frequentados, o ilícito está em toda a parte. Troca de favores, drogas, roubo e todo tipo de atividade que promove a desvalorização do ser humano.

Na manhã do dia 19 de julho de 2016, um travesti foi preso por extorquir e assaltar os próprios clientes no Centro da cidade. Ele marcava sempre por telefone o programa sexual e cobrava em torno de R\$ 300. Porém, após o encontro, colocava uma faca no pescoço dos clientes e exigia valores entre R\$ 3 mil e R\$ 4 mil. Ele possuía até mesmo uma máquina de cartão de crédito para receber esses pagamentos. Além disso, ele entrava no Facebook das vítimas e mandava mensagens dizendo que iria entrar em contato com suas famílias para falar sobre os programas.

Se não presos, muitos acabam morrendo devido às circunstâncias em que vivem. Os motivos podem variar entre violência, doenças sexualmente transmissíveis ou cirurgias clandestinas mal conduzidas, algumas delas para a aplicação de

silicone industrial. Também existem homens que transam com travestis e depois acabam se voltando contra eles. Algum distúrbio mental se mistura com o arrependimento e um sentimento de revolta que muitas vezes acaba em assassinato.

— Tu te protege, Di?

— De quê?

— Tu usa camisinha?

— Não vou te mentir pra ti que eu uso sempre.

— Quando tu usa?

— Ué, quando quem eu vou meter tá com a mardita.

— Com aids?

— Isso.

— Mas como tu sabe se a mulher ou o travesti com quem tu vai transar tem aids ou não?

— Perguntando, mano.

Não é à toa que a expectativa de vida dos travestis no país é de 35 anos, enquanto a dos demais brasileiros gira em torno de 75 anos. O Brasil lidera o ranking dos países onde mais morrem pessoas nessas condições. Aqui, um travesti ou transexual idoso é um sobrevivente.

A ala especial do Presídio Central acaba sendo um refúgio de quem é refugio, onde eles podem se relacionar sem as atitudes e olhares repressores de conhecidos e desconhecidos. Os que não possuem um companheiro flertam com presos de outras galerias através das janelas, se comunicando com o auxílio de pequenos espelhos.

— Tem vez que dá até briga no pátio porque nego dá em cima de traveco de outro.

— Mesmo conversando só pela janela eles sentem ciúmes se um tenta paquerar o travesti de outro?

— Sim. Tudo pelo espelhinho.

— Tu namora pelo espelhinho também?

— Eu não, maluco. Que que adianta ficar de joguinho com os traveco se não dá pra tocar neles?

PALITO E O GATORADE

Devido à superlotação, as celas ficam abertas em tempo integral. Todos circulam livremente pelo interior das galerias, onde há o domínio das facções e a guarda dificilmente entra. Os contatos com a administração do presídio são feitos através dos chamados “prefeitos” ou “plantões”, que são representantes escolhidos pelos grupos para o diálogo em caso de negociações e reivindicações.

— Fora o Palito, tem mais gente querendo a tua cabeça aí dentro?

— Esquece o Palito, mano. Ele já era. Tomou um Gatorade.

“Gatorade” é o nome dado pelos detentos à forma de matar adotada no Central. A vítima é imobilizada, enrolada em cobertores e forçada a ingerir uma superdosagem de alguma droga, na maioria das vezes cocaína. Quando entra em surto, uma sacola é amarrada em sua cabeça, impedindo a respiração. Eu pensei se tratar de uma forma silenciosa de execução, mas o Di me disse que não é bem assim:

— O coquetel da morte nego toma na madrugada.

— Para que os outros presos não vejam?

— É pra pegar o maluco dormindo mesmo. Os outros podem não ver, mas escutam. Nequinho grita que nem um porco na hora do abate.

A vítima pode gritar, mas não consegue se debater por estar completamente imobilizada. Acaba morrendo sem lesões aparentes. É uma forma mais limpa e que dá menos trabalho, tanto para os presos como para o poder público, que nem investiga o porquê de o detento ter ingerido uma dose cavalara de entorpecentes. A causa da morte se dá por overdose e fica por isso mesmo.

— Tem vez que nós dá Gatorade pros novato da galeria só pra zoar.

— Vocês matam só pra zoar?

— Não, mano. Nesses caso é só placebo mesmo. O maluco acha que tá tomando o coquetel da morte, mas depois se liga que só tomou uma água suja e mijada.

O Di disse que o Gatorade falso seria dado só por diversão, mas na verdade o objetivo principal é intimidar o novato e fazer com que ele perceba que está nas mãos do grupo que coordena a galeria.

— Vocês fazem isso com todos os novatos.

— Não, só com os marrentinho que entram aqui tirando onda de nefasto e achando que podem fazer o que dá na telha.

— Só pra assustar?

— Isso aí. Tem uns que entram achando que são galo. Aí nós finge o Gatorade e eles viram uns pintinho medroso. E depois a gente ainda obriguemo a limpar as coberta.

— As cobertas que usam pra amarrar eles?

— Sim.

— Por que eles têm que lavar elas depois?

— Porque os pintinho se mijam e se cagam de medo na porra toda.

A implementação desse método de matar não eliminou a necessidade que os presos têm de se armar. No dia 4 de março de

2016 a Brigada Militar aprendeu, durante revista realizada no pavilhão A do Presídio Central, 18 facas artesanais e 13 ponteiras, além de 24 aparelhos de celular.

— Malandro tem faca pra manter o respeito no meio da bandidagem e pra qualquer imprevisto, tá ligado?

— Tu anda com uma faca aí dentro?

— Eu não seria cuidadoso com a minha pessoa se não tivesse uma bicuda comigo.

A forma utilizada para mascarar assassinatos também foi adotada pelas facções para que os óbitos não façam muito alarde. Administram um negócio tão lucrativo em suas galerias que não querem chamar atenção para o que está acontecendo do lado de dentro dos muros do Central.

— Com o Gatorade o presunto vai direto pro necrotério e quem fez o serviço nem se incomoda.

Antes disso, os criminosos utilizavam um método muito mais macabro para tentar se livrar do corpo. A vítima era esquarterada, os ossos separados da carne, que era queimada, e o que sobrava eles enterravam em diferentes partes do pátio ou escondiam nos mocós. A mídia gerada por restos humanos sendo desenterrados fazia com que os líderes dos pavilhões tivessem que dar muitas explicações e sofressem represálias da administração do presídio. Fiquei curioso sobre essa prática e quis saber do Di se ele sabia de alguma história que confirmasse isso:

— Tu já viu alguém esconder a parte de um corpo aí dentro?

— Não é do meu tempo. Isso era antes do coquetel da morte. Falam que tinha vez que até voava melão de dentro pra fora.

— Melão?

— Sim, mano. Cabeça que nego cortava fora, dos contra, e depois tacava por cima do muro. O Mumm-Rá que me contou.

O maluco tá mó década aqui dentro. Ele que sabe das história das antiga.

— Quantos anos ele tem?

— Todos! Peraí que ele tá aqui perto.

Ele chamou o detendo que já seria um idoso e eu consegui ouvir a conversa ao fundo:

— O Mumm-Rá. Tá acordado, meu cumpadi? – perguntou o Di.

— Que tu quer? – respondeu uma voz rouca.

— Tu já viu mesmo esconderem naco de nego picado em mocó ou tu tá de migué pá cima de nós? – falou sem o mesmo esforço para tentar pronunciar corretamente as palavras como fazia, sem sucesso, quando conversava comigo.

— Era assim que se fazia, guri. Já te disse isso. – falou o homem com uma fala arrastada e impaciente.

— E por causa de que separavam a carne do osso pá tacá fogo? – questionou o Di.

— Por causa do fedor. – respondeu o detento.

— Que fedor, tio? Isso aqui já fede pra caralho. Porra de mão e pé podre escondido em mocó não ia fazer diferença nenhuma nessa inhaca fudida. – disse o Di.

— Naquele tempo aqui não tinha tanto fedor como hoje, guri. – afirmou o velho detento que deve ter sido condenado por algo grave para estar tanto tempo preso.

Eu ainda queria saber quem tinha matado o Palito, por isso voltei ao assunto do Gatorade:

— Quando levaram o corpo do Palito pro necrotério, não fizeram perguntas aí dentro?

— Não sei. Só sei que passaram ele.

— Quem matou ele?

— Que foi que eu falei pra tu? Esquece ele, porra. Era um caloteiro de merda.

Ele não quis me contar quem matou o Palito, mas devido ao seu histórico eu deduzi o motivo pelo qual o mataram. No Central tudo é pago, desde comida até drogas. Em dia de visita, após passar a madrugada na fila para conseguir entrar na prisão, a namorada ou esposa do preso tem direito a um encontro íntimo de no máximo 15 minutos, em uma cela transformada em quarto de motel. Cada minuto a mais deve ser pago ao prefeito da galeria. Estima-se que o faturamento das facções dentro do Presídio Central pode girar em torno de R\$ 500 mil mensais. Para manter a credibilidade do negócio, quem deve dinheiro tem que pagar. E quem não paga, morre.

O maior lucro é com a venda de drogas, encabeçada pelo crack que já atingiu o status de epidemia dentro do presídio. A fulminante dependência e a compulsão que ele causa têm uma explicação química. Sua fumaça contém cocaína pura. Como o pulmão é um órgão com muitos vasos sanguíneos, ela leva apenas oito segundos para chegar ao cérebro e chega praticamente toda de uma vez só, em uma concentração muito alta. O efeito é uma sensação de prazer e euforia que dura pouco tempo, dez minutos no máximo, o que cria a necessidade de repetição da dose quase que instantaneamente. É por isso que o viciado em crack precisa consumir essa pedra venenosa com tanta frequência.

A instalação do escâner corporal foi uma tentativa das autoridades de ter mais controle sobre o contrabando no Central. Com o novo sistema, uma grande quantidade de entorpecentes foi apreendida no portão de entrada, mas os itens ilegais não deixaram de circular entre os corredores do inferno. Familiares e membros do crime organizado continuam jogando pacotes por cima dos muros. Também é comum a presença de ratos e camundongos correndo com colares feitos de pedras de crack ou pacotes de cocaína costurados na barriga.

O Palito, que fumava pedra, deve ter acumulado uma dívida que não tinha como pagar. Ele já havia escapado da morte

pelo mesmo motivo fora da cadeia, quando o Di não o acertou por estar completamente embriagado. Mesmo sabendo o que acontece com quem não paga o que deve no mundo das drogas, o vício foi mais forte e ele continuou cavando a própria cova.

Outra possibilidade seria o Palito ter entrado em surto, provocado pela abstinência, e ter irritado os outros detentos. Quando entra em crise por falta da droga, o preso bate a cabeça contra a parede, berra e tem um comportamento agressivo, incomodando os colegas de cela que acabam espancando ou até mesmo matando o viciado. Porém, como no Presídio Central o crack rola solto, a probabilidade maior é de que a inadimplência seja o motivo pelo qual o Palito tenha sido assassinado, possivelmente por seus próprios companheiros de facção. É claro que não posso afirmar que foi isso o que aconteceu, mas essa é a conclusão que cheguei após conhecer mais a realidade das galerias através das palavras do Di:

— Morre viciado toda hora aqui dentro, mano.

— Por overdose?

— Nada. Por dívida mesmo. Eles tentam de tudo pra pagar, mas nós sabe que não tem jeito.

— Como eles tentam pagar?

— Tentam de tudo, mano. No desespero viciado quer fazer qualquer negócio. Já vi neguinho oferecendo a própria filha em dia de visita em troca de pedra.

— Nossa... E ele conseguiu?

— Conseguiu um Gatorade.

Em um lugar onde os criminosos podem ser mortos por seus próprios aliados, o ambiente não é nada propício para quem decide tentar dar um passo em direção à ressocialização. A próxima conversa que eu teria com o Di seria a prova disso.

O PRIMEIRO SINAL

— Aí, deixa eu falar pra tu. Tô indo lá nos maluco do EJA.

— Aí sim!

O projeto de Educação de Jovens e Adultos (EJA) promove aulas no Presídio Central. São turmas de alfabetização, Ensino Fundamental e de Ensino Médio.

— Quero saber ler o que tu vai escrever, maluco. Tu não tá escrevendo sobre a minha pessoa?

— Sim.

— Então, como vou saber se tu contou direitinho se só sei ler carta de baralho, pai?

— Por enquanto, mas logo tu já vai estar lendo de tudo.

— Tô só no início, mas o sôr lá disse que eu sou ligeiro.

— Toca ficha! Não desiste!

Foi o primeiro sinal de que o Di poderia pensar em dar um novo rumo à sua história.

— Essa é a primeira notícia boa que tu me dá, Di.

Parece pouca coisa, mas ao decidir que vai aprender a ler e escrever, o analfabeto adulto está superando muitas barreiras. A baixa autoestima e a descrença na própria capacidade de aprender e na serventia da escrita em suas vidas são alguns desses

empecilhos. Para um preso, as dificuldades se multiplicam. Não raro, os primeiros textos daqueles que aprendem a escrever dentro das cadeias são queixas sobre os obstáculos que enfrentam para assistir às aulas.

— Vamo vê no que dá, escritor. Amanhã vou lá de novo.

A grande maioria da massa carcerária tem o Ensino Fundamental incompleto ou é analfabeta, mas a adesão às iniciativas internas de educação é muito baixa.

— Será que demora muito até eu sabê identificar as palavra?

— Acho que não. Tu parece ser um cara aberto a aprender e isso pode facilitar o trabalho do professor.

— Se eu aprendê mesmo não vou mais precisar solicitar toda hora o auxílio do Professor pra lê os rótulo das parada.

Eu estava entusiasmado com aquele primeiro passo que o Di estava dando. Porém, eu deveria saber que a vontade de aprender que ele demonstrou não seria suficiente para garantir sua presença nas aulas. Algumas semanas depois, veio a frustração. Ele estava desistindo e o motivo era uma das circunstâncias que mais fazem os detentos se afastarem dos programas de aprendizado: encontrar desavenças nos locais de ensino.

— Como estão as aulas? Já consegue ler alguma coisa?

— Já era, mano. Não tem mais aula.

— Como assim? Estão com falta de professores?

— Não. Eu que tive que vazar mesmo.

— Porra, Di. Por que tu desistiu?

— Fui conhecer as letra e encontrei uma treta.

Ele estava começando a aprender o alfabeto quando foi surpreendido por um colega de aula que tentou enfiar um lápis, bem apontado, em seu pescoço.

— Eu seria muito Zé Ruela se deixasse um mané daqueles me passar com um lápis.

Ter visto a expressão de pavor na face do professor, que olhava sobre os ombros do Di, foi o que salvou sua pele. Ele se virou a tempo de colocar a mão em frente ao lápis.

— Além de manco, agora eu tenho que puxar o gatinho com o mindinho. — disse ele, rindo, ao contar que o lápis atravessou sua mão e afetou a articulação de três dos seus dedos.

Enquanto ele gritava de dor, o professor e os demais alunos seguraram o agressor até que os guardas chegassem. Para que as aulas continuassem e não fossem suspensas pela direção do presídio, o acordo foi registrar o ocorrido como um acidente. Porém, tanto o Di quanto seu desafeto ficaram impedidos de retomar o curso.

— Nem sei quem era aquele cuzão. Devia ser um pau mandado qualquer.

— Em troca de que tu acha que ele queria te matar?

— Acho que ele nem queria na real. De repente ele ia me passar em troca da vida dele mesmo.

O homem que tentou matá-lo devia ser um viciado que estava endividado com os traficantes da sua galeria. Como não tinha como pagá-los, deve ter se oferecido para matar o Di em troca da quitação da dívida, após reconhecê-lo nas aulas. Por não ter tido sucesso em sua ofensiva, é muito provável que tenha ganhado um Gatorade em seu retorno à cela.

— Esse já deve tá no necrotério. Eu conheço meus contra.

O fato ilustra bem como é difícil a ressocialização de quem está na prisão, mesmo quando existe a vontade do próprio preso.

— Tu viu que eu até tentei, né?

— Eu vi, Di.

— Não adianta, escritor, essas parada de leitura e escrita é pra gente que nem tu, não pra gente que nem eu.

Poucas vezes eu fiquei em silêncio sem saber dar uma resposta para ele. Essa foi uma delas. Restou-me ouvir o seu desabafo:

— Aquele cuzão ter tentado me passar foi pra mim deixar de ser trouxa. Aqui dentro só se aprende coisa ruim, nunca coisa boa.

Esse já era o segundo homem que teria tentado matar o Di dentro do Presídio Central. O primeiro foi o falecido Soneca, pai dos também já mortos Palito e William.

— Quando eu falo pra tu que o baguio é loco é porque é loco mesmo.

— Não deve ser fácil aí dentro.

— Nem aqui dentro, nem aí fora. Pelo menos pra minha pessoa.

Mais um silêncio meu.

— Não dá pra dá vacilo, escritor. Se não durmo de olho aberto meu futuro é incerto.

CAMUFLAGEM NÃO É BRINCADEIRA

Realmente foi uma pena o Di não ter tido sucesso em sua tentativa de passar o tempo dentro do presídio com uma atividade que poderia lhe dar uma nova perspectiva para quando ele estivesse do lado de fora. Eu fiquei muito desanimado depois de ter acompanhado de longe o início e o fim daquela iniciativa frustrada. Sabendo da situação em que ele se encontrava, eu já não tinha esperança de ficar animado com algo que escutasse em nossas conversas dali em diante. Porém, o fato que ele me relatou na ligação seguinte me fez rir. Não por trazer alguma esperança em relação ao seu futuro, mas sim porque eu achei engraçado mesmo.

— E aí, Di.

— Fala aí, escritor.

Percebi que ele estava murmurando ao telefone, como se estivesse evitando que alguém o escutasse.

— Não tô ouvindo quase nada, Di. Acho que tá ruim a ligação.

— Não tá ruim não, mano. Eu que tô falando baixo mesmo. Não quero que o mané do Lamento me escute.

Achei estranho. Até então, ele e o Lamento eram supostamente amigos. Não consegui pensar em um motivo pelo qual o Di estava tentando evitar que o companheiro de cela o escutasse. Depois de tudo o que já tinha me contado sobre as

coisas que aconteciam dentro do Central, eu só conseguia imaginar que algo grave teria acontecido ou ainda iria acontecer. Porém, eu estava enganado. O motivo era inusitado:

— Por que tu não quer que ele te escute?

— Porque eu tô entocado. Nós tá treinando.

— Treinando?

— É, mano. Temo treinando camuflagem.

Eu me segurei para não rir, mas na sequência da conversa não consegui disfarçar o quanto eu estava achando esquisita aquela situação. Ele estar falando com uma voz extremamente baixa e abafada fazia com que eu achasse cada vez mais engraçado o que estava acontecendo.

— Por que tu tá rindo, mano?

— Nada, Di. Lembrei de uma piada agora.

— Piada é esse comédia do Lamento que tá mó tempão procurando e não me acha.

— Como que vocês estão treinando camuflagem?

— Um de nós espera um tempo na cela e o outro se mocozeia em algum lugar da galeria. Aí depois o que tava na cela sai pra procurar o outro.

O que eles estavam fazendo e tentando se convencer de que era um treinamento, no meu ponto de vista, tinha outro nome. Aquilo era uma das brincadeiras infantis mais conhecidas e fáceis de fazer.

— E por que tu decidiu me ligar no meio da brincadeira, digo, no meio do treinamento?

— Porque o Lamento é burro pra caralho. Tô uma cara escondido aqui e esse mané não me encontra. Aí liguei pra passar o tempo.

— Onde tu tá escondido?

— Aqui atrás de uma caralhada de livro do Professor.

Não me segurei e dei uma gargalhada. Afastei rapidamente o celular da boca para ele não escutar, mas não adiantou:

— Mano, tu tá rindo de novo? Que porra de piada é essa? Conta aí enquanto aquele idiota não me acha. Se eu souber que ele parou de procurar pra fumar uma pedra ele tá fudido na minha.

Qualquer um que já foi criança sabe que a atividade descrita por ele se tratava do tradicional pique-esconde. Era compreensível que o Di não conhecesse essa brincadeira, afinal a diversão não fez parte da sua infância.

— Por que vocês estão treinando camuflagem?

— Pode ser que nós precise né mano.

— Como é? Não entendi. Fala mais alto.

— Nossos contra tão invadindo a Bonja direto e afundando o dedo no gatilho. Se nós fica na camufla é mais fácil nós acertar eles do que eles pipocar nós.

O argumento dele até que fazia sentido, mas não fiquei convencido de que se esconder atrás de livros ou embaixo de colchas e colchões serviria como uma espécie de treinamento de guerra. Eu ainda considerava que aquilo era uma brincadeira.

— Di, sabe o que eu acho que vocês realmente tão fazendo?

— Shiii! Fica quieto.

Nesse momento eu escutei um grito: “Te achei, mané!”. O Lamento o encontrou e eu fiquei ouvindo os dois ficarem amigavelmente trocando palavrões antes de o Di voltar a falar comigo ao telefone:

— Porra, escritor! Tu me vez falar alto e esse veado de merda me encontrou.

— A culpa é minha agora?

— Claro que é! Eu tava na camufla. Não tinha como esse Zé Ruela me ver.

O Di devia estar com uns 18 ou 19 anos de idade. Acredito ser possível relacionar aquilo que ele estava fazendo com o fato de nunca ter brincado quando criança. O único amigo que teve em toda sua infância foi o Palito, mas em vez de brincar eles praticavam pequenos crimes.

— Di, sabe o que eu acho?

— O que, mano?

— A única coisa que tu tá camuflando é que ainda gosta de brincar.

Ele nem deu bola para o que eu falei. Disse que precisava desligar, pois era a sua vez de procurar.

Esse foi mais um dos relatos do Di em que o Lamento foi citado. Parecia que naquela altura da vida ele era o seu único amigo, ou talvez somente seu companheiro de crime mais próximo, com quem ele mais convivia. Se era uma amizade ou não, ela não duraria muito tempo.

SÓ LAMENTO

Com tudo o que o Di já tinha me contado, foi fácil perceber que ele estava no meio de uma guerra. Mesmo já tendo escapado da morte duas vezes enquanto preso, o lugar mais seguro para ele estar ainda era naquela galeria do Presídio Central, cercado pelos membros do seu grupo. Sair de lá aumentaria seu risco de vida. O que aconteceu com o Lamento era a prova disso:

— Passaram o meu cumpadi Lamento.

— Sério, Di? Como isso aconteceu?

O Lamento recém tinha passado para o regime semiaberto e resolveu visitar a mãe durante o dia. O problema é que ela morava em uma vila dominada por uma facção rival. Um radinho deve ter avisado sobre o intruso desconhecido e quando os traficantes foram ver quem era ele puxou uma arma. Foi o suficiente para abrirem fogo. Várias balas o atingiram de cima a baixo.

— Conheço meu cumpadi. Ele devia saber que ia dessa pra melhor e puxou o cano mesmo assim.

— Por que ele faria isso?

— É melhor virar presunto que ficar na mão dos contra. Vai por mim. Pelo menos ele não foi parar no Caveirão da Morte.

Assim como no Rio de Janeiro, também existe Caveirão no Rio Grande do Sul. Porém, para os cariocas ele é conhecido

como um veículo de guerra da polícia. Aqui, são carros de passeio que traficantes adaptam para torturar e matar seus rivais.

— O que é o Caveirão da Morte?

— É um carro normal, mas a parte de trás é que é cabulosa.

— O que tem na parte de trás?

— Atrás fica a lata de sardinha pra fazê crueldade.

É retirado o encosto traseiro, que dá lugar a uma chapa de aço com um visor ao estilo dos carros-fortes. No porta-malas o Caveirão da Morte possui um detalhe macabro: furos no fundo da estrutura metálica dão saída para pequenas canaletas. É por ali que escoo o sangue dos corpos.

— Vocês também têm um?

— Nós tem, mas ele só sai com permissão do patrão. E quando sai é porque alguém vai virar chuveirinho.

Só depois de um tempo eu entendi que “virar chuveirinho” era uma gíria para descrever alguém que levou muitos tiros. Foi o que aconteceu com o Lamento que, mesmo com o rosto cravejado de balas, foi facilmente identificado por seus assassinos graças aos vários vídeos de seus funks direcionados aos inimigos. Depois que descobriram de quem se tratava, largaram o corpo em um terreno baldio na Bom Jesus. Em um muro escreveram “Só Lamento” com o sangue do cadáver.

— O vapor que achou meu cumpadi disse que ele tava mais furado que uma peneira.

O regime semiaberto, assim como o fechado, não traz qualquer tipo de ressocialização, além de ter se tornado uma rota de fuga para os presos. Se para a população esse modelo é temerário, para muitos dos criminosos ele é letal. Na mesma época em que o Lamento foi morto, outros quatro integrantes do grupo dos Bala na Cara foram alvos de uma emboscada. Eles saíram em um Honda Civic do Instituto Penal de Charqueadas, onde cumpriam pena no semiaberto. O veículo foi alcançado por

um Corsa na Avenida Sertório e seus ocupantes começaram a atirar de submetralhadora. Um dos líderes da facção, conhecido pelo apelido de “Porco”, desembarcou na tentativa de fugir dos disparos e levou vários tiros, morrendo na hora. Os demais tentaram escapar, mas o carro ficou desgovernado, subindo a calçada e chocando-se contra a fachada de uma loja de colchões na Avenida Ceará. Os atiradores fugiram em direção ao bairro Sarandi.

Esse tipo de notícia era cada vez mais frequente aqui fora e chegava quase que instantaneamente nos corredores do inferno. Também havia os detentos que deixavam o presídio durante as saídas temporárias e não voltavam mais. Não porque fugiam, mas sim porque acabavam cruzando com rivais e eram mortos. Senti que o Di estava cansado ou com medo. Começou a dar sinais de que queria deixar o crime, mesmo sem saber ao certo como. As mortes de seus conhecidos, incluindo a do Palito e do Lamento, o fizeram perceber que ele poderia, a qualquer momento, ser o próximo.

— Tão caindo os de lá, mas também os de cá. Guerra é assim mesmo, escritor. Neguinho que hoje tá de papo comigo pode tá com a boca cheia de formiga amanhã.

Em muitos dos vídeos do Lamento o Di também aparecia, assim seu rosto já devia estar circulando entre soldados dos bandos rivais e sua cabeça certamente estava a prêmio. Foi aí que eu vi a oportunidade de tentar convencê-lo a abandonar o mundo do crime:

— Sai dessa enquanto há tempo, Di. Tá batendo na trave. Tu pode ser o próximo.

— E fazer o que da vida? Eu só sei dá tiro.

— Qualquer coisa, cara. Se ficar nessa tu vai morrer e sabe disso.

— Mano, tu tá ligado o que acontece com traíra? Vira ração de porco.

Eu sabia que desertores eram caçados pelos traficantes, mas eu queria apresentar para ele opções fora da bandidagem. Talvez, se cortasse completamente o vínculo com seus comparsas e fosse viver em outro lugar, o Di tivesse alguma chance de se tornar outra pessoa.

— Tu nunca tentou arranjar um emprego honesto?

— Uma vez só. Os polícia tavam na nossa cola porque era época de eleição e o governo queria se aparecê pra população. Eu tava cansado de ficar entocado e fui numa obra que tava precisando de trabalhador.

— E trabalhou nessa obra?

— Nada. Cheguei lá, o mestre me viu mancando e disse que eu não servia porque ia derrubar os tijolo tudo.

— Pô, que sacanagem.

— Sacanagem foi o que eu fiz com ele depois. Eu já tava vazando quando escutei eles rindo da minha cara. Aí me veio na lembrança aqueles maluco que quebraram meu tornozelo.

— Eles também trabalhavam em obra, né?

— Podicrê. Puxei meu cano, dei um pipoco no joelho do comédia e disse que agora ele também não servia pra tramar na obra. Ficou manco que nem eu o filho da puta.

— Pegou pesado, Di.

— Foi a única vez que eu atirei em um trabalhador, mano. Nunca passei ninguém que tem um trampo honesto. Agora, se me dão a letra que tem estuprador ou pedófilo na comunidade o serviço é meu e de mais ninguém. Desço o chumbo mesmo.

Pelo menos ele já havia tentado trabalhar uma vez, mesmo que tenha acabado em humilhação e violência. A chance era tentar fazê-lo entender que aquela experiência negativa não se repetiria em todas as próximas tentativas, se ele perseverasse.

— Depois disso tu nunca mais tentou encontrar um emprego?

— Pra quê? Pra nego tirar onda da minha cara de novo?

— No mercado de trabalho tem gente boa e tem gente ruim, como em todo lugar. Uma hora alguém pode te dar uma oportunidade se tu continuar tentando.

Na hora me lembrei da frase que ele falou lá atrás: “Ninguém nunca me disse que eu podia”. Então falei que ele poderia morar em outro lugar, aprender algo novo, virar um trabalhador e tudo mais o que me veio à cabeça naquele momento. Eu não sei se o Di tinha dado importância ou não a tudo o que eu falei. Apenas escutou e disse que precisava desligar. No dia seguinte ele me ligou para falar que estava deixando a cadeia:

— Tô largando fora desse chiqueiro.

— Ganhou liberdade?

— Condicional.

— Tem alguém te esperando aqui fora?

— Só as minhas correria.

— Mas não tem um rolo ou uma namorada?

— Rolo tem a rodo.

Após cumprir pena em um sistema que não oferece reais oportunidades de ressocialização, o preso ganha liberdade e geralmente não encontra nada à sua espera, a não ser o mundo do crime. As estatísticas atestam que a prisão não os corrige por seus erros. Em média, 70% dos presos brasileiros, depois de libertados, voltam para a cadeia.

— Pô, Di, mas nem uma gatinha com quem tu possa ter um relacionamento mais sério?

— Bem que eu queria, mas eu sou vagabundo. E vagabundo só pesca piranha.

Aproveitei a deixa para falar das vantagens de ser uma pessoa honesta e trabalhadora. Disse que ele poderia conhecer uma mulher legal e que goste dele de verdade, com quem ele poderia pensar em ter filhos e formar uma família.

— Mano, eu te considero. Tu é responsa, mas tu tá viajando.

— Nunca pensou nisso? Em formar uma família? Ter filhos?

— Não botaria um guri nesse mundo filho da puta. Eu sei o que eu passei quando piá.

Pela infância que teve, não é de se admirar que ele pensasse assim.

— Quando tem Dia das Crianças aqui eu fico só analisando a pirralhada. Tudo ranhento, judiado e sem futuro. Uns já dão por certo que o crime compensa, mesmo vendo o pai enjaulado.

No Dia das Crianças, que merece um capítulo à parte, são realizadas diversas atividades no Presídio Central. Exposição de animais empalhados, distribuição de livros infantis e lanches são algumas das iniciativas que tentam tirar sorrisos dos tristonhos e sonolentos filhos e filhas dos detentos.

— Por que eu vou me apegar a alguém? Na vida que eu levo isso é só pra chorar em cima de caixão.

— Por isso tu tem que sair dessa vida.

Para alguém como ele, na situação em que se encontrava, ter um filho realmente não seria uma boa ideia. Nem falo isso pela possibilidade quase certa de a criança ver o pai sendo preso ou morto, mas, principalmente, porque parente de traficante também vira alvo dos grupos rivais. Isso acontece na atual guerra que tem como palco principal os bairros mais pobres de Porto Alegre. No dia 15 de maio de 2016, um adolescente de 15 anos foi executado no bairro Santa Tereza por integrantes da quadrilha do bairro Bom Jesus. Ele era filho de um líder de facção conhecido como

“Colete”, que se encontrava no Presídio Central. Há a suspeita de que ele teria assumido algumas funções do negócio dirigido pelo pai, que estaria o orientando de dentro da cadeia. Porém, não se descarta a possibilidade de que os homens o mataram apenas por seu pai ser um importante rival. Obviamente, esse tipo de morte não faz com que a intensidade do confronto diminua. Muito pelo contrário. São esses assassinatos que mais inflam o sentimento de vingança e o ódio entre os grupos criminosos.

Mais para frente, após ganhar liberdade, Colete também acabou morto e os executores teriam sido membros da sua própria facção. Eles estariam insatisfeitos com as quantias repassadas pelo traficante, que gastava muito do lucro da quadrilha para promover festas e bailes funks. A polícia chegou a essa linha de raciocínio pelo fato de o fuzilamento ter ocorrido na Vila Maria da Conceição, área de domínio do grupo que ele mesmo comandava e que possui vários olheiros acompanhando o movimento por toda a região, sendo muito difícil a entrada de invasores sem que houvesse uma intensa troca de tiros.

O banho de sangue que cerca os familiares de traficantes não escorre apenas de envolvidos com o crime. Na Vila dos Sargentos, cenário de diversos esquadrejamentos, um deficiente mental que vivia de pequenos bicos na região, como cortar grama e tirar entulhos de pátios, recebeu o pedido de uma moradora para que buscasse sua filha na escola. Porém, a professora o entregou outra menina de mesmo nome, que, por azar, era filha de um dos líderes do tráfico local. A mãe da criança que foi pega por engano ligou para o criminoso, que estava no Presídio Central. Acreditando que sua filha teria sido sequestrada e abusada, o que não aconteceu, o preso mandou soldados da sua facção à caça do pobre rapaz, que teve mãos e pés amarrados antes de receber vários tiros de pistola na face.

O PALHAÇO SEM PENA

Quando me falou sobre os eventos para as crianças que acontecem no Presídio Central, o Di me contou uma história que até ele achava bizarra:

— Mano, essa história eu não posso afirmar pra ti se é verdade ou não, de tão maluca.

Contou haver um detento de sua galeria, conhecido como “Palhaço”, que jura de pés juntos que está injustamente na cadeia. Isso não chega a ser uma novidade, já que muitos dos encarcerados se dizem inocentes. O problema é que este afirmava nunca ter sido preso.

— Como assim? Como ele tá aí dentro se nunca foi preso?

— É que não foi os polícia que prendeu ele.

— Quem foi então?

— Foi a bandidagem mesmo.

Para uma das festas de Dia das Crianças, a administração do presídio teria contratado um palhaço para tentar animar os filhos dos detentos. Após algumas apresentações, ele teria sido atraído por uma das crianças até uma cela mais afastada e escura, onde um grupo de presos o imobilizou e retirou toda a sua fantasia, assim como removeram a maquiagem do seu rosto.

— O que eles queriam com o palhaço?

— Pegar a roupa dele.

Um chefe de facção, com uma longa pena a cumprir, teria se vestido com a roupa do palhaço e se pintado com a maquiagem que sua companheira havia levado no dia para ficar bonita durante toda a visita.

— Tu não gosta de fazer mágica, palhaço? Então nós vai fazê uma contigo agora, seu comédia. A gente vai transformar tu em outra pessoa, tá ligado? – teria dito um dos detentos, enquanto o segurava pelo pescoço.

Ao final da festa, após fazer algumas piadas sem graça para as crianças e estourar balões na tentativa de formar animais com eles, o criminoso teria saído pela porta da frente, enquanto o verdadeiro palhaço teria ficado preso e em silêncio, vigiado e ameaçado por outros detentos.

— Essa história tá parecendo filme, Di.

— Eu achava que era lorota de cadeia, mas o Palhaço já provou algumas veiz aqui que não é do crime.

— Como?

— Ah, mano, tu sabe quando o sujeito é e quando não é do movimento. Até conjugar os verbo direito ele sabe. Além disso, o maluco faz umas parada muito doida de mágica.

— Se for verdade, conseguiram enganar direitinho os guardas.

— No caso foi a bandidagem que fez o sistema de palhaço, tá ligado?

O homem estaria tanto tempo preso que todos os detentos que o vigiavam já estavam soltos. Depois de saídas e entradas de novos presos, ele já não recebia as ameaças para se calar diante do fato.

— Ele não pede pra ser solto?

— Sim. Direto faz umas palhaçada pros homi pra tentar provar que a história dele não é papo furado.

A semelhança com o preso que teria assumido sua identidade para escapar seria muito grande, fazendo com que seus argumentos fossem ignorados pelos guardas.

— Quanto mais palhaçada ele faz, mais os homi acham ele maluco.

— E o outro palhaço? O falso?

— O maluco que saiu?

— Sim, nunca prenderam ele de novo? Aí poderiam ver que o homem preso tá falando a verdade.

— Não. Parece que o maluco caiu na mão de traficante rival e virou ração de porco. Sem corpo não tinha como os polícia descobrir o que rolou.

Devido à facilidade que tinha em esconder objetos, graças às mágicas que sabia fazer, o homem acabou se tornando uma espécie de guarda-volumes de sua galeria, para situações em que algo precisasse desaparecer rapidamente. Na pressa para esconder drogas ou aparelhos de celular durante inspeções-surpresa, os outros presos entregavam para ele que fazia a mercadoria sumir em segundos.

— Vocês acreditam na história dele?

— A gente acreditemo, porque tem uns maluco aqui dentro que confirmam o acontecimento.

— E por que vocês não ajudam ele a tentar ser solto?

— Mano, o maluco é engraçado pra caralho. Ninguém quer que ele saia daqui.

ÚLTIMA CARTADA

Se a nossa conversa anterior havia sido descontraída, com a história do palhaço, estava na hora de falar sério. Quando eu afirmava para o Di que ele iria morrer, se continuasse naquela vida, não era da boca pra fora. Os tiroteios entre os grupos criminosos só cresciam e ainda são cada vez mais frequentes em Porto Alegre, que deve viver o período mais violento de toda sua história. Um exemplo disso é que no dia 26 de abril de 2016, em um intervalo de tempo de nove horas, foram registrados três assassinatos considerados cruéis em diferentes pontos da cidade. Em dois deles as vítimas foram encontradas amordaçadas e com marcas de tortura. Alguns meses depois, outro crime deixou claro que os matadores não se importam mais com discrição, quando dois homens mataram um jovem de 18 anos com 20 tiros em pleno saguão do aeroporto da cidade, que estava lotado. Entre funcionários e passageiros, também se encontravam comunicadores da imprensa que aguardavam a chegada do novo técnico do time do Grêmio. Um repórter chegou a narrar ao vivo a execução.

Nos locais de disputa entre traficantes não há mais toque de recolher, pois já não existe hora certa para se ouvir as centenas de disparos que resultam em mortes de bandidos e inocentes. Os confrontos, que só aconteciam durante a noite, agora também atormentam as manhãs e tardes de quem não tem condições de abandonar sua casa para fugir dos enxames de balas perdidas. Quem não consegue abandonar as zonas de tiroteio, pode muito bem ser contemplado.

Chamar a polícia ao ouvir os disparos não chega a ser uma boa ideia, pois os projéteis se multiplicam ainda mais e seus destinos são incertos. Na Vila Maria da Conceição, onde cápsulas brilham no chão batido ao reflexo do sol, policiais que recebem a ingrata missão de investigar a origem dos tiros, muitas vezes, são recebidos a bala. Para quem tem a má sorte de morar na vila, resta escolher o cômodo mais seguro da casa para proteger as crianças, mentindo para elas que os estouros não passam de fogos de artifício.

Criminosos, sem a menor cerimônia, também invadem atirando as emergências de hospitais e postos de saúde para terminar de executar rivais, que buscam atendimento médico quando baleados. No dia 19 de abril de 2016, um homem de 20 anos de idade se identificou como paciente para entrar no Hospital de Pronto Socorro da cidade e atirar em outro que estava na sala de cirurgia, recebendo atendimento por ter sido alvejado na madrugada anterior. O atirador era muito atrapalhado ou lhe faltava inteligência. Além de apresentar seu documento verdadeiro para ingressar no hospital, fazendo com que fosse facilmente capturado pela polícia dias depois, deu seis tiros em direção à vítima, que estava imóvel na maca cirúrgica, mas as balas pegaram apenas de raspão e seu alvo sobreviveu.

— Vaso ruim não quebra. — disse o apresentador de TV favorito do Di e de seus colegas de cela ao noticiar que a vítima dos disparos havia sobrevivido.

Três dias depois, quatro homens morreram após uma intensa troca de tiros em frente ao Hospital Cristo Redentor, que recentemente também já havia sido invadido por criminosos armados. O confronto ocorreu em plena tarde de uma sexta-feira e foi testemunhado por muita gente que passava ou estava trabalhando na Rua Domingos Rubbo. Mesmo deitados no chão ou escondidos atrás de carros e dentro de lojas para fugir da chuva de disparos, os populares não deixaram de registrar a cena de guerra que presenciaram. Quase que instantaneamente, fotos dos corpos estirados em frente ao hospital e vídeos do tiroteio já eram compartilhados nos grupos de aplicativos de mensagens.

— Me deitei dentro do carrinho e fiquei escutando os tiros. Parecia foguetório de Ano Novo. Depois a quadra toda ficou cheirando a pólvora. — disse um vendedor de cachorro-quente, em frente ao hospital.

— Deitei no chão e rezei pra não levar chumbo. — contou o dono de uma fruteira.

Os homens mortos pela polícia eram matadores dos Bala na Cara e vinham de missão, no que chamam de “bonde da morte”. Com carros potentes e clonados, recém haviam invadido a Vila Jardim onde atacaram diferentes pontos e promoveram uma chuva de tiros de fuzil e pistola. Com um integrante ferido, foram ao hospital onde deram de cara com brigadianos bem preparados e que não deram chance para o azar.

Todos já tinham passagem pela cadeia, com antecedentes criminais por homicídios, furtos e roubos de veículos, receptação, roubo a estabelecimentos comerciais, tráfico de drogas e porte ilegal de armas.

— A sociedade teve uma perda irreparável. — comentou, ironicamente, um idoso morador da rua, enquanto seu cachorro cheirava as manchas de sangue na calçada.

Um dos criminosos, que estava completando 19 anos no dia em que foi morto, havia deixado o Presídio Central no mês anterior, quando obteve direito à liberdade provisória. Ele era linha de frente do bando e, poucas horas antes de morrer, postou esta mensagem no seu perfil em uma rede social: “Se dé certo nós fica de patrão, se dé errado nós vai pra prisão”. Sua previsão tinha duas opções e nenhuma delas estava certa. O que eles estavam planejando naquela tarde deu errado, mas ele não acabou na prisão.

Após analisarem os aparelhos de celular dos bandidos, a polícia encontrou um mapa onde estavam marcados três pontos que seriam os alvos do ataque naquele dia, além de quatro fotos de jovens considerados os alvos principais. Também encontraram trocas de áudios que revelam um bar como alvo alternativo do

bonde, caso não encontrassem seus objetivos nas casas marcadas no mapa:

— Se o cara não estiver ali, vai no bar que ele sempre fica e passa o fogo. – disse um dos criminosos.

O bar mencionado foi alvo de mais de cem tiros e um homem de 37 anos morreu no local.

Em outro áudio, fica claro que o grupo não economizava munição em suas missões:

— Quem vocês pegar, faz de chuveirinho. Gasta todas as balas, não tem miséria. – ordena um dos criminosos.

Depois de abrirem fogo contra o bar, um dos atiradores perguntou para outro se eles haviam alvejado o homem certo. Também através de gravação de áudio, um deles respondeu: “Se não era ele, azar”.

Não é exagero afirmar que missões como essas visam à morte independente dos alvos. No dia 30 de julho de 2016, dois homens se encontraram em um bar no bairro Rubem Berta para combinar um churrasco. Estavam dividindo uma cerveja quando um carro passou atirando em direção ao estabelecimento, que estava lotado. Os dois, que não tinham qualquer ligação com o tráfico de drogas, morreram no local. Alguns dias depois, no mesmo bairro, um trabalhador foi morto e esquartejado. Ele pode ter sido confundido com um traficante que tinha uma tatuagem semelhante à sua. Junto a partes do corpo, que estavam a 800 metros de onde foi encontrada a cabeça, havia sua carteira de trabalho banhada em sangue. Eu recebi o vídeo do desmembramento que circulou pela internet. Enquanto dois homens utilizam um machado e um facão para despedaçar o cadáver, dá para ouvir um deles falando ao fundo: “É os Anti-Bala”.

Com tantos baleados, não é de se espantar que a guerra se estenda até os hospitais, onde as balas dos invasores atingem não somente seus alvos, mas também inocentes. Médicos e demais funcionários da saúde, apavorados e estressados por trabalharem

em um ambiente de medo, foram às ruas para protestar por mais segurança:

— Caso as autoridades não tomem alguma atitude, nós vamos ser obrigados a pedir proteção aos chefes do tráfico local. – falou um dos servidores que vestia um colete à prova de balas e protestava em frente ao Hospital Cristo Redentor.

— Não temos mais condições emocionais para trabalhar. Qualquer um pode levar um tiro. – disse um dos líderes da paralisação.

— Mais de 80% dos atendimentos da nossa emergência são ligados ao tráfico da região. Os que chegam conscientes nos ameaçam, caso o atendimento não seja rápido. Tem uns que falam: “Me esconde que tão vindo atrás de mim”. E muitas vezes eles estão certos. – contou uma enfermeira.

Eu tenho um amigo médico que trabalha no Hospital de Pronto Socorro. Ele costumava contar quantas balas retirava de mulheres e homens ensanguentados que entram em atacado em sua sala de cirurgia. Recentemente ele perdeu a conta, mas sempre manda mensagens avisando os amigos quando percebe que a guerra do tráfico está em ebulição na cidade, como fez no Natal de 2016:

“Gurizada... Noite tensa em POA! Tiroteios em vários morros, tanto Zona Norte como Zona Sul. Se cuidem!”

Além dos alertas de amigos que chegam a todo momento, tem sido muito comum o compartilhamento de áudios que os próprios criminosos gravam quando estão em ação durante os confrontos. Um deles revela o seguinte diálogo:

— Qualé que é daqueles loco ali? – pergunta um dos traficantes que estaria dentro de um carro circulando pela Bom Jesus.

— Trava as porta, gordo burro! – ordena outro ao som de uma freada brusca.

— Desce, desce! – grita um terceiro.

Então é possível ouvir uma quantidade incontável de tiros, que partem de fuzis e metralhadoras, seguidos das falas exaltadas dos atiradores:

— Fui baleado! Fui baleado, pai!

— Abre a porta, porra!

— Vem, meu! Vem, meu!

— Matei três!

Nos aplicativos de mensagens, esse áudio vem acompanhado de fotos e um vídeo onde dois homens estão estirados, sendo que um deles ainda agoniza, em uma rua de asfalto coberta de sangue, sob os olhares curiosos de diversos moradores do bairro. As imagens também mostram que o sol estava a pino, revelando que o tiroteio aconteceu próximo ao meio dia.

O ataque foi atribuído à V7, uma das facções que encabeçam o movimento Anti-Bala. Essa quadrilha é oriunda da Vila 27, localizada na região da Vila Cruzeiro. Liderada de dentro do presídio, é formada por um verdadeiro exército de jovens arrojados e muito bem armados que têm o objetivo de derrubar os “toma boca”, que é como chamam os criminosos ligados aos Bala na Cara. Muitos dos integrantes da V7 são motivados pelo sentimento de vingança, pois perderam alguma pessoa próxima durante as ofensivas dos rivais. Outros, simplesmente foram seduzidos pela glamorização da violência, que não para de crescer entre os adolescentes que vivem nas zonas de tráfico.

Já testemunhei de perto o comportamento destemido e intimidador de alguns integrantes desse bando. Era meu horário de almoço e eu estava em um shopping localizado no bairro Cristal, quando ouvi gritos vindos de um grupo de cinco jovens que pareciam brigar entre si. Eles usavam longas correntes de ouro, para fora da camiseta, bonés com símbolos reluzentes, calças largas e tênis de marca. Vigiados a distância por seguranças de faces assustadas, continuaram sua discussão em alto tom até saírem do shopping. Ao cruzar a porta de saída, um deles foi em

direção a um vigilante que estava no estacionamento externo. Olhando nos seus olhos e encostando a aba de seu boné na testa do funcionário do estabelecimento, o truculento jovem ameaçou: “E se ficar me olhando muito vai tomar um tiro na cara”. Enquanto ele fazia isso, os outros gritavam: “Aqui é V7, porra!”.

A intimidação como estratégia de afirmação da facção também é vista abertamente no ambiente online. É um dos grupos que mais utiliza a internet para propagar seu poder de fogo. Nos perfis que alguns dos integrantes do bando mantêm nas redes sociais, não é raro encontrar fotos de armamentos e dinheiro, além de frases com ameaças direcionadas aos inimigos.

Preso há mais de 10 anos e com penas a cumprir até 2051, o líder da V7 mantém o comando da facção agindo de trás das grades. É uma espécie de mito entre os mais jovens do grupo, que matam e morrem por ele, mesmo sem nunca o terem visto.

No Brasil, a faixa etária do crime diminui a passos largos. Estima-se que a expectativa de vida de um traficante gira em torno de 23 anos. Por essas e outras eu estava cada vez mais convencido de que, ao sair da cadeia, em poucos dias o Di estaria morto.

— Que bom que tu ligou, Di, eu tava mesmo querendo falar contigo.

— Que que tá pegando?

— Cara, acho que essa vai ser a nossa última conversa.

— Tá zoando?

— Tô falando sério. Melhor a gente ficar por aqui.

— Por quê? E o livro?

— Não vai mais ter livro.

— Tá me tirando, maluco? E esse tempão que eu fiquei trocando letra contigo?

— Eu agradeço e peço desculpas por ter te tomado tanto tempo, mas, como tu não vai largar o crime, eu não quero mais escrever sobre ti.

— E desde quando eu falei pra ti que eu ia largar o movimento? Deixa de ser comédia!

Com a morte do Lamento, eu sabia que ele já não tinha mais ninguém com quem conversar além de mim. Minha ameaça de não escrever mais o livro não deve ter pesado tanto quanto o fato de ele estar perdendo um confidente. Porém, eu segui no meu argumento:

— Não vou ter uma mensagem positiva pra passar.

— Mas se tu queria fazer um livro sobre alguém bonzinho por causa de que tu me fez perder tempo de lero contigo?

— Se tu conseguisse sair do tráfico e desse outro rumo pra tua vida o livro valeria a pena, mas ninguém quer ler a história de alguém que ignorou todos os sinais e acabou morrendo. E é exatamente isso o que vai acontecer.

Eu sabia que ele teria uma reação mais agressiva, mas era uma tentativa que eu precisava fazer. Em breve ele seria solto e uma guerra o esperava do lado de fora. Não viveria por muito mais tempo e quando morresse eu sequer saberia como teria sido seu fim. No fundo, o argumento de eu não ter uma perspectiva positiva para o desfecho do livro era real.

— Não fode, mano! E aquele papo de que uma história não precisa ser bonita pra ser contada e tal. Era caô?

— Eu sei que eu disse isso, mas quando falei contigo pela primeira vez eu não sabia que tu era um condenado à morte.

— Pra mim o que tu tá fazendo não é coisa de sujeito homem. É coisa de cuzão.

— Sinto muito, mas tu ainda tem a opção de mudar pra gente voltar a falar e eu continuar a escrever tua história.

— Tu tá maluco das ideia e caiu no meu conceito.

— Todos que te rodeiam tão morrendo. O Palito e o Lamento já foram e tu tá na fila. Me desculpa, mas eu não quero acompanhar a tua morte de camarote.

— Quer saber, escritor? Não liga mais pra mim.

— Eu nunca te liguei, Di.

Bufando, ele desligou na minha cara.

O SEGUNDO ASSALTO

- Perdeu, magrão!
- Puta que pariu, de novo?
- Como é que é, playboy?
- Nada.

Não dá para considerar apenas azar ter sido assaltado e o carro levado pela segunda vez em menos de um ano. Está mais para uma questão de lógica ou estatística. Afinal, eu moro na capital que é a recordista nesse tipo de crime no país. Recentemente, Porto Alegre chegou a registrar 84 roubos de veículos em apenas dois dias. Ficar no carro, à noite, após estacionar para ouvir o final de um programa de rádio, como eu fiz, é pedir para ser surpreendido.

O primeiro assalto me ensinou algumas coisas. Uma delas é que o melhor é levantar as duas mãos e informar onde estão os pertences, para que os próprios ladrões peguem, mesmo que estejam no bolso da calça. Isso porque eles podem apertar o gatilho ao acharem que a vítima está puxando uma arma. Se estiverem sob o efeito de drogas, é ainda mais fácil que se precipitem. Outro truque é levar sempre no carro um celular que não tenha mais utilidade. Quando o assaltante me pediu o aparelho, eu disse onde estava o estragado:

- Não fode, rapá! Cadê a carteira?
- Ali.

— E o celular?

— No porta-luvas.

Ele levou meu carro, minha carteira e um celular velho. Ao menos consegui ficar com o novo, que estava no meu casaco. Eu o havia comprado para substituir o que foi levado na primeira vez.

Enquanto fazia o Boletim de Ocorrência na delegacia, me veio à cabeça todo o incômodo para renovar documentos que precisaria enfrentar novamente. Eu ainda tinha meu celular e os dados do meu cartão de crédito estavam salvos no aplicativo para chamar táxi. Chamei um e paguei online, antes de cancelar o cartão.

Já em casa, deitado e me preparando psicologicamente para enfrentar, no dia seguinte, novamente aquela burocracia, meu celular tocou e a chamada era de um número não identificado. Certamente era o Di e se ele me oferecesse ajuda naquele momento para recuperar minhas coisas, dessa vez eu não ia negar. As chances de ele saber onde meu carro foi parar eram grandes.

Em meados de 2007, a gangue dos Bala na Cara ganhou notoriedade pelos violentos assaltos a joalherias e bancos, feitos para financiar o tráfico e a compra de armas. Com o passar do tempo, essa prática foi substituída pelo roubo e furto de carros, que viraram a nova moeda de troca do grupo. Por isso, grande parte dos veículos recuperados em Porto Alegre é encontrada em bairros onde a facção domina. Primeiro o ladrão recebe a ordem, que parte de dentro das cadeias. Ele comete o assalto e entrega o carro ao bando.

— Qual é, escritor?

— Fala aí, Di.

— Tô na rua. Liberdade, caralho!

O Di estava saindo e, caso fosse preso novamente, não voltaria ao Central tão cedo. Isso porque o presídio foi interditado por ordem da justiça e ficou sem poder receber novos detentos

por um bom tempo, a menos que novas vagas fossem abertas. Essa medida provocou a superlotação também de celas das delegacias da cidade, onde os presos se acumularam sem que fosse tomado o cuidado de não misturar integrantes de diferentes facções. Rivais, com contas a acertar, dividindo um pequeno espaço com vários outros criminosos.

Da sociedade em geral o Di também não poderia contar com qualquer tipo de atitude solidária, muito pelo contrário. Para muitos, pessoas como ele devem ser eliminadas o quanto antes, de uma forma ou de outra. Em uma reportagem online sobre a superlotação de celas, abaixo da imagem que mostra os homens se amontoando e reclamando da situação, os comentários dos leitores revelam qual o pensamento predominante:



Segundo meus calculos, ainda cabem ali dentro :

02 Onças pintadas

08 Cascavéis

06 Jararacas

36 Manos da Fação Rival

40 Facas

Bora encher essa latrina !

Naquelas circunstâncias, ele estar saindo de lá era como liberar ao mar um mergulhador de uma gaiola de proteção para observar tubarões, mas fui surpreendido com a sequência da nossa conversa:

— Por isso não me ligou a cobrar? Por ter saído da cadeia?

— Podicrê. Aqui não me falta crédito nem grana. Saca só, quero te contar uma parada. Tô pensando naquela letra que tu me mandou, de sair fora, largar essa vida de correria, do crime.

— Sério, Di? Que bom cara!

— Tu é que tá certo, escritor. A vida loka não compensa. De nada adianta eu tá cheio de plaquê de cem na mão hoje se amanhã eu posso tá com uma bala na cabeça. Se eu continuar no tráfico eu só posso encontrar a morte ou a má sorte.

— É isso aí! Que bom que tu conseguiu perceber isso enquanto ainda há tempo.

— Só não quero virar presunto nem papeleiro pra viver no meio dos cracudo. A real é que sem a ajuda da tua pessoa eu não tenho capacidade pra sair dessa. Tô querendo trocar uma ideia contigo. Pegar uns conselhos e tal pra não me meter em enrascada, tá ligado?

— Porra, Di, tô feliz de verdade com essa notícia, mas minha cabeça tá fervendo agora. Roubaram meu carro há pouco.

— Puta que pariu! Te meteram de novo, porra? Onde foi, mano? Qual é teu carro?

Eu sabia que ele iria atrás de quem me roubou, mas não titubeei em responder. Dei para o Di uma descrição do assaltante, disse onde fui abordado e o modelo do meu carro. Não raciocinei direito naquele momento. Eu só queria as minhas coisas de volta o quanto antes.

— Fica sossegado. Amanhã te dou um toque – disse ele antes de desligar.

Não sei se era um desejo momentâneo ou uma mudança definitiva, mas o Di havia decidido abandonar o mundo do crime. Ele não ser um viciado certamente contou muito em sua decisão. O que eu deixei de falar naquela ligação poderia ter sido crucial na sua mudança de vida. Sinceramente, eu não sei se conseguiria encontrar uma oportunidade para ele aqui fora. A situação está muito difícil até mesmo para quem não é um ex-presidiário. Porém, eu poderia ter dado orientações para seus primeiros passos fora da bandidagem e falado que ele teria meu apoio. Em vez disso, me preocupei em recuperar um carro. Eu não dei o devido valor ao pedido dele por conselhos. Infelizmente, na hora eu não percebi o quanto a minha atitude foi egoísta e desastrosa.

Como prometido, ele me ligou no dia seguinte:

— Tu é feio pra caralho, maluco.

— Como tu sabe?

— Tô vendo aqui na foto da tua carteira de motora. E essa caranga de playboy aqui? Dá pra tirar mó onda.

— Então tu encontrou minhas coisas?

— Tá na mão, dus meu.

— O carro tá inteiro? Tiraram algo dele?

— Nada. Só tinham metido fita isolante na placa pra mudar os número, mas já mandei o malandro que te meteu tirar e ainda fiz ele dar um trato na tua caranga. Tô indo te entregar e ele vai junto. É só tu me dizê onde nós se encontra.

Não hesitei em marcar o encontro para recuperar minhas coisas. De tiracolo eu ainda ia ficar cara a cara com o Di depois de tantas conversas. Ia saber como era pessoalmente aquela pessoa que eu já conhecia muito bem, mas sem qualquer ideia de como seria sua aparência. As únicas características físicas que eu tinha dele eram sua tatuagem de túmulo e o seu jeito rengo de andar, herança da surra que levou quando criança.

Pedi para ele ir sozinho ao meu encontro. Não precisava levar junto o sujeito que me assaltou. O pedido de desculpas dele naquele momento era o menos importante. Porém, o Di insistiu e deu mais um motivo para irem os dois:

— Só se eu for empurrando tua caranga. Não sei dirigir, mano.

O combinado foi de nos encontrarmos no estacionamento de um movimentado supermercado, que fica na Av. Nilo Peçanha. Não sei se foi uma boa escolha. Uma onda de assaltos atinge esse tipo de estabelecimento na cidade. Os criminosos chegam em grupo e fortemente armados nesses comércios onde há apenas um segurança, que por vezes nem arma tem. Levam dinheiro dos caixas e do cofre, além de depenarem os

clientes e o setor de eletrônicos. Os funcionários já reconhecem os bandidos que repetem suas ações nos mesmos locais, sem qualquer temor de serem pegos. Em um caso recente, uma mulher que trabalha no caixa disse que um dos assaltantes se aproximou e perguntou: “Tu tá me reconhecendo?”. Ela respondeu que sim, afinal, ele e seu grupo já haviam assaltado o mesmo supermercado na semana anterior. O criminoso sorriu e ordenou: “Então tu já sabe o procedimento”.

Outro tipo de comércio que vem sendo muito visado pelos atarefados assaltantes de Porto Alegre são as farmácias. Recentemente, um amigo meu estava comprando remédios quando dois homens armados entraram e levaram o dinheiro do caixa. Para fugir, pediram a chave do carro dele que estava estacionado do lado de fora. Como o veículo era automático e eles não conseguiam arrancar, obrigaram meu amigo a ser o motorista da fuga. Circularam por horas com ele enquanto sua filha pequena, que presenciou toda a ação e viu o pai ser levado, chorava e era consolada pelas funcionárias da farmácia.

Em casos como esse é até bom que o local não conte com seguranças. Os coitados, na maioria das vezes, não podem portar arma e ficam em uma sinuca de bico. No dia 15 de maio de 2016, um vigilante foi acionado no meio da tarde para cobrir apenas o horário de almoço de seu colega, que fazia a segurança de uma farmácia. Os poucos minutos em que permaneceu no local lhe custaram a vida. O jovem de 26 anos levou três tiros ao tentar evitar que o estabelecimento, localizado no bairro Tristeza, fosse assaltado. Ele portava apenas um cassetete como equipamento.

A última vez que falei com o Di ele disse que já estavam a caminho e que dentro de 10 minutos eles chegariam ao local marcado. Porém, após isso eu esperei por mais de duas horas e nada do meu carro entrar no estacionamento daquele supermercado. Ele também não ligou, o que me deixou com a clara sensação de que eu havia sido enganado. Naquela noite eu fui dormir achando que o Di sequer tinha encontrado o assaltante. Estava só me enrolando.

O FIM DO COMEÇO

— Alô, Sr. Gabriel?

— Sim, é ele.

— Aqui é capitão Vieira do 11º BPM. Estou ligando pra informar que o seu veículo foi encontrado hoje pela manhã, no bairro Rio Branco.

— Ah, que bom. E quando eu posso pegar?

— Então, vai demorar um pouco pra ele ser liberado.

— Já sei, é a tal da perícia técnica, né?

— Na verdade vai ter que ser feita uma perícia maior.

— Por quê? O que houve com o carro?

— O problema não é o que houve com o veículo, e sim com o que estava dentro dele.

— O que tinha dentro dele?

— Um homem morto.

Fiquei mudo e desliguei o telefone. A ficha começou a cair. Não era apenas um cadáver que por acaso foi parar no banco do meu carro. Esse foi um telefonema que eu nunca queria ter recebido.

Em fevereiro de 2016, um homem não identificado morreu após um confronto com a Brigada Militar. Ele estava com

outro suspeito que não foi encontrado. Por volta das 15h, uma guarnição do 11º BPM deparou com um carro ocupado por dois homens em situação suspeita. Ao consultarem a placa, os policiais constataram que o veículo havia sido roubado. A pé, um dos policiais tentou abordá-los. Porém, ao perceber sua aproximação, o motorista propositalmente o atropelou. Outro policial atirou contra o carro, acertando o lado direito do para-brisas. Com lesões nos braços e pernas, o policial atropelado foi socorrido e levado ao Hospital de Pronto Socorro. Enquanto isso, outra viatura saiu em perseguição aos suspeitos em direção à área central da cidade. Nas proximidades do Parque Moinhos de Vento, os policiais os perderam de vista.

No início da manhã seguinte, um morador do bairro Rio Branco ligou para o 190 e avisou que um carro com marcas de tiros havia sido abandonado em frente à sua casa. No local, a polícia constatou que era o mesmo carro envolvido na perseguição do dia anterior e que um dos homens estava morto no banco do carona.

— É bem provável que o homem que morreu já estivesse no carro e que tenha sido baleado no momento em que o motorista atirou o carro sobre o policial. — disse o delegado plantonista.

O capitão do 11º BPM seguiu a mesma linha de raciocínio:

— É possível que o homem que estava dirigindo, ao ver que o outro ocupante estava morto, tenha abandonado o carro.

O Di nunca mais me ligou. Ficou claro para mim que era ele o homem que foi encontrado morto no banco do meu carro. Não sobreviveu aos tiros efetuados pelo policial. Eles estavam indo ao meu encontro quando tudo aconteceu. Iam devolver minhas coisas e, quem sabe, ele partiria para uma nova etapa em sua vida. Nenhum pertence foi encontrado junto ao corpo. Para não fugir ao hábito, o ladrão que estava com ele pegou tudo antes de abandonar o local. Mais tarde, liguei para a delegacia e perguntei se eles poderiam me revelar a identidade do cadáver,

mas não consegui confirmação para a minha certeza. Antes de desligar na minha cara, a plantonista foi curta e grossa: "E importa? Quem morre de tiro coisa boa não é".

COMPARTILHE CULTURA

Dê sua opinião e ajude a divulgar o livro Presídio Central.
#livros #livroseleitura @dimaiorbooks @gabrielmichels



dimaior.com



dimaiorbooks

ESTA OBRA FOI COMPOSTA NA FONTE GARAMOND E
IMPRESSA EM PAPEL PÓLEN SOFT PELA GRÁFICA IDEOGRAF.